

UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

KARINA ROCHA CAMPOS

**PRÁTICA DESNOTICIOSA E VERIDICÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O SITE
SENSACIONALISTA E O BLOG *THE PIAUÍ HERALD***



ARARAQUARA

2019

Karina Rocha Campos

*Prática desnoticiosa e veridicção: um estudo sobre o site
Sensacionalista e o blog The Piauí Herald.*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara para obtenção do título de Mestra em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Fomento: CNPq.

ARARAQUARA

2019

Campos, Karina Rocha

Prática desnoticiosa e veridicção: um estudo sobre
o site Sensacionalista e o blog The Piauí Herald /
Karina Rocha Campos – 2019

139 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Jean Cristtus Portela

1. semiótica. 2. desnotícias. 3. veridicção. 4.
Sensacionalista. 5. The Piauí Herald. I. Título.

Karina Rocha Campos

**Prática desnoticiosa e veridicção: um estudo sobre o site
Sensacionalista e o blog *The Piauí Herald*.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara para obtenção do título de Mestra em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Fomento: CNPq.

Data da defesa: 08/02/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Membro Titular: Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno

Universidade de Franca (UNIFRAN)

Membro Titular: Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Local: Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais e
ao meu país.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, pela confiança, pelo incentivo e pelos anos de convivência edificante, pacífica e inspiradora. Disse-me as coisas certas nos momentos oportunos.

Ao CNPq, pelo financiamento integral de meu trabalho, que permitiu minha dedicação exclusiva e incansável a ele.

Ao Prof. Dr. Arnaldo Cortina e Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann, pela leitura cuidadosa de meu trabalho, pelas importantes contribuições no Exame Geral de Qualificação e pelas sempre carinhosas palavras de apoio e incentivo.

Aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação da UNESP, pela solicitude, generosidade, gentileza e rapidez. A vida dos estudantes certamente é facilitada pelo eficiente trabalho que desempenham.

Aos queridos amigos da UNESP e do Grupo de Pesquisa em Semiótica, pela constante colaboração e parceria.

Aos queridos amigos de todos os dias, pelo apoio incondicional, pelas palavras de carinho e motivação, pelos puxões de orelha muitas vezes necessários, pelas noites em claro de conversas e jogatinas online.

À Amanda, amiga querida que trilha o mesmo caminho, também pelo apoio incondicional tanto na vida quanto na academia.

Ao Leo, também virtuoso pesquisador, pelo afeto, pelo estímulo e pelo companheirismo de sempre.

E aos meus pais, as pessoas mais importantes da minha vida, pelo amor, pela paciência, pela confiança em mim e pelo porto seguro que representam.

Na era da manipulação em que vivemos, a distância entre a verdade e a certeza, entre o saber e o crer, é particularmente visível. [...] A sociedade da descrença se deixa submergir por vagas de credulidade, se deixa tomar por discursos políticos, didáticos, publicitários, de modo que o saber adquirido sobre as armadilhas do saber se mostra um antídoto absolutamente ineficaz. [...] a certeza, sanção suprema a qual deve se submeter o discurso verídico, é um conceito relativo e gradual, e a fé, uma coisa frágil. [...] é preciso constatar que as pessoas não creem, embora continuem acreditando.

(Greimas, 2014, p. 124-125)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar os elementos discursivos utilizados por um site e um blog humorísticos cujo foco é a simulação da realidade na veiculação de notícias falsas, o *Sensacionalista* e o *The Piauí Herald*. Tendo como base a teoria semiótica clássica desenvolvida por Algirdas J. Greimas (1966, 1979, 1993, 2014) e colaboradores, difundida em território nacional a partir dos estudos de José Luiz Fiorin (1996, 2005), Diana Luz Pessoa de Barros (2002, 2005) e outros, investigou-se como se dão os novos contratos veridictórios estabelecidos entre enunciador e enunciatário nos textos chamados *desnoticiosos*, bem como os mecanismos enunciativos que instauram neles os distintos estatutos veridictórios de verdade, falsidade, segredo e mentira. A partir dos novos desdobramentos da teoria presentes nos estudos de Jacques Fontanille (1987, 1999, 2008, 2015), delineou-se uma definição de gênero desnoticioso, levando em conta a emulação de elementos do gênero jornalístico, esmiuçados por Nilton Hernandes (2006). Foram demonstrados também os modos de incorporação do já-dito nas *desnotícias* a partir dos procedimentos de intertextualidade e interdiscursividade, essenciais à leitura dos textos escolhidos para estudo. Por fim, o presente trabalho procurou estabilizar as formas mais recorrentes na composição das *desnotícias* a partir das operações da práxis enunciativa, presentes ainda nos estudos de Jacques Fontanille. Dessa forma, pode-se apreender as semelhanças e diferenças de composição de ambos veículos, inclusive no que se refere ao estilo das inteligências enunciativas responsáveis por cada um deles.

Palavras-chave: desnotícias; veridicção; Sensacionalista; The Piauí Herald.

ABSTRACT

The present work analyzes the discursive elements employed by *Sensacionalista* and *The Piauí Herald*, two comedic websites whose focus is to parody reality through the publication of fictitious news. Based on classical semiotic theory developed by Algirdas J. Greimas (1966, 1979, 1993, 2014) and collaborators, diffused in national territory through the studies of José Luiz Fiorin (1996, 2005), Diana Luz Pessoa de Barros (2002), (2005) and others, it is investigated how the new veridiction contracts are established between enunciator and enunciatee in the texts so called *desnoticiosos*, as well as how the enunciative mechanisms establish in them the distinct veridiction statutes of truth, falsehood, secrecy and lie. The new developments of the theory presented by Jacques Fontanille's (1987, 1999, 2008, 2015) work also outlines a definition of gender, accounting the emulation of elements of the journalistic genre as described by Nilton Hernandez (2006). It also demonstrates how intertextuality and interdiscursivity are key elements in the formation of these texts, being essential to their reading and understanding. Finally, the present work seeks to stabilize the most recurrent forms in the composition of the *desnotícias* through the operations of enunciative praxis, which is also featured in Fontanille's work. In this way, it is possible to apprehend the organization similarities and differences of both vehicles, including the style of enunciative intelligences responsible for each one them.

Key-words: desnotícias; veridiction; Sensacionalista; The Piauí Herald.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Axiologias	22
Figura 2 - Modelo triangular das instâncias da cena interpretativa.....	28
Figura 3 - Quadrado semiótico	67
Figura 4 - Esquema dos modos de existência.....	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Operações de correlação direta	85
Gráfico 2 - Operações de correlação inversa.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos textuais	21
Tabela 2 - Atos de linguagem.....	22
Tabela 3 - Levantamento do ano de 2018.....	41
Tabela 4 - Tags "Cotidianas" do site <i>Sensacionalista</i>	42
Tabela 5 - Tags "Sociopolíticas" do site <i>Sensacionalista</i>	43
Tabela 6 - Tags "Cotidianas" do blog <i>The Piauí Herald</i>	43
Tabela 7 - Tags "Sociopolíticas" do blog <i>The Piauí Herald</i>	44
Tabela 8 - Desnotícias selecionadas para análise	46
Tabela 9 - Transformações tensivas	84
Tabela 10 - Posições do devir existencial.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Capítulo 1: A desnotícia: gênero, prática interpretativa e suporte	18
1.1 O gênero (des)noticioso	18
1.2 O site <i>Sensacionalista</i>	30
1.3 O blog <i>The Piauí Herald</i>	34
1.4 Acerca do recorte	38
Capítulo 2: Balizas teóricas da análise: intertextualidade, veridicção e práxis enunciativa	47
2.1 Semiótica e mídia	47
2.2 A questão do intertexto e do interdiscurso	56
2.3 Enunciação e veridicção	62
2.4 Desdobramentos fontanillianos: enunciação e práxis enunciativa	76
Capítulo 3: Análises das desnotícias	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
BIBLIOGRAFIA	130
ANEXOS	134

INTRODUÇÃO

O terreno dos estudos midiáticos sempre foi fértil para a aplicação da semiótica. Detentora de uma metodologia robusta de análise de textos, também enveredou pelos caminhos das paixões, da fenomenologia e pelo polêmico “lado de fora” dos textos. Tais novos desdobramentos da teoria permitiram que diferentes níveis pertinentes à experiência semiótica pudessem ser analisados também como semióticas-objeto, complementando assim a compreensão de seus sentidos.

No presente trabalho, interessa-nos as chamadas *desnotícias*. Trata-se de textos humorísticos veiculados por sites e blogs que procuram emular o estilo¹ de grandes portais de notícia e de jornais de prestígio em sua versão virtual. Apesar de serem textos sincréticos, o que nos interessa é sua dimensão verbal. Nas manchetes e reportagens, os veículos “desnoticiosos”² mesclam humor, realidade e ficção, criando textos capazes de oscilar entre a realidade do cotidiano e o absurdo de “fatos” cujo regime de crença não se sustenta na relação entre enunciador e enunciatário. Os mecanismos discursivos presentes nesses enunciados chamam atenção por conta dos muitos efeitos de sentido neles empregados, que vão desde o nível matérico dos veículos até as minúcias argumentativas e modais presentes nos textos. A fim de investigar tais mecanismos, decidiu-se escolher como objetos de estudo dois veículos desnoticiosos de destaque em atividade no Brasil: o site *Sensacionalista* e o blog *The Piauí Herald*.

Site e blog existem ambos desde o ano de 2009, porém a prática de criar textos humorísticos falsos e veiculá-los como se fossem notícias “reais” é antiga. Em 1988, inaugurou-se nos Estados Unidos o jornal *The Onion*, criado especificamente com o intuito de servir como uma fonte satírica de notícias, inaugurando e popularizando a prática. Atualmente, o jornal é veiculado apenas virtualmente e é considerado como o mais antigo do gênero³.

O site *Sensacionalista* foi escolhido como objeto de estudo por conta de sua grande popularidade, posto que está presente nas mais diversas redes sociais e produz textos para alguns dos mais prestigiosos jornais e revistas do país. Compartilhado diariamente por milhares de pessoas nas redes sociais, o site figura como um dos mais importantes portais desnoticiosos

¹ O estilo é aqui entendido como definiu Fiorin (1999, p. 31) baseado nos estudos de Denis Bertrand (1985, p. 412): “O conjunto das recorrências formais tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo (manifestado, é claro) que produzem um efeito de sentido de individualização”.

² Ao longo do trabalho, vamos empregar o neologismo “desnoticiar” e seus derivados para designar a prática da desnotícia.

³ Disponível em: www.theguardian.com/culture/2017/aug/28/the-onion-in-the-age-of-trump-what-we-do-becomes-essential-when-its-targets-are-this-clownish. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

do Brasil. Já o blog *The Piauí Herald* é um veículo desnoticioso de menor expressão, porém não de menor importância. Parte integrante da *Revista Piauí*, o blog produz desnotícias com um humor aparentemente mais refinado, lançando mão de estratégias diferentes das do site. Tais características chamaram-nos atenção, motivando sua escolha como segundo objeto de estudo da pesquisa.

No primeiro capítulo do presente trabalho, intitulado “A desnotícia: gênero, prática interpretativa e suporte”, trataremos dos dois objetos de estudo apresentados, sempre atentos aos diferentes modos de desnoticiar que ambos veículos proporcionam. Nele, refletiremos primeiramente acerca da prática desnoticiosa como gênero, levando em conta a influência do gênero jornalístico na composição dos textos, e, alicerçados nos estudos de Jacques Fontanille (1999), procuraremos delinear uma definição para a prática a partir das configurações e particularidade de cada um dos veículos. Em seguida, analisaremos pormenorizadamente os elementos que compõem os objetos-suportes em que os textos desnoticiosos estão inscritos, a fim de compreender como esses elementos têm impacto na criação de sentido. Por fim, na última seção desse capítulo, a seção “1.4 Acerca do recorte”, discorreremos acerca do *córpus* e de todos os procedimentos adotados para segmentá-lo a fim de que chegássemos aos textos finais a serem aqui analisados.

Tais textos, integralmente presentes no capítulo final deste trabalho, foram extraídos por amostragem de um recorte maior, compreendido pelas desnotícias produzidas nos quatro primeiros meses do ano de 2018. Nesse período, site e blog veicularam trezentas e sessenta e nove desnotícias entre janeiro e abril ao total. A fim de eleger uma amostra representativa da produção de ambos veículos para fins de análise, dois procedimentos de segmentação foram adotados. Primeiramente, as trezentas e setenta e nove desnotícias foram submetidas a uma análise preliminar que revelou duas temáticas predominantes nos textos: as desnotícias ora tratavam sobre temas cotidianos, ora tratavam sobre temas sociopolíticos. Nessa primeira grande segmentação aplicada ao *córpus* revelou-se também um dado importante quanto à produção desnoticiosa de ambos os veículos: enquanto o *Sensacionalista* produzia desnotícias cotidianas e sociopolíticas na mesma medida, o blog *The Piauí Herald* priorizava a produção de textos sociopolíticos. Esse dado foi imprescindível tanto para o recorte final dos textos e quanto para a compreensão da natureza desse veículo desnoticioso.

Em seguida, um procedimento de subtematização foi utilizado para elencar quais temas eram mais tratados em cada um dos segmentos. Assim, instituíram-se as chamadas *tags*, que foram capazes de revelar as preferências temáticas de cada um dos veículos. Todos os resultados obtidos nesse procedimento foram relatados ao final do primeiro capítulo, na já citada seção

1.4. O que deve ser adiantado, porém, é que a partir de um recorte baseado em amostragem, definiu-se o número final de seis textos a serem analisados no presente trabalhos: quatro do site *Sensacionalista* e dois do blog *The Piauí Herald*.

Já no segundo capítulo, intitulado “Balizas teóricas da análise: intertextualidade, veridicção e práxis enunciativa”, discorreremos acerca dos principais alicerces teóricos necessários à leitura e à análise das desnotícias. Sabe-se que são as subversões enunciativas as responsáveis pela viabilidade do desencadeamento do humor que os textos desnoticiosos proporcionam e, a partir dos diversos programas modais construídos pelos enunciadores, diferentes estatutos veridictórios são organizados nos textos, o que nos leva à problemática da veridicção.

A semiótica estuda a “verdade” apenas como efeito de sentido empregado nos textos que necessita de um acordo tácito entre os dois sujeitos da enunciação – enunciador e enunciatário – para surtir os resultados desejados. Assim, serão analisadas as modificações enunciativas que envolvem o domínio do *parecer* e/ou do *não-parecer* e o domínio do *ser* e/ou do *não-ser*. As combinações possíveis entre elementos dos dois esquemas podem culminar nas relações de *verdade*, *mentira*, *falsidade* e *segredo* presentes nos textos desnoticiosos.

As quebras de cláusulas estabelecidas entre enunciador e enunciatário dentro do contrato veridictório ocasionam os desalinhos responsáveis por denunciar o real estatuto das desnotícias, porém nos interessa também observar como se dão as novas cláusulas, responsáveis por construir textos sabidamente mentirosos ou falsos, mas ainda assim sancionados pelos enunciatários. Em outras palavras, deseja-se compreender como são construídos os enunciados humorísticos e quais elementos evocados pelos enunciadores têm o poder de desencadear o humor nos textos.

Ademais, há também a presença da intertextualidade e da interdiscursividade nos textos desnoticiosos. Compreendendo texto e discurso como “todos organizados de sentido” pertencentes a planos diferentes, como definiu Fiorin (2012, p. 154), encaramos o texto como a manifestação de um discurso e o discurso, por sua vez, uma implicação anterior a ele. Assim, ambos figuram como elementos-chave no momento da leitura das desnotícia. Pretende-se aqui, portanto, observar as estratégias de apropriação de textos veiculados pela mídia e analisar como são integrados às desnotícias os intertextos e os interdiscursos, inclusive no que concerne à prática interpretativa, que, segundo o percurso gerativo da expressão concebido por Jacques Fontanille (2015), pode levar essa problemática a outro nível de pertinência. Além disso, outros mecanismos discursivos envolvidos na persuasão e convencimento do enunciador serão analisados, como estratégias argumentativas, figuras de pensamento, dentre outros.

A práxis enunciativa, compreendida como instância intermediária entre a virtualização e realização das formas discursivas, poderá lançar luz aos elementos mais utilizados pelos enunciadores de ambos veículos desnoticiosos. Utilizando as tipologias e as transformações tensivas referentes a esse domínio, presentes nos estudos de Jacques Fontanille (2015), será possível estabilizar e sistematizar tais elementos, revelando as sutilezas de sentido e de humor das quais os enunciadores lançam mão.

Por fim, o terceiro capítulo procurará reunir todos esses postulados teóricos para analisar o *corpus* selecionado para este trabalho. Como se sabe, há uma diferença substancial quanto à produção de ambos veículos, posto que um prioriza a confecção de desnotícias de tema sociopolítico enquanto o outro diversifica seus textos, abordando também assuntos do cotidiano. Esse dado possibilita que as inteligências enunciativas responsáveis pela concepção das desnotícias e da configuração do veículo como um todo sejam analisadas mais de perto, posto que suas escolhas temáticas revelam também suas preferências. A partir das análises propriamente ditas, será possível confirmar ou refutar a hipótese de que os veículos desnoticiam de modo diferente, levando em conta também a análise dos objetos-suportes em que se inscrevem, bem como os traços do *éthos*⁴ dos enunciadores.

Assim, espera-se que na confluência de todos esses elementos seja possível esmiuçar a prática desnoticiosa de ambos os veículos, abordando suas principais estratégias paródicas e de estilização no que concerne jornais e outras unidades noticiosas de prestígio, as organizações discursivas que permitem que os textos desnoticiosos oscilem entre o absurdo de notícias fictícias e a realidade do cotidiano, suas configurações e particularidades capazes de definir a prática como gênero e a intencionalidade das inteligências enunciativas que circulam valores diferentes entre si.

⁴ *Éthos*, aqui, define-se como uma “identidade de comportamento” (SCHWARTZMANN, 2009, p. 97), isto é, a regularidade num conjunto de procedimentos que caracteriza as dadas inteligências enunciativas das desnotícias. Tal definição para o conceito vem da inserção da noção de formas de vida no percurso gerativo da expressão concebido por Jacques Fontanille em *Pratiques sémiotiques* (2008). O presente trabalho, porém, não trabalha com as formas de vida propriamente ditas.

Capítulo 1: A desnotícia: gênero, prática interpretativa e suporte

As desnotícias já figuraram como objeto de estudo de pesquisas anteriores a esta, porém, faz-se necessário delinear, à luz dos postulados semióticos, as principais configurações dessas notícias humorísticas falsas que ganharam espaço na Internet, nas redes sociais e também nas mídias tradicionais. Neste capítulo, o *córpus* será esmiuçado a fim de que tais delineamentos sejam possíveis.

Primeiramente, serão arroladas reflexões acerca das propriedades genéricas das desnotícias, levando em conta o modo de entendimento da semiótica sobre a problemática; na esteira dessas reflexões, alguns aspectos referentes ao humor também serão explorados, posto que se trata da força motriz dessas produções. A prática interpretativa, do modo como pensou Fontanille em *Pratiques Sémiotiques* (2008), também fará parte da discussão sobre o gênero desnoticioso, pois integra a discussão acerca de um mecanismo de funcionamento essencial às desnotícias, a intertextualidade e interdiscursividade, a partir de outro nível de pertinência que não o dos textos-enunciados. Entende-se que o gênero se trata da confluência entre o texto, o suporte em que se inscreve e a prática em questão.

Em seguida, trataremos de ambos veículos no que diz respeito à produção mensal, à regularidade de postagens, aos temas mais tratados, à organização hipertextual dos textos, à disposição das manchetes e imagens no objeto-suporte, aos elementos visuais, aos elementos extratextuais, dentre outros. Por fim, explicaremos como se deu a segmentação do *córpus* e quais foram os critérios adotados para a escolha dos textos analisados ao fim deste trabalho.

1.1 O gênero (des)noticioso

A fim de discutir a estabilização de um novo gênero discursivo proveniente da prática desnoticiosa é preciso antes que a concepção de gênero em semiótica seja abordada. Discorrer acerca dessa noção a partir de pressupostos teóricos da semiótica greimasiana envolve admitir que, por muito tempo, a questão foi deixada de lado por não estar completamente alicerçada num projeto de caráter imanentista. O entendimento de Greimas e Courtès acerca do conceito, presente no *Dicionário de Semiótica* (1979), revela que a categorização dos tipos de textos leva em conta “critérios de natureza socioletal”, sustentados pelo “relativismo cultural” e por “postulados ideológicos implícitos” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 202). Ou seja, para Greimas, a problemática do gênero envolve elementos que não são passíveis de ser

generalizados dentro dos textos propriamente ditos, o que foge ao projeto hjelmsleviano fundador da disciplina.

Assim, a semiótica greimasiana, como disciplina que busca reconhecer e sistematizar elementos generalizáveis dentro dos textos, encontrou problemas com a questão do gênero desde sua gênese. Portela e Schwartzmann (2012, p. 73), ao comentar o estatuto do gênero dentro das teorias linguísticas e o já citado entendimento de Greimas acerca do conceito, afirmam:

[...] tal ponto de vista teórico, que se distancia do projeto imanentista como pensado na época, perderia em cientificidade, pois, em uma abordagem não imanente, na visão de Greimas, os gêneros são definidos por dados extrínsecos e flutuantes – flutuantes porque, a cada época, as variáveis socioculturais podem mudar, mudando a classificação do gênero.

No *Dicionário*, Greimas opõe à “teoria dos gêneros”, definida por dados extrínsecos e flutuantes, uma “tipologia dos discursos”, essa sim de caráter imanentista que procura “constituir-se a partir das propriedades formais específicas” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 202). De acordo com Portela e Schwartzmann (2012, p. 73), apenas uma tipologia dos discursos comprometida com o pensamento estrutural, como postulou Greimas, colaboraria cientificamente com a questão do gênero.

Tal teoria veio, anos depois do que postulou Greimas, a partir das reflexões de Jacques Fontanille, sempre alicerçado nas bases epistemológicas de tradição greimasiana. O autor francês repensou não apenas a questão do gênero, eventualmente encontrando uma saída para ela, mas também buscou fora do texto novos níveis de pertinência para a análise semiótica, que também se mostrarão muito frutíferas na sistematização de uma teoria dos gêneros.

Ao estabelecer níveis de pertinência próprios do plano da expressão, repensando a famosa frase de Greimas “fora do texto não há salvação”, Fontanille criou um novo modelo de análise que se baseia num percurso que vai do nível mais elementar, o dos signos, até o nível mais complexo, o das formas de vida; entre eles estão o nível dos textos-enunciados, dos objetos, das práticas e das estratégias. Assim, foi incluído ao rol teórico-metodológico da semiótica meios de complementar a análise dos textos, permitindo que o analista também olhasse para outros aspectos que circundam o texto, como o objeto-suporte em que se inscreve, a cena prática que o organiza e as estratégias que levam a uma recorrência de composição, culminando nas formas de vida.

A saída que o autor encontrou para a questão do gênero veio antes da criação desse novo modelo, o que significa que ela explora, majoritariamente, o nível de pertinência dos textos-

enunciados, que era o único que a semiótica de tradição greimasiana havia explorado satisfatoriamente. Depois da contribuição de Fontanille, a abordagem semiótica ganhou complexidade, pois passou a contar com formas de analisar também os processos de construção da significação da semiótica-objeto. O desenvolvimento da teoria do gênero de natureza semiótica se deu a partir da confluência entre três níveis de pertinência do percurso gerativo da expressão: o dos textos-enunciados, dos objetos-suportes e das práticas (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 82-3).

No nível dos textos-enunciados, como afirmam Portela e Schwartzmann (2012, p. 74), Jacques Fontanille admitiu a dificuldade em organizar propriedades extratextuais variáveis e flutuantes, e propôs uma sistematização na descrição dos tipos de textos “na medida em que ele busca precisar o nível de pertinência e o plano (conteúdo ou expressão) em que os elementos caracterizantes dos textos se encontram” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 74).

Ainda segundo os dois autores (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 75), Fontanille, em *Sémiotique et Littérature* (1999), diferenciou texto de discurso, porém não de modo que caracterizassem duas semióticas diferentes, mas sim “dois pontos de vista sobre um mesmo fenômeno” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 75). O autor faz essa diferenciação com o propósito de estabelecer critérios textuais e discursivos no momento da organização de um determinado gênero. O trecho a seguir sintetiza essa questão (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 75):

Na maneira como Fontanille constrói seu raciocínio, fica evidente que a realização concreta de um discurso (ato e produto) dar-se-ia, portanto, na forma de um texto. Desse modo, um gênero seria a reunião de um tipo de texto e de um tipo de discurso, união que produziria “formas estereotipadas” ou, ainda, “formas prototípicas” de gênero.

Em *Sémiotique et littérature* (1999, p. 162), ao afirmar que os gêneros são constituídos a partir da reunião de um tipo textual e um tipo discursivo, Fontanille define o que caracteriza um determinado tipo textual e determinado tipo discursivo baseado em três conceitos-chave: a coesão, a coerência e a congruência. A coesão caracteriza o texto, ou seja, dá conta dos segmentos textuais, a coerência caracteriza o discurso, apontando para uma intencionalidade deste, e a congruência, responsável por reger coesão e coerência, confere um efeito global de totalidade de sentido. A estabilização dessas duas primeiras variáveis, que, quando realizadas de forma satisfatória, culminam num gênero estabilizado (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 76).

Fontanille (1999, p. 163) afirma que a coesão dos tipos textuais procura apreender as “constantes do plano da expressão”, de modo que se possa observar como se dá o fechamento e a homogeneidade do texto em questão. Para fins de análise, o autor elaborou uma classificação que conta com os critérios de longo *vs.* breve e fechado *vs.* aberto. Sobre esse aspecto, Portela e Schwartzmann (2012, p. 77) afirmam:

A primeira classificação (longo *vs.* breve) pressupõe uma norma sociocultural (e uma prática semiótica) e, assim, uma espécie de escala de avaliação exterior (o cânone sendo um bom exemplo desse tipo de baliza). Tal critério impõe também, na escrita, “um andamento interno da enunciação” que está relacionado diretamente à duração da história ou do acontecimento narrado. A segunda classificação (fechado *vs.* aberto) tem bases diretas na relação que há entre o que Fontanille chama de “unidade de leitura” e “unidade de edição”. A “unidade de leitura” é a reunião de constantes do plano da expressão que, se coesas, dão sentido a um “todo organizado”. Já a “unidade de edição” seria justamente o recorte que se faz dessas constantes da expressão. Se a “unidade de edição” coincidir com a “unidade de leitura”, a leitura só será possível no interior de determinado “recorte”. No entanto, se as unidades não coincidirem, a leitura não se limitará ao todo, permitindo assim que partes sejam lidas (tenham sentido) também isoladamente.

Esses critérios, quando combinados, produzem quatro propriedades diferentes de tipos textuais: “(1) no tipo longo e aberto, temos a **recursividade**; (2) no tipo longo e fechado, temos o **desdobramento**; (3) no tipo breve e aberto, temos a **fragmentação**; (4) no tipo breve e fechado, temos a **concentração**” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 77). A tabela a seguir, retirada Portela e Schwartzmann (2012, p. 78), sistematiza de modo mais claro cada um dos tipos textuais:

	Longo	Breve
Aberto	Recursividade	Fragmentação
Fechado	Desdobramento	Concentração

Tabela 1 - Tipos textuais

Acerca da coerência dos discursos, Fontanille (1999, p. 164) afirma que os tipos discursivos se definirão a partir de dois critérios principais: o das **modalidades de enunciação**, que dará conta dos contratos entre os sujeitos da enunciação, os tipos de atos de linguagem e as modalizações dominantes, e o das **axiologias e formas de avaliação do discurso**, que dará conta dos tipos de valores propostos e de suas condições de atualização e reconhecimento dentro do discurso.

A tabela e figura a seguir, retiradas ainda do capítulo *A noção de gênero* (2012, p. 69-95), sistematizam cada um dos dois critérios: os atos de linguagem e as formas de avaliação do discurso:

Modalizações	Assumir e aderir	Querer e dever	Saber e poder	Ser e fazer
Atos de linguagem	Persuasivo	Incitativo	De habilitação	De realização

Tabela 2 - Atos de linguagem

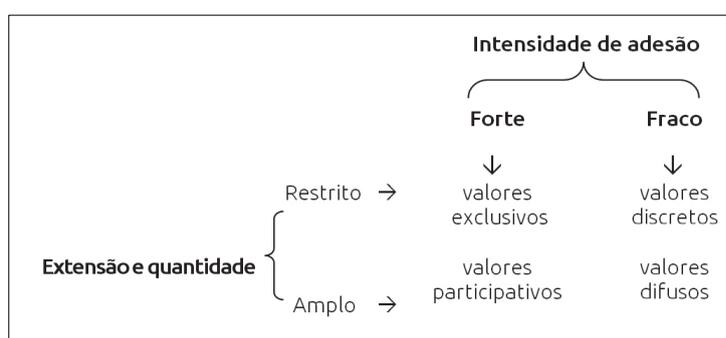


Figura 1 – Axiologias e formas de avaliação do discurso

Segundo Fontanille (1999, p. 165), cada tipo de ato de linguagem pode ter uma modalidade dominante, que produz um subtipo de ato de linguagem. Por exemplo, o discurso *incitativo*, cujas modalizações são o *querer* e o *dever*, pode desdobrar-se em um discurso prescritivo, em que a modalização do *dever* é predominante. Segundo Portela e Schwartzamann (2012, p. 79), as bulas de remédios são bons exemplos de discurso prescritivo, posto que as informações contidas ali são recomendações do fabricante do medicamento ao modo como os pacientes devem utilizá-lo. Da mesma forma, manuais didáticos são exemplos de discurso de aprendizagem, desdobrado dos discursos de *habilitação*, modalizados pelos *saber* e *poder*. No caso dos manuais, a predominância é do *saber-fazer*, já que se propõem a ensinar determinada técnica ou atividade (PORTELA; SCHWARTZAMANN, 2012, p. 79).

Já as axiologias e as formas de avaliação do discurso foram pensadas para apreender a *intensidade* de adesão dos sujeitos aos discursos a que são expostos e a *extensão*, ou número de manifestações concretas, de seus valores. Como afirmam Portela e Schwartzmann (2012, p. 80), a combinação entre intensidade de adesão e extensão/quantidade de manifestações dos valores pode resultar em tipos discursivos diferentes.

Segundo a Figura 1, a combinação entre *forte* intensidade de adesão e *restrita* de extensão resulta na circulação de **valores exclusivos**, que focalizam e valorizam sempre a mesma temática ou figura, dando ênfase a uma atitude específica como ocorre nos discursos militantes. Já os **valores discretos** combinam *fraca* intensidade de adesão e *restrita* extensão, tendendo à nulidade, posto que os valores circulados não são abrangentes e nem são aderidos com intensidade. O tipo de discurso decorrente dessa combinação é o humorístico, pois presta-se a desvalorizar ou enfraquecer valores convenientes. Os **valores difusos e participativos** têm a *ampla* extensão em comum, porém o primeiro conta com uma *fraca* intensidade de adesão, enquanto esta, no segundo, é *forte*. Assim, pode-se reconhecer o discurso romanesco em valores que atingem sua máxima projeção, os valores participativos, e sua versão mais realista nos valores difusos, amplamente assumidos, porém com muita fragilidade (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 81).

A emergência do gênero se dá na intersecção entre as características da coesão, da ordem textual, e da coerência, da ordem discursiva. Tais intersecções permitem muitas combinações entre si, portanto possibilitam também a criação de diversos gêneros. A esse respeito, Portela e Schwartzmann (2012, p. 81) entendem que:

É graças a essa riqueza de combinações que podemos falar naturalmente, por exemplo, da dimensão trágica de um poema ou da dimensão épica de um romance. O tipo discursivo projeta para fora de sua esfera genérica suas formas enunciativas, seus valores e, até mesmo de maneira mais ampla, uma concepção de mundo e a forma de um imaginário particulares.

Isto posto, possibilita-se uma análise mais detida das configurações textuais e discursivas do que seria o gênero desnoticioso à luz das contribuições fontanillianas.

Sabe-se que as desnotícias são veiculadas como *notícias fictícias*, isto é, são compostas primariamente a partir de elementos amplamente utilizados por unidades noticiosas comuns, como reportagens de jornais de prestígio ou de portais virtuais de notícias. E, para que se chegue a uma definição do gênero desnoticioso a partir das contribuições de Fontanille, é preciso que se investigue como o gênero jornalístico pode ser definido à luz dos mesmos preceitos teóricos, a fim de estabelecer semelhanças entre as duas práticas.

No que diz respeito à coesão, o tipo textual predominante nas notícias é o da concentração, pois trata-se de um texto de breve extensão cuja unidade de leitura é equivalente à unidade de edição. Esse aspecto é um dos que as desnotícias procuram emular de modo muito parecido, o que acaba resultando em textos desnoticiosos também de tipo concentrado. Quem escreve a notícia – ou a desnotícia – a concebe como uma narrativa curta em que todos os

acontecimentos já estão dados, configurando, portanto, um texto breve e fechado. Em termos de coesão, notícia e desnotícia se equivalem.

A coerência, porém, não é a mesma. No primeiro critério de avaliação do tipo discursivo, aquele que diz respeito às modalidades de enunciação, pode-se dizer que as notícias comuns exploram majoritariamente as modalizações do *saber* e do *poder*, configurando um ato de linguagem de *habilitação*; como visto, a predominância da modalização do *saber* produz discursos informativos, que são aqueles que os jornais de prestígio e os portais de notícias buscam realizar. É comum também encontrar jornais que exploram as modalidades do *querer* e do *dever* estar informado, configurando um ato de linguagem incitativo⁵.

Os elementos utilizados no momento da composição das notícias evidenciam tais atos de linguagem, como, por exemplo, o *lead*. Segundo Nilton Hernandez (2006, p. 60), trata-se da sequência que “deve responder às perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê”. As respostas a essas perguntas relatam rapidamente o fato principal logo no primeiro parágrafo e só são evitadas em revistas semanais, que procuram fazer com que as notícias não pareçam velhas.

Ademais, os efeitos de atualidade e de distanciamento também são utilizados para que a intencionalidade de *informar* não seja desvirtuada. O efeito de atualidade é utilizado nas unidades noticiosas para que as manchetes e reportagens pareçam presentificadas, e para isso utilizam verbos no presente que instauram o efeito de “presente elástico” (HERNANDES, 2006, p. 55). Já o efeito de distanciamento, como o uso da terceira pessoa, é uma estratégia comum de caráter “argumentativo-persuasiva que instaura no discurso o efeito de sentido de adequação do real” (HERNANDES, 2006, p. 31). O autor também afirma que “o uso de fotografias, diálogos e filmagens são lançadas a partir dessa realidade que se manifesta, nunca selecionadas por alguém de carne e osso” (HERNANDES, 2006, p. 31).

Nas desnotícias, todos esses elementos também são utilizados pelos enunciadores. Como se verá, os textos desnoticiosos exploram o conceito de *lead*, bem como os efeitos de atualidade e distanciamento tão comuns ao gênero jornalístico. A utilização em larga escala da terceira pessoa e de fala de interlocutores confere às desnotícias a impressão de que os acontecimentos se manifestam sozinhos, sem a interferência de uma inteligência enunciativa que os concebe. Ademais, também se vê o “presente elástico” sendo aplicado às manchetes,

⁵ Em 2012, o *Estadão* estreou o seguinte *slogan*: “Quer saber? Estadão”. Assim, o enunciador modaliza seu enunciatário a partir de um discurso incitativo, de alguém que *quer* estar informado, por isso lê o *Estadão*. Fonte: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estadao-estreia-nova-campanha,107315e>. Acesso em: 23 dez. 2018.

para que as desnotícias não pareçam antigas. Assim, os enunciadores desnoticiosos emulam de maneira quase idêntica esses elementos que tão bem caracterizam a prática jornalística; no entanto, o que faz uma desnotícia revelar-se *mentirosa* ou *falsa* encontra-se nas sutilezas de composição dos textos, que procuram subverter valores essenciais ao enunciado levando à quebra de cláusulas do contrato veridictório normalmente estabelecido entre enunciador e enunciatário originalmente modalizados por um discurso de habilitação.

As modalizações predominantes em sites e blogs desnoticiosos são as do *assumir* e do *aderir*, pois, assim como o enunciatário de romances policiais aceita ser enganado pelas pistas em determinados momentos da narrativa, o enunciatário da desnotícia se dá conta de que o que está prestes a ler se trata de uma notícia fictícia, deixando-se persuadir pelas manchetes e reportagens falsas. O próprio *slogan* do site *Sensacionalista* configura um protocolo de abertura que mobiliza tais modalizações ao afirmar logo de cara que é “isento de verdade”. Nesse momento, o contrato veridictório é requalificado, pois, a partir da instalação de uma evidente ambiguidade, explicita-se que os discursos a serem proferidos ali podem estar, ou não, ao modo do não-ser e do não-crer-ser verdadeiros. Caso o “de verdade” seja compreendido como um complemento nominal de “isento”, entende-se que o site não veicula verdade alguma em seus textos, porém, caso o “de verdade” seja interpretado como um advérbio, entende-se que o site é livre de enviesamentos. Além disso, como se verá, o ato de linguagem persuasivo que praticam os enunciadores de cada um dos veículos é reafirmado também nas estratégias discursivas presentes nas composições desnoticiosas.

No segundo critério de avaliação dos tipos discursivos, o das axiologias e formas de avaliação dos discursos, pode-se afirmar que existem jornais comuns cujos valores variam entre si. Veículos cuja orientação é mais clara podem conter valores exclusivos, fortes e restritamente marcados, como a *Carta Capital* e a *VEJA*. Outros, como o *G1* e o *R7*, cuja função é atuar como um portal de notícias, tem sua extensão mais ampla, assim como fraca intensidade de adesão do enunciatário, configurando um portal de notícias de valores difusos.

Os portais desnoticiosos, à primeira vista, contam com a combinação fraca de intensidade e restrita no que diz respeito à extensão, resultando em um tipo discursivo cujos valores são discretos. Portela e Schwartzmann (2012, p. 80) vão ao encontro dessa reflexão, como já visto, ao afirmar que discursos humorísticos ou do absurdo mobilizam valores que “tendem à nulidade, e que são pouco abrangentes e assumidos muito fragilmente”, posto que são todos da ordem da derrisão. Há, porém, diferenças entre ambos veículos desnoticiosos assim como há diferenças entre veículos noticiosos comuns. Nas próximas seções, as características

do site e do blog serão esmiuçadas, revelando detalhes que poderão auxiliar na compreensão dos tipos de valores veiculados por cada um.

Assim, observa-se que coesão e coerência estão bem estabilizadas sob a congruência do gênero jornalístico, apesar das particularidades entre jornais. Nas desnotícias, por outro lado, ainda há o que ser explorado na medida em que sua completa composição é desvendada com o desenvolvimento do trabalho. Espera-se que a análise dos dados quantitativos referentes às temáticas preferidas pelo site e blog revelem novas e distintas configurações das axiologias, auxiliando a estabilização entre coesão e coerência e chegando, ao fim, numa configuração definitiva da organização dos textos-enunciados pertencentes ao gênero desnoticioso.

Porém, como se viu, um gênero se dá na confluência de três níveis de pertinência: o dos textos-enunciados, o das práticas e dos objetos-suportes. Até aqui, foram exploradas as configurações possíveis referentes ao nível de pertinência dos textos-enunciados; a seguir, será explorado o nível das práticas, mais especificamente a prática interpretativa, cujo papel é essencial na leitura das desnotícias. A partir dela, será possível levar a problemática da intertextualidade e da interdiscursividade, tão essenciais às desnotícias, para outro nível de pertinência.

Práticas interpretativas

O nível de pertinência das práticas envolve cenas predicativas que circunscrevem determinada prática discursiva; as cenas se organizam em torno de um ato e cada ato é dotado de uma estrutura predicativa. Fontanille integra a essa noção os já conhecidos fazeres interpretativo e persuasivo como práticas, complexificando a questão do contrato fiduciário ao levá-lo para outro nível de pertinência. Segundo o autor:

Consideradas como práticas, o fazer persuasivo e o fazer interpretativo não são mais atos simétricos, eles não se apoiam na mesma disposição fiduciária. O fazer persuasivo é um produtor de enunciados (ou qualquer outra forma semiótica) e crenças, destinados a desencadear outras práticas no enunciadador, a começar pela prática interpretativa. [...] O **fazer interpretativo** também expressa crenças, só o faz no momento do trânsito que opera entre, por um lado, qualquer expressão semiótica, [...] e, por outro lado, **outra produção semiótica**, como o **enunciado interpretativo**. O enunciado interpretativo também pode integrar elementos do outro objeto semiótico, mas a principal relação não é a da integração, mas a da **referência**: o objeto semiótico a ser interpretado permanece sempre como **horizonte referencial do ato interpretativo**. Em suma, a "cena predicativa" da interpretação é, por natureza, mais complexa que a da persuasão, uma vez que estabelece uma relação entre dois objetos semióticos de natureza diferente, e que deve

permanecer diferente, de modo que se pode falar de interpretação (FONTANILLE, 2008, p. 94-95, tradução e grifos nossos)⁶.

As práticas interpretativas, quando aplicadas ao gênero desnoticioso, suscitam a discussão em outro nível de pertinência de uma operação bastante conhecida por enunciadores de gêneros humorísticos: a intertextualidade. Além disso, organiza também uma operação de identificação do que Greimas chama de “contexto implícito ou situacional” (1979, p. 82), essencial às desnotícias e ao gênero em que se manifestam.

A instância do enunciador, produtora de enunciados, ao conceber os textos desnoticiosos, se apoia na competência de um enunciatário ideal que, dotado do fazer interpretativo, seria capaz de compreender integralmente os sentidos propostos do enunciado. A análise da prática interpretativa debruçar-se-á nas competências exigidas do enunciatário ao reconstruir as cenas interpretativas dos enunciados selecionados.

Fontanille (2008, p. 96) afirma que a prática interpretativa consiste em uma transformação intersemiótica entre duas semióticas-objeto: aquela que funciona como horizonte referencial e aquela que é o objeto produzido pela prática em questão, ou seja, o enunciado interpretativo. A interpretação, portanto, emerge do encontro entre enunciado interpretativo e o chamado horizonte referencial.

O enunciador, ao selecionar tal horizonte referencial para servir de base à interpretação do enunciado, projeta um determinado tipo de enunciatário, que deve, necessariamente, ser dotado dos saberes referentes a esse horizonte referencial para que a interpretação da desnotícia seja bem-sucedida. Caso contrário, o enunciado desnoticioso se reduzirá apenas a um enunciado sem sentido, duvidoso, improvável, confuso. O horizonte referencial em si também é dotado de cenas predicativas e interpretativas, sendo passível também de interpretações extras a fim de reconstruir completamente o sentido do enunciado interpretativo original.

As instâncias da cena interpretativa são três instâncias actanciais e uma predicativa (FONTANILLE, 2008, p. 96): o ato interpretativo, que consiste na prática interpretativa, o

⁶ “Considérés comme des pratiques, le faire persuasif et le faire interprétatif ne sont plus des actes symétriques, reposant sur la même disposition fiduciaire. Le faire persuasif est producteur d'énoncés (ou de toute autre forme sémiotique) et de croyances, destinées à déclencher chez l'énonciataire d'autres pratiques, à commencer par la pratique interprétative [...]. Le faire interprétatif exprime aussi des croyances, c'est seulement lors du passage qu'il ménage entre, d'une part, une expression sémiotique quelconque, [...] et, d'autre part, une autre production sémiotique, l'énoncé interprétatif. L'énoncé interprétatif peut lui aussi intégrer des éléments de l'autre sémiotique-objet, mais la relation principale n'est pas d'intégration, mais de référence: la sémiotique-objet à interpréter reste toujours l'horizon référentiel de l'acte interprétatif. En somme, la scène prédictive de l'interprétation est par nature plus complexe que celle de la persuasion, puisqu'elle instaure une relation entre deux sémiotiques-objets de nature différente, et qui doivent rester différentes pour qu'on puisse parler d'interprétation.” (FONTANILLE, 2008, p. 94-95).

actante interpretante, o enunciado interpretativo e o que Fontanille chama de “outra cena”, o horizonte referencial supracitado. A designação dada pelo autor – “outra cena” – causa estranhamento, mas se mostra válida para a análise, posto que se refere à cena a qual o enunciado faz referência.

O modelo a seguir, extraído de *Pratiques sémiotiques* (2008, p. 97, tradução nossa), explicita todas as relações que podem ser estabelecidas entre as instâncias supracitadas:

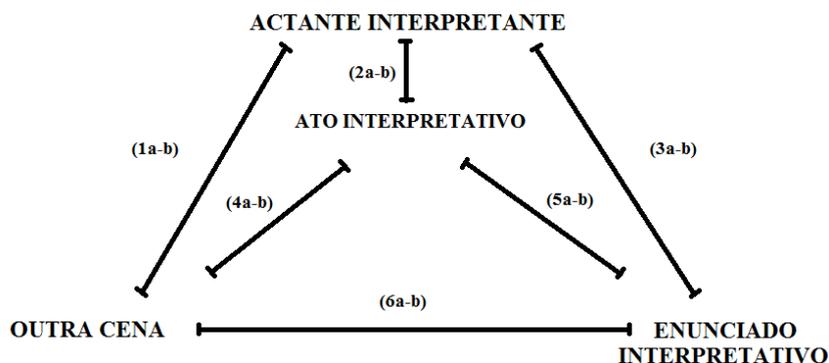


Figura 2 - Modelo triangular das instâncias da cena interpretativa

Acerca das relações 6a e 6b – outra cena e enunciado interpretativo – Fontanille (2008, p. 98) afirma:

6a. A *outra cena* é o *horizonte referencial* que se propõe transformar; pode compreender um texto-enunciado, com o qual o enunciado interpretativo estabelecerá relações “intertextuais”, relações de tradução e reformulação estratégica; oferece também diversos elementos, especialmente actantes, que podem ser objeto colocados na cena discursiva do enunciado interpretativo. A relação aqui é de *transposição-apresentação*.

6b. O *enunciado interpretativo* adota da *outra cena* posições estratégicas diversas: meta-semióticas, conotativas, ficcionais, didáticas, etc (tradução nossa)⁷.

Observa-se, portanto, que é possível buscar além dos limites textuais das desnotícias o sentido estabelecido pelo enunciatador. A reconstrução das outras cenas se trata de uma operação obrigatória ao enunciatário no momento da leitura e acontece por meio de relações intertextuais e interdiscursivas estabelecidas entre o enunciado interpretativo das desnotícias e o horizonte

⁷ “6a / L'autre scène est l'horizon référentiel à transformer; il peut comprendre un texte-énoncé, avec lequel l'énoncé interprétatif entretiendra des relations intertextuelles, des relations de traduction et de reformulation stratégique; elle offre aussi plusieurs autres éléments, notamment des actants, qui peuvent faire l'objet d'une mise en scène discursive dans l'énoncé interprétatif. La relation est donc ici celle de transposition-présentation. 6b / L'énoncé interprétatif adopte à l'égard de l'autre scène des positions stratégiques diverses: méta-sémiotiques, connotatives, fictionnelles, didactiques, etc.” (FONTANILLE, 2008, p. 98)

referencial da outra cena. Dessa forma, pode-se dizer que a operação de interpretação a partir de um determinado horizonte referencial é parte essencial à contextualização do humor que pretendem os veículos desnoticiosos.

No gênero jornalístico noticioso comum essa operação nem sempre se faz necessária, posto que, frequentemente, a própria reportagem traz a “outra cena” no corpo de seu texto, eximindo o enunciatário da responsabilidade de conhecer e resgatar esse horizonte referencial. No gênero desnoticioso, ao contrário, “refrescar” a memória do enunciatário com o horizonte referencial necessário à interpretação prejudica o potencial humorístico do texto, pois, como afirma Beth Brait (2008, p. 100), uma das possibilidades em que se pode flagrar um enunciado irônico ou humorístico é na tensão entre o dito e o não-dito:

O que está atualizado, em presença, não pode ser compreendido a não ser que se leve uma ausência que de alguma forma ali ressoa por vias de uma contextualização que sinaliza a confluência presença-ausência.

ou seja, a desambiguação não pode ocorrer dentro de enunciados que se pretendem humorísticos porque o efeito humorístico surge justamente na escolha que o enunciatário faz por um dos sentidos veiculados pelos enunciadores, o virtualizado ou aquele que está em presença no enunciado (BRAIT, 2008, p. 107).

A interpretação das desnotícias se dá, portanto, tanto no nível das cenas práticas, situadas “fora” dos textos, quanto no nível dos textos-enunciados propriamente ditos, a partir das operações de intertextualidade e interdiscursividade. Tais operações são identificáveis e recuperáveis também a partir de elementos textuais e discursivos encontrados nos enunciados, e serão mais bem exploradas no capítulo seguinte que se dedicará completamente à fundamentação teórica deste trabalho.

Por fim, resta recorrer à organização das propriedades materiais dos veículos a fim de descrever completamente como se dá a realização desse gênero discursivo, pois, como afirma Fontanille (2008, p. 84), as práticas de leitura ocorrem de acordo com o gênero a que pertencem os textos. Como exemplo, o autor cita uma lista telefônica e um dicionário, que não são concebidos para serem lidos como romances, mas que, caso lidos de forma linear, implicariam uma mudança na prática de leitura e, segundo ele, “a mudança da prática modifica o estatuto da obra, que não funciona mais como o gênero a qual foi concebida”⁸.

⁸ “[...] le changement de pratique modifie le statut de l'ouvrage lui-même, qui ne fonctionne plus selon le genre pour lequel il a été conçu”. (FONTANILLE, 2008, p. 84)

Dessa forma, para tratar sobre as práticas de leitura das desnotícias é preciso que o nível de pertinência do objeto-suporte seja também levado em conta e analisado, a fim de que as estratégias de leitura sejam reconstruídas. Nas próximas duas seções será explorado o nível matérico dos veículos, isto é, a organização das propriedades materiais do site e do blog, dispostos numa página da internet; trata-se do componente final da análise das desnotícias como gênero.

1.2 O site *Sensacionalista*

O site *Sensacionalista* surgiu no ano de 2009 com um domínio próprio que perdura até os dias de hoje⁹. O acolhimento do veículo como objeto de estudo se deu a partir do critério de popularidade nas redes sociais e também nas mídias tradicionais, pois observou-se que se trata do maior veículo desnoticioso ativo no país.

No que diz respeito à Internet, o *Sensacionalista* acumula mais de três milhões de “curtidas” na rede social de maior sucesso do Brasil: o *Facebook*. Ao “curtir” uma página, o usuário recebe em seu *feed* de notícias toda e qualquer nova postagem daquela página; ou seja, o conteúdo produzido pelo *Sensacionalista* alcança diretamente três milhões e trezentas mil pessoas em apenas uma plataforma. As produções frequentemente são compartilhadas pelos usuários em suas próprias *timelines*, ainda dentro do *Facebook*, o que possibilita que outros usuários não-assinantes sejam expostos aquele conteúdo.

O *Facebook*, porém, não é o limite. O site *Sensacionalista* também opera no Instagram, aplicativo de fotos e vídeos, onde divulga os mesmos conteúdos disponibilizados no *Facebook*, e no *Twitter*, o microblog. A atuação nessas duas últimas plataformas viraliza mais ainda as notícias humorísticas falsas produzidas pelo site, que reverberam, inclusive, em jornais prestigiosos da mídia tradicional.

Durante um período do ano de 2016, a tradicional *Folha de S. Paulo* teve o *Sensacionalista* como um de seus colunistas convidados¹⁰. O site produziu, periodicamente, desnotícias exclusivas ao jornal que foram publicadas levando indicações de que se tratavam de produções humorísticas. Isso se deu na versão virtual do jornal assim como na impressa, que reservava uma página inteira para as produções desnoticiosas. O jornal, presente ainda em

⁹ <https://www.sensacionalista.com.br>

¹⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/Sensacionalista/2016/10/1826338-jantar-de-temer-reune-por-engano-politicos-de-planilha-de-propinas.shtml>. Acesso em: 19 de set. 2018.

outras plataformas como o *Twitter*, também reproduziu as desnotícias a partir de sua conta, sempre com a indicação de que se tratava de humor.

A *Revista Veja* recentemente publicou em seu site oficial uma parceria com o site *Sensacionalista*, e explicitou no seguinte trecho a importância do veículo para a produção jornalística e humorística no Brasil:

Hoje, o *Sensacionalista* recebe 10 milhões de visitantes únicos todo mês e sua página no Facebook reúne 3 milhões de curtidas. É essa potência do humor nacional que VEJA começa a publicar todas as semanas a partir da edição que chega às bancas neste sábado. Em VEJA.com, também a partir de agora, o *Sensacionalista* terá um blog em que fará atualizações sempre que julgar conveniente (VEJA, 9 de janeiro de 2018)¹¹.

Percebe-se, portanto, a proeminência do site *Sensacionalista* no território nacional. Amplamente difundido por usuários das redes sociais, chega até aos leitores empíricos mais ortodoxos que não abrem mão de se informar de modo mais tradicional, seja através de jornais de prestígio ou revistas.

A propriedades materiais do site *Sensacionalista* muito se assemelham às daquelas de jornais prestigiosos, como a *Folha de S. Paulo*, e também com portais de notícias tradicionais, como o *G1* e o *R7*. Assim que a página do site é carregada, chama a atenção o título “*Sensacionalista*” grafado com a mesma fonte utilizada pelo jornal *The New York Times*; o título é acompanhado de um *slogan* que instaura a ambiguidade que o site pretende: “isento de verdade”. Os *slogans* têm papel importante em jornais, porque, segundo Hernandez (2006, p. 40) “ilustram bem as cláusulas desse contrato fiduciário que se funda na criação de desejos, ou obrigações, ou ainda em ambas as estratégias”. No caso do site *Sensacionalista*, a ambiguidade explora duas formas de interpretação do *slogan*: “de verdade” pode funcionar como um complemento nominal que aponta para a “isenção”, significando que o site não contém verdade alguma, ou como um advérbio, indicando que o site é “realmente isento” de qualquer tipo de enviesamento. Propositalmente, os enunciadores instalam a dúvida.

Pode-se dizer, portanto, que esses dois primeiros elementos observados começam a construir as propriedades materiais do site a partir de elementos emprestados daquelas de jornais de prestígio, caracterizando o processo de incorporação intertextual de estilização (FIORIN, 1999: 31), que será tratado no segundo capítulo. Esse procedimento procura emular o estilo dos

¹¹<https://veja.abril.com.br/brasil/carta-ao-leitor-o-humor-do-Sensacionalista-agora-em-veja/>. Acesso em: 19 de set. 2018

jornais prestigiosos a fim de que os elementos funcionem como efeitos de sentido de verdade, buscando a adesão de seu enunciário.

Os “empréstimos” continuam e a instalação de seções ao topo da página, bem abaixo do título e *slogan*, emulam a mesma organização de conteúdo dos sites de jornais e portais de notícias. Cada desnotícia postada pelo site vem acompanhada de uma etiqueta: “País”, “Esporte”, “Entretenimento”, “Mundo”, “Digital”, “Listas” e “Comportamento”. Assim, ao clicar no título da seção, as desnotícias referentes àquele assunto aparecem ordenadas abaixo. É possível observar também a existência de publicidade em alguns espaços em branco da página, frequentemente alimentadas pelo histórico de navegação de cada usuário. Além de ser uma forma de arrecadação de dinheiro aos criadores do site, as propagandas servem também como efeitos de sentido de realidade, posto que estão presentes na maior parte dos sites de jornais prestigiosos e portais de notícia.

Descendo a barra de rolagem, as desnotícias de fato são apresentadas. A disposição das reportagens no interior da página tem características de hipertextualidade, posto que é multicentrada – cada reportagem é um centro de leitura – e não há linearidade na disposição das manchetes. A hipertextualidade em questão é importantíssima para a compreensão da prática de leitura, anteriormente citada, do internauta que acessa grandes portais de notícia. Não é possível descrever ou prever o percurso que cada indivíduo realiza dentro de um *website* de notícias por conta da configuração caótica promovida pela hipertextualidade. Como cada reportagem constitui um núcleo individual, não existe uma lógica de leitura pressuposta; o internauta pode pular de um desnotícia a outra e o número de caminhos possíveis entre uma e outra é incontável.

O que pode organizar, pelo menos inicialmente, os caminhos de leitura dizem respeito a efeitos próprios da enunciação jornalística. Por exemplo, as três desnotícias mais recentes do site ficam no topo, contam com imagens e títulos maiores, obedecendo a lógica que prevê destaque às notícias mais novas a fim de produzir efeitos de atualidade (HERNANDES, 2006, p. 61-62). Abaixo, as desnotícias mais velhas dividem-se em duas colunas; com imagens e letras menores, pode-se ler também uma parte do texto principal, que funciona como um *link*. À direita, o site organiza uma lista com textos em forma de compilação: “melhores montagens”, “melhores *tweets*”, “momentos mais loucos”, “os candidatos mais bizarros” e assuntos afins. Não se trata de desnotícias em si, mas de produções que procuram reunir textos cômicos e elementos das redes sociais que contribuam para a natureza humorística do site.

Conclui-se que, no que diz respeito à prática de leitura do site *Sensacionalista*, a não-linearidade da disposição das desnotícias confere liberdade de navegação ao internauta, que

pode passar os olhos sobre as manchetes rapidamente e selecionar as que mais lhe interessam, sem precisar se comprometer com as outras. Pode-se afirmar que esta é uma característica própria da construção material do veículo que contribui para a compreensão e estabilização não só do gênero desnoticioso, mas também de portais de notícia que praticam a mesma hipertextualidade.

Outro traço importante das desnotícias veiculadas pelo site *Sensacionalista* é a ausência completa de registros de quando foram publicados os textos. A omissão desse detalhe faz parte da estratégia de circulação das reportagens do *Sensacionalista*, que sem uma marca temporal podem se ajustar ao momento em que são lidas, seja ele qual for. Essa regra encontra exceções em desnotícias que trazem acontecimentos pontuais, ancorados por antropônimos específicos e topônimos. Porém, como se verá a seguir, grande parte da produção do site *Sensacionalista* se baseia em acontecimentos cotidianos e banais que podem, de fato, ser lidos a qualquer momento e ainda terem sentido.

As fontes utilizadas pelo site *Sensacionalista* tanto nas manchetes quanto no corpo dos textos também são dignas de nota, pois trazem consigo fragmentos dos sentidos que os enunciadores procuram construir ao compor a materialidade do site. Observando a página inicial, vê-se que os textos e manchetes são escritos em fonte não serifada, isto é, o tipo de fonte que não contém as pequenas linhas nas bordas das letras responsáveis por homogeneizar as formas aos olhos do leitor; para o site, escolheu-se as fontes chamadas *sans-serif*, ou blocadas. Segundo Carvalho (2013, p. 51), as fontes tradicionais, caracterizadas pelas serifas, baseiam-se em modelos de escrita manual, trazendo à tona valores associados à cultura, à história e à agência humana. Enquanto isso, as fontes simples, geométricas e sem serifas, estão associadas ao advento da sociedade industrial, que busca produzir variedades tipográficas que se adaptem aos textos informativos, impessoais e objetivos. Além disso, as fontes sem serifas são ideais para textos concebidos para a Internet, o que vai ao encontro do fato de que estas são amplamente utilizadas por portais virtuais de notícia, como o *G1* e o *R7*. Assim, pode-se concluir que este é mais um elemento que os enunciadores do site *Sensacionalista* procuram emular desses veículos prestigiosos, conferindo ao site uma apresentação mais moderna, mais típica do suporte em que se inscreve.

Ao pé da página, o site faz questão de afirmar: “O *Sensacionalista* é um site de humor com notícias fictícias. Fundado em 2009”. Tal afirmação exige um olhar mais atento aos

procedimentos de denominação do site, que se iniciam logo em sua *URL*¹², como já destacado anteriormente.

A análise do endereço eletrônico é importante na medida em que torna possível a circulação do texto na Internet, configurando um elemento essencial a um gênero construído dentro do ambiente virtual; além disso, se trata de um elemento enunciativo que se encontra fora da propriedade textual propriamente dita. No caso do site *Sensacionalista*, o domínio próprio aponta para uma coincidência entre a designação e o produto, pois no endereço virtual encontra-se o mesmo nome dado ao site. Além disso, a instância enunciante também é a mesma, o que nos possibilita afirmar que se estabelece uma relação de debreagem enunciativa entre todos esses elementos. Observa-se, portanto, que o site se apresenta como uma entidade independente, posto que se autodenomina inclusive nos domínios extratextuais.

A produção do site *Sensacionalista* é abundante e difere-se drasticamente da produção do outro veículo também estudado, o *The Piauí Herald*. O presente trabalho recortou, como já mencionado, os primeiros quatro meses do ano de 2018 para selecionar, a partir dessa porção de desnotícias, parte representativa delas que pudesse ser analisada. O levantamento revelou as especificidades de temas e números precisos no que diz respeito à produção do maior veículo desnoticioso do Brasil e pode ser consultado na quarta seção deste capítulo: “Acerca do recorte”.

1.3 O blog *The Piauí Herald*

O blog *The Piauí Herald* – doravante *TPH* – surgiu no ano de 2009, assim como o site *Sensacionalista*. A escolha pelo veículo se deu a partir de sua filiação à *Revista Piauí*, idealizada pelo cineasta e documentarista João Moreira Salles, presente logo no domínio do blog¹³. A filiação à uma revista independente suscitou interesse na medida que as desnotícias, num primeiro olhar, pareciam se diferenciar daquelas produzidas pelo site *Sensacionalista*; por isso, decidiu-se por escolher o blog como objeto de estudo a fim de investigar a existência – ou não – de um modo diferente de desnoticiar entre os veículos.

Para falar do blog primeiro faz-se necessário tecer alguns comentários acerca de sua matriz, a *Revista Piauí*. De periodicidade mensal, a revista fora pensada por seu idealizador

¹² *Uniform Resource Locator*, um “formato de designação universal para designar um recurso na Internet”. É composto de um protocolo, o nome do servidor e o caminho onde se encontra tal recurso. <http://br.ccm.net/contents/288-url>. Acesso em: 19 de set. 2018.

¹³ <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/>.

para suprir a falta que ele sentia de conteúdos que só estavam disponíveis em inglês. Inspirado por conteúdos tidos como inusitados e afeito às reportagens de fôlego, criou a *Piauí*, que rapidamente ganhou o título de “jornalismo literário” por conta de seu estilo único no mercado editorial brasileiro. O idealizador, que apesar de rejeitar o título atribuído à sua revista, admite que a concebeu para ser, de fato, diferentes das outras; a *Piauí* fora pensada para ser impressa, porém recentemente começou a disponibilizar seu conteúdo virtualmente¹⁴.

Dadas as circunstâncias, conclui-se que a *Revista Piauí* se mostra como um periódico especializado, com um determinado número de assinantes assíduos e afeitos ao estilo da *Revista*, como afirma o próprio criador do periódico: “Chegamos perto de 100 mil leitores. Num país como o Brasil, isso não me deixa contente, mas também não me deixa infeliz. Nossos assinantes são muito fiéis, nossa carteira não diminui, ela cresce”¹⁵.

Uma vez conhecida a natureza da matriz do blog *TPH*, assume-se a hipótese do modo de desnoticiar desse veículo ser substancialmente diferente do site *Sensacionalista*, posto que o estilo bem determinado, *a priori*, dos jornalistas que produzem as reportagens da *Revista* deve reverberar também nas desnotícias. Tal hipótese será posta à prova na seção em que a descrição do *corp*us é abordada, assim como na seção sobre a análise propriamente dita das desnotícias.

A análise da organização das propriedades materiais, porém, faz-se necessária posto que é parte essencial do projeto pensado pelos enunciadores, cujo objetivo final é a paródia bem-sucedida de um portal de notícias. A partir dela é possível recuperar propriedades relativas ao gênero e também elementos extratextuais, imprescindíveis para o objetivo final do trabalho.

Assim como no site *Sensacionalista*, o blog *TPH* utiliza a mesma fonte do prestigioso *The New York Times* para grafar seu título ao topo da página, também num processo de “reprodução do conjunto dos procedimentos do discurso de outrem” (FIORIN, 1999, p. 31). Além desse elemento plástico, o blog também parodia diversos jornais tradicionais ao mesclar o nome de sua matriz com o nome “Herald”, presente em veículos como o *Boston Herald*, *The Miami Herald*, *Herald Scotland* e etc. Mais uma vez, os primeiros esforços dos enunciatários em reproduzirem efeitos de sentido de verdade se apresentam logo de cara, condensados num só elemento.

A fonte escolhida pelos enunciadores do blog para compor os textos e as manchetes é a tradicional fonte serifada, cujas linhas decorativas são tradicionais da impressão clássica romana, amplamente utilizada por jornais de edição impressa (CARVALHO, 2013, p. 51).

¹⁴<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/01/joao-moreira-salles-destaca-o-jornalismo-de-narrativa-longa-e-profunda-9423236.html>. Acesso em: 19 de set. 2018.

¹⁵ Idem.

Diferentemente do site *Sensacionalista*, os idealizadores do blog *TPH* procuram emular jornais mais tradicionais a partir dessa escolha de fonte, como a *Folha de S. Paulo* e o *The New York Times*, que utilizam as serifas até mesmo em suas versões virtuais. Assim, pode-se dizer que essa escolha por parte dos enunciadores indica uma preferência por valores mais clássicos, diferentemente dos valores mais modernos dos enunciadores do site *Sensacionalista*.

O blog *TPH* costumava ter um *slogan* até meados do ano de 2017, assim como um redator, obviamente fictício. O *slogan* fazia referência à *Revista Piauí* – “o blog do diário mais elegante do Brasil” – e o nome do diretor de redação era Olegário Ribamar. Não se sabe o porquê da retirada desses elementos.

Diferentemente do site *Sensacionalista*, o blog *TPH* não conta com seções que reúnem desnotícias de um mesmo assunto, apesar de também designar etiquetas a elas. As três em destaque num primeiro olhar são “Economia”, “Justiça” e “Brasil” e dizem respeito às três desnotícias mais recentes, que são alocadas ao topo da página, de acordo com o já tratado efeito de atualidade, acompanhadas de grandes imagens que as ilustram e seus títulos, escritos também em letras garrafais.

Descendo a barra de rolagem da página, observa-se que o modo encontrado pelos enunciadores de manter as desnotícias mais antigas na página foi colocá-las em uma única coluna vertical denominada “Últimas”. Ao continuar descendo a página e chegar ao final dela, pode-se clicar no botão “Mais textos” e ver novas manchetes, mais antigas ainda, serem adicionadas à coluna. Desse modo, o internauta que acessa o blog tem disponível um tipo de *infinite scrolling*¹⁶ que o permite navegar por todo o arquivo de textos sem sair da página inicial. Percebe-se que essa configuração gráfica do veículo muito se difere do caráter hipertextual da página em que se inscreve o site *Sensacionalista*. Ao disponibilizar as desnotícias mais antigas em lista, o blog não permite que o internauta tenha uma infinidade de caminhos de leitura entre as manchetes, mas apenas um: o de orientação vertical.

Uma grande diferença entre os dois veículos estudados reside no elemento “Arquivo”, presente no blog *TPH* e ausente no *Sensacionalista*. O blog registra dia, mês, ano, horas e minutos da publicação de todas as suas desnotícias e disponibiliza, à direita, *links* que levam às produções de todos os meses do ano referentes a todos os anos em que o blog esteve ativo. Desse modo, quem visita o blog pode acessar rapidamente as primeiras desnotícias produzidas por ele, algo impossível de ser feito no *Sensacionalista*.

¹⁶ “Scroll Infinito é um plugin de JavaScript que automaticamente adiciona a página seguinte na atual, poupando os usuários da necessidade de carregar manualmente uma nova página. É provável que você já tenha visto esse plugin em uso por toda a Internet”. <https://infinite-scroll.com>. Acesso em: 19 de set. 2018.

Ainda sobre a materialidade da página em que se inscreve o blog *TPH*, toda a publicidade que preenchia os grandes espaços vazios foi recentemente removida; tudo era voltado à *Revista Piauí*: a capa do mês da revista costumava ser reproduzida sob o título “na Piauí deste mês” e mensagens imperativas de “Assine a Piauí” figuravam logo abaixo. Atualmente, vê-se a presença de uma aba acima do título do blog que traz apenas três palavras: “piauí”, destacada em vermelho, “início” e “assine”, também destacada. Observa-se que esses elementos não dizem respeito ao blog em si, mas sim a sua matriz e exercem a função de ancorar o *TPH* como produção da revista, assim como de atrair os leitores do blog e angariar possíveis novos assinantes.

O plano de fundo do blog chama atenção pelos elementos gráficos que emulam o tradicional papel de jornal, como a cor acinzentada e as manchas típicas do processo químico pelo qual o papel passa para ser produzido. Essa personalização concebida pelos enunciadores do blog revelam mais uma característica do *éthos* que os compõe; além da escolha por fontes serifadas, amplamente utilizadas por jornais impressos, o blog lança mão de mais um elemento que o situa sob uma ambientação mais tradicionalista, fazendo circular valores e sentidos referentes a essa ambientação.

A forte presença da filiação do blog com sua matriz está presente inclusive no domínio anteriormente citado: www.piaui.folha.uol.com.br/herald/. Percebe-se que o endereço virtual traz o domínio referente à *Revista Piauí* e só então o nome “*Herald*” entre duas barras, deixando claro que o blog se trata de uma seção pertencente à revista. Observa-se, portanto, não mais uma relação de debreagem enunciativa como no *Sensacionalista*, em que a instância enunciante era a mesma tanto no conteúdo do site quanto na *URL*, mas sim uma relação de debreagem enunciativa, onde o blog se encontra descolado em termos de autonomia do objeto que permite sua circulação. Assim, a total independência percebida no site *Sensacionalista* não ocorre com o blog que, ao contrário, é constantemente reafirmado como uma versão especial da *Revista Piauí*¹⁷. Tal reafirmação reverbera na produção desnoticiosa do blog, que será melhor explicada na seção a seguir.

Ao pé da página, pode-se observar uma espécie de cabeçalho, porém encaixada ao final de toda produção. Lá tudo diz respeito à revista: *links* que levam à edição do mês, aos cartuns, à edições especiais, aos nomes dos colaboradores, à versão em inglês da revista, dentre outros.

¹⁷ A presença da *Folha de S. Paulo* na *URL* do blog foi apurada e o que se concluiu é que tanto a *Revista Piauí* quanto a *Folha* utilizam o mesmo serviço de hospedagem da *UOL*, responsável por administrar o conteúdo dos sites. Aparentemente, não há qualquer relação formal entre a *Revista Piauí*, o blog *The Piauí Herald* e a *Folha de S. Paulo* além de seu hospedeiro virtual.

São disponibilizadas também informações gerais relativas ao atendimento aos clientes, como números de telefone, *e-mails*, *links* para as redes sociais e, por fim, ao logo da revista e ao seu *copyright*.

Todas essas características, quando confrontadas com aquelas do outro veículo, apontam para uma configuração muito diferente de ambos. O blog *TPH*, ao contrário do *Sensacionalista*, não é um fenômeno de massiva veiculação nas redes sociais, mas pratica o mesmo gênero discursivo a partir de valores diferentes. Tais valores estão explícitos no modo de organização do objeto-suporte, na filiação e também no nível textual propriamente dito, que será explorado na seção que lhe diz respeito. Todos esses dados interessam na medida que podem contribuir para o entendimento do funcionamento do gênero desnoticioso e também do *éthos* das inteligências discursivas que concebem e organizam os conteúdos do blog.

1.4 Acerca do recorte

A seleção do *córpus* se deu a partir da decisão de contabilizar todas as desnotícias postadas por ambos os veículos nos primeiros quatro meses do ano de 2018, de janeiro a abril. Tal decisão foi tomada após o acompanhamento diário das atividades tanto do site quanto do blog durante o mês de abril, o que revelou algumas diferenças preliminares acerca de suas respectivas produções.

Adotou-se a hipótese de que o resultado encontrado a partir da contabilização inicial se repetiria nos meses anteriores e que, uma vez também contabilizados, corresponderiam à produção do primeiro terço do ano de 2018. Decidiu-se, por fim, que o recorte desse período do ano seria suficientemente representativo e adequado aos objetivos desse trabalho.

Assim, diariamente foi-se inventariando cada nova desnotícia postada pelos veículos e, ao final do mês, adotou-se o seguinte procedimento: segmentar esse *córpus* preliminar entre desnotícias cujos programas narrativos de base traziam situações cotidianas e banais e desnotícias cujos programas narrativos de base traziam situações que envolviam o cenário sociopolítico nacional. Foram levados em conta no momento dessa segmentação majoritariamente os principais conflitos narrativos presentes nos textos e também os antropônimos que assumiam os papéis actanciais.

É importante salientar que essa divisão temática foi pautada majoritariamente a partir das desnotícias do site *Sensacionalista*, que tem uma produção muito mais abundante do que o blog *TPH* e permitiu essa divisão. No mês de abril, oitenta e três desnotícias foram contabilizadas ao site *Sensacionalista* e dezoito ao blog *The Piauí Herald*; das oitenta e três,

quarenta e oito eram de cunho sociopolítico, e das dezoito, dezessete. Ou seja, a divisão entre desnotícias cotidianas e sociopolíticas, quando aplicada à produção do blog *TPH*, não demonstrou grande variedade de temas, porém foi mantida a fim de provar a recorrência desse traço nos meses anteriores, ou não.

A coleta de dados do blog *TPH* foi facilitada pela ferramenta “Arquivo”, disponibilizada pela página que permite ao internauta navegar pelas produções mensais de todos os anos que o blog esteve ativo; rapidamente pôde-se coletar e inventariar todas as desnotícias do blog, ao passo que a mesma tarefa, quando aplicada ao site *Sensacionalista*, exigiu novas estratégias. O site não mantém um arquivo de suas desnotícias mais velhas em sua página, o que praticamente impossibilita que o internauta tenha acesso às produções mais antigas. A solução encontrada foi buscar na página do *Facebook*, o principal meio de veiculação do site, o registro de postagens de todas as desnotícias do ano. Assim, abrindo a página e voltando até a primeira postagem do primeiro dia do ano, foi-se inventariando desnotícia por desnotícia dos meses de janeiro, fevereiro e março.

Em quatro tabelas diferentes, referentes aos meses de janeiro a abril, os *links* que levam às desnotícias (do site e blog) foram arrolados de acordo com as vertentes temáticas já citadas. Tirou-se também um *print*, uma foto da tela, das manchetes desnoticiosas, a fim de facilitar a visualização do *cópus* como um todo.

Acerca da segmentação temática entre desnotícias cotidianas e sociopolíticas, o critério de análise se deu pelos programas narrativos de base, como já citado. Por exemplo, uma das desnotícias de janeiro de 2018 do site *Sensacionalista* elencada como “cotidiana”: “Após relacionamento complicado, Facebook terá status Bruna e Neymar”¹⁸. Os antropônimos presentes na manchete, que, segundo Greimas e Courtés (1979, p. 23), consistem em “subcomponente(s) onomástico(s) da figurativização”, trazem à tona duas figuras notórias do mundo das celebridades brasileiras atuando num programa narrativo que envolve a mais famosa rede social da atualidade, o *Facebook*, e um subtema bastante comum à vida cotidiana e privada: relacionamentos amorosos. Não há a presença de antropônimos que recuperem figuras célebres do cenário político nem programas narrativos que remetam ao mesmo, o que permite classificar desnotícia como “cotidiana”.

Por outro lado, há textos que mesclam programas narrativos “políticos” com figuras cotidianas, e vice-versa. Por exemplo, a desnotícia de março do *Sensacionalista*: “Conta de

¹⁸ <https://www.Sensacionalista.com.br/2018/01/02/apos-relacionamento-complicado-facebook-tera-status-bruna-e-neymar/>. Acesso em 5 de junho de 2018, 16h05.

luz sobe 10,36% e engrossa estatísticas da violência contra a população”¹⁹. É possível observar que o enunciado da manchete muito se assemelha àqueles de noticiários policiais, comprometidos com a denúncia de crimes ocorridos na sociedade. Porém, a figura que protagoniza esse “crime” é a “conta de luz”, velha conhecida de todos os brasileiros. O texto, que é desnoticioso, lança mão de estatísticas reais²⁰ para endossar sua ideia principal, produzindo uma notícia humorística falsa que, apesar do cunho sociopolítico, encaixa-se no grande tema “cotidiano”, por se tratar de um assunto comum a todos que a leem.

Desnotícias sociopolíticas, por sua vez, são aquelas carregadas de figuras políticas brasileiras notórias, como os ex-presidentes Lula e Dilma, o juiz Sérgio Moro, o ministro Gilmar Mendes, dentre outros. Normalmente, esses textos são alocados sob esse grande tema pelo fato das figuras concentrarem em si os rumos dos programas narrativos, não deixando espaço para tópicos cotidianos. Observa-se que é comum as desnotícias ironizarem comportamentos das figuras políticas a partir de polêmicas amplamente repercutidas pela mídia, como o caso da deputada Cristiane Brasil²¹, nomeada para o cargo de chefia do Ministério do Trabalho, porém acusada de empregar dois motoristas sem carteira assinada²². É comum também encontrar desnotícias que subvertem completamente a instância narrativa, colocando tais figuras notórias em programas narrativos improváveis, como na manchete “Bolsonaro separa capim para dar a eleitores de Lula mas come antes”²³.

Os exemplos citados fazem parte da amostra de trezentas e cinquenta e nove desnotícias colhidas nos primeiros quatro meses do ano de 2018 e constituem apenas uma parte da prática desnoticiosa do site *Sensacionalista* e do blog *The Piauí Herald*. Uma análise mais minuciosa e representativa foi realizada a partir da subtematização do *córpus*, um procedimento adotado para rastrear quais temas foram mais abordados em ambos os veículos durante esses quatro meses.

Os subtemas, ou *tags*, das desnotícias cotidianas foram as seguintes: relacionamentos, redes sociais, famosos, hábitos/comportamento, tecnologias, finanças, televisão, música, memes, violência, clima, religião, educação, esfera pública, esoterismo, esporte e saúde.

¹⁹<https://www.Sensacionalista.com.br/2018/03/13/conta-de-luz-sobe-1036-no-rio-e-engrossa-estatisticas-da-violencia-contra-populacao/>. Acesso em 5 de junho de 2018, 16h05.

²⁰ <https://istoe.com.br/aneel-aprova-reajuste-medio-de-1036-nas-tarifas-da-light/>. Acesso em 5 de junho de 2018, 16h05.

²¹ <http://www.Sensacionalista.com.br/2018/01/04/filha-de-roberto-jefferson-assume-ministerio-e-e-mais-uma-para-dar-trabalho-ao-brasileiro/>. Acesso em 5 de junho de 2018, 16h05.

²² <https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/noticia/ministra-do-trabalho-foi-condenada-a-pagar-r-60-mil-por-divida-trabalhista.ghtml>. Acesso em 5 de junho de 2018, 16h05.

²³ <http://www.Sensacionalista.com.br/2018/04/11/bolsonaro-separa-capim-para-dar-a-eleitores-de-lula-mas-come-antes/>. Acesso em 5 de junho de 2018, 16h05

Frequentemente as desnotícias acumularam mais de uma *tag* cotidiana, inclusive *tags* pertencentes ao grande tema “sociopolítico”, que são bem mais numerosas devido à pluralidade de figuras que aparecem nas narrativas. São elas: nomeações polêmicas, Bolsonaro, eleições, funcionários fantasma, manifestações, julgamento/prisão de Lula, reforma trabalhista, violência, Temer, Aécio, Moro, Crivella, auxílio-moradia, Huck, Trump, criminalidade, Frota, intervenção militar, corrupção, PT, Congresso, MDB, Doria, Kim Jong-un, MBL, Lava-Jato, Rodrigo Maia, Cabral, Gilmar Mendes, STF, Marielle Franco, Prisões, Ciro Gomes, Alckmin, golpe, Collor, Joaquim Barbosa, Bruno Covas, Marina Silva, Gleisi Hoffmann, Mortadelas, Coxinhas, Rio de Janeiro, São Paulo, Carnaval, Polícia Federal, triplex/sítio.

A partir desse procedimento foi possível observar com mais detalhes os programas narrativos e as figuras explorados pelos dois veículos desnoticiosos e traçar um plano de análise representativa do *córpus*, que, dada sua extensão, não pode ser analisado em sua totalidade.

As informações até aqui explicitadas concentram-se nas tabelas a seguir, que facilitam a visualização da organização do *córpus* como um todo. A tabela a seguir contabiliza todas as desnotícias dos quatro meses do ano, já segmentadas a partir de seus temas:

	Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		TOTAL
Grupo temático*	<u>C</u>	<u>S-P</u>	<u>C</u>	<u>S-P</u>	<u>C</u>	<u>S-P</u>	<u>C</u>	<u>S-P</u>	
<i>Sensacionalista</i>	51	12	31	33	44	37	35	48	291
<i>The Piauí Herald</i>	1	19	0	16	1	13	1	17	68
									<u>359</u>
*C = Cotidianas									
*S-P = Sociopolíticas									

Tabela 3 - Levantamento do ano de 2018

Observa-se que a produção do site *Sensacionalista* é muito mais abundante do que a produção do blog *The Piauí Herald*, e que o site transita muito mais entre as duas temáticas majoritárias do que o blog. Essas duas diferenças contrastantes só puderam ser observadas a partir da segmentação temática aplicada ao *córpus*, provando sua importância para a compreensão da produção desnoticiosa dos dois veículos. O recorte definitivo das desnotícias para a análise desse trabalho advém dessas observações iniciais e será melhor explicado em breve.

Quanto às *tags*, as quatro tabelas a seguir organizam, em forma de *ranking*, o detalhamento das produções de cada veículo:

Tag	janeiro	fevereiro	março	abril	Total
<i>Comportamento/Hábitos</i>	33	18	21	19	91
<i>Redes sociais</i>	7	10	10	9	36
<i>Televisão</i>	7	3	7	4	21
<i>Esfera pública</i>	1	2	9	8	20
<i>Tecnologias</i>	4	5	4	6	19
<i>Famosos</i>	5	4	5	2	16
<i>Memes</i>	6	2	3	1	12
<i>Finanças</i>	6	2	1	2	11
<i>Esporte</i>	1	2	5	3	11
<i>Esoterismo</i>	1	0	3	3	7
<i>Música</i>	2	2	1	3	7
<i>Relacionamentos</i>	4	0	0	2	6
<i>Clima</i>	4	1	1	0	6
<i>Religião</i>	0	1	3	2	6
<i>Violência</i>	1	1	1	1	4
<i>Saúde</i>	1	1	0	1	3
<i>Educação</i>	3	0	0	0	3

Tabela 4 - Tags "Cotidianas" do site Sensacionalista

Tag	janeiro	fevereiro	março	abril	Total
<i>Julgamento/prisão de Lula</i>	3	1	5	20	29
<i>Temer</i>	0	4	5	6	15
<i>Eleições</i>	4	3	5	3	15
<i>Rio de Janeiro</i>	0	12	2	0	14
<i>PT</i>	1	2	2	5	10
<i>Crivella</i>	0	7	2	0	9
<i>Violência</i>	1	6	2	0	8
<i>Aécio</i>	0	2	1	5	8
<i>Lava-Jato</i>	0	1	1	5	7
<i>Corrupção</i>	0	2	4	1	7
<i>Nomeações polêmicas</i>	4	1	2	0	7
<i>Bolsonaro</i>	2	2	1	2	7
<i>STF</i>	0	0	2	3	5
<i>Carnaval</i>	0	5	0	0	5
<i>Polícia Federal</i>	0	0	2	2	4
<i>Moro</i>	0	1	1	2	4
<i>Trump</i>	0	1	2	1	4
<i>Intervenção militar</i>	0	3	0	1	4
<i>Golpe</i>	0	1	1	2	4
<i>Gilmar Mendes</i>	0	0	2	1	3
<i>Manifestações</i>	1	0	0	1	2
<i>Reforma trabalhista</i>	1	0	0	1	2
<i>Auxílio-moradia</i>	0	2	0	0	2
<i>Huck</i>	0	2	0	0	2

<i>MDB</i>	0	0	1	1	2
<i>Doria</i>	0	0	2	0	2
<i>Kim Jong-un</i>	0	0	2	0	2
<i>Marielle Franco</i>	0	0	2	0	2
<i>Ciro Gomes</i>	0	0	0	2	2
<i>Cabral</i>	0	1	1	0	2
<i>Joaquim Barbosa</i>	0	0	0	2	2
<i>São Paulo</i>	0	0	1	1	2
<i>Triplex/Sítio</i>	0	0	0	2	2
<i>Criminalidade</i>	0	1	0	0	1
<i>Frota</i>	0	1	0	0	1
<i>Congresso</i>	0	0	1	0	1
<i>MBL</i>	0	0	1	0	1
<i>Rodrigo Maia</i>	0	0	1	0	1
<i>Alckmin</i>	0	0	0	1	1
<i>Bruno Covas</i>	0	0	0	1	1
<i>Marina Silva</i>	0	0	0	1	1
<i>Gleisi Hoffmann</i>	0	0	0	1	1
<i>Mortadelas</i>	1	0	0	0	1
<i>Coxinhas</i>	1	0	0	0	1
<i>Collor</i>	1	0	0	0	1

Tabela 5 - Tags "Sociopolíticas" do site Sensacionalista

Tag	janeiro	fevereiro	março	abril	Total
<i>Redes sociais</i>	2	1	0	2	5
<i>Televisão</i>	2	0	1	1	4
<i>Famosos</i>	0	1	0	2	3
<i>Esporte</i>	0	1	0	0	1
<i>Carnaval</i>	0	0	1	0	1

Tabela 6 - Tags "Cotidianas" do blog The Piauí Herald

Tag	janeiro	fevereiro	março	abril	Total
<i>Julgamento/prisão de Lula</i>	5	3	0	5	13
<i>Nomeações polêmicas</i>	6	3	1	0	10
<i>Temer</i>	4	1	1	0	6
<i>Gilmar Mendes</i>	1	3	2	0	6
<i>Auxílio-moradia</i>	0	3	2	0	5
<i>Bolsonaro</i>	4	0	0	0	4
<i>Crivella</i>	0	2	1	0	3
<i>Rio de Janeiro</i>	0	1	1	0	2
<i>Lava-Jato</i>	1	0	0	1	2
<i>Corrupção</i>	2	0	0	0	2
<i>STF</i>	0	0	1	1	2
<i>Carnaval</i>	0	2	0	0	2
<i>Intervenção militar</i>	0	1	0	1	2
<i>MDB</i>	0	0	1	1	2
<i>Doria</i>	0	0	1	1	2

<i>Marina Silva</i>	0	1	0	1	2
<i>Eleições</i>	0	0	1	0	1
<i>PT</i>	0	0	0	1	1
<i>Aécio</i>	0	0	0	1	1
<i>Polícia Federal</i>	0	0	0	1	1
<i>Trump</i>	0	0	1	0	1
<i>Reforma da previdência</i>	0	1	0	0	1
<i>Huck</i>	1	0	0	0	1
<i>Kim Jong-un</i>	0	1	0	0	1
<i>Cabral</i>	0	0	0	1	1
<i>Joaquim Barbosa</i>	0	0	0	1	1
<i>Criminalidade</i>	0	0	1	0	1
<i>Frota</i>	1	0	0	0	1
<i>Congresso</i>	0	0	1	0	1
<i>Rodrigo Maia</i>	0	0	1	0	1
<i>Alckmin</i>	0	0	0	1	1
<i>Gleisi Hoffmann</i>	1	0	0	0	1

Tabela 7 - Tags "Sociopolíticas" do blog *The Piauí Herald*

Observando as tabelas acima, é possível perceber uma diferença significativa de conteúdo entre os dois veículos. O site *Sensacionalista* produz desnotícias cotidianas com muita frequência e seus subtemas dizem respeito, majoritariamente, ao comportamento e hábitos da sociedade. Apesar de produzir desnotícias sociopolíticas praticamente na mesma proporção – cento e sessenta uma cotidianas e cento e sessenta e cinco sociopolíticas – esse dado permite traçar a hipótese que, assim como um portal de notícias tal qual o *GI*, o site se interessa tanto por “banalidades” quanto por assuntos “sérios”; enquanto isso, o blog *TPH* produz praticamente apenas desnotícias de cunho sociopolítico e, portanto, “sério”, como um caderno especializado, comparável, por exemplo, à *Carta Capital*.

A fim de provar tal hipótese, recupera-se a discussão realizada acerca da questão do gênero. A partir dos dados quantitativos e de cunho temático apresentados, pode-se afirmar que os valores mobilizados por cada um dos veículos são diferentes. O *Sensacionalista*, ao tratar abundantemente dos dois temas, assume valores difusos assim como um portal de notícias, cuja extensão e quantidade de notícias é ampla, porém de intensidade de adesão fraca. O blog *TPH*, por sua vez, ao focar e valorizar quase que exclusivamente a temática sociopolítica assume valores exclusivos, de extensão e quantidades restrita e forte intensidade de adesão, exatamente como um periódico que procura refinar e “descontaminar” seus discursos (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 80). Dessa forma, conclui-se que apesar de ambos veículos disseminarem discursos da ordem da derrisão, os valores circulados por cada um deles são diferentes. Essa configuração é capaz de aloca-los sob a mesma égide do discurso humorístico,

porém asse as diferentes axiologias de cada um. Por fim, a congruência do gênero se estabiliza a partir das observações feitas acerca dos tipos textuais e discursivos, dos objetos-suportes em que estão inscritos e também das cenas práticas interpretativas que, fundamentada no humor e na intertextualidade, consolida definitivamente o gênero desnoticioso.

A subtematização a partir das *tags* explicita as preferências de cada um dos veículos na escolha de assuntos para desnoticiar e também revela as intersecções entre eles, que foi o critério escolhido para a seleção das desnotícias a serem analisadas nesse trabalho.

Por conta da quase ausência de desnotícias cotidianas por parte do blog *TPH*, optou-se por recortar para a análise as desnotícias sociopolíticas, que ambos os veículos produzem abundantemente. Assim, o objetivo de comparação do modo de desnoticiar pode ser alcançado, já que é o ponto em comum entre o site e o blog. Dentre as desnotícias sociopolíticas, o levantamento dos subtemas aponta quais as minúcias de produção de cada um dos veículos, auxiliando assim o recorte mais específico de quais textos selecionar para a análise.

Contabilizando todas as desnotícias sociopolíticas do site *Sensacionalista*, tem-se um total de cento e trinta textos, enquanto o blog *The Piauí Herald* tem exatamente a metade desse número, sessenta e cinco textos desnoticiosos de cunho sociopolítico. No total, são cento e noventa e cinco textos e a decisão, a partir do critério da proporcionalidade, foi realizar a análise de seis textos, sendo quatro do *Sensacionalista* e dois do *The Piauí Herald*.

Assim sendo, a seleção dos textos que serão analisados se deu a partir do critério de popularidade das *tags*. Optou-se por eleger a *tag* de cada um dos veículos que mais contabiliza desnotícias e, a partir dela, selecionar os textos proporcionalmente.

Nos quatro meses selecionados, o assunto mais tratado pelas desnotícias sociopolíticas do *Sensacionalista* foi o “Julgamento/prisão de Lula”. Coincidentemente, esse tema também é o mais tratado pelo blog *TPH* no mesmo período, o que simplificou o recorte das desnotícias a serem analisadas. Desse modo, os quatro textos do site *Sensacionalista* e os dois do blog *TPH* tratarão sobre o mesmo assunto: o julgamento/prisão de Lula.

No site *Sensacionalista*, todos os quatro primeiros meses do ano produziram mais de uma desnotícia sobre o tema “Julgamento/prisão de Lula”. Assim, como critério de seleção de um texto dentro vários, adotou-se o procedimento de escolher a primeira desnotícia do mês sobre o assunto veiculada pelo site. O mesmo ocorreu na seleção dos textos do blog *TPH*, com a diferença de que este último não produziu desnotícias sobre o assunto nos meses de fevereiro e março, o que culminou no acolhimento de textos veiculados nos meses de janeiro e abril, segundo o mesmo critério de seleção.

A seguir, estão relacionadas as seis desnotícias que serão analisadas no capítulo final desse trabalho:

	Título	Data	Nº de caracteres	Imagem
Site Sensacionalista	1. “Pena de Lula pode aumentar para 12 anos e petistas já começam campanha #Lula2030” ²⁴	24/01	71	Sim
	2. “Lula contrata advogado de Aécio e vai disputar eleições” ²⁵	02/02	104	Sim
	3. “PF tem mandato com lacuna para próximo candidato do PT” ²⁶	02/03	138	Sim
	4. “Após 518 anos, Brasil finalmente se livra da corrupção para sempre” ²⁷	04/04	195	Sim
Blog The Piauí Herald	1. “Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil” ²⁸	26/01	171	Sim
	2. “Merval Pereira vai fechar o Maracanã no julgamento de Lula” ²⁹	03/04	176	Sim

Tabela 8 - Desnotícias selecionadas para análise

Assim, pretende-se analisar a partir das desnotícias selecionadas o modo como ambos veículos realizam a prática de desnoticiar. Como já visto, conjectura-se que existam tanto semelhanças quanto diferenças na composição dos textos por parte dos enunciadores de cada um dos veículos. No capítulo a seguir, serão explorados os pressupostos teóricos que serão utilizados para realizar o trabalho de análise proposto no último capítulo deste trabalho.

²⁴<http://www.sensacionalista.com.br/2018/01/24/pena-de-lula-pode-aumentar-para-12-anos-e-petistas-ja-comecam-campanha-lula2030/>. Acesso em 21 set. de 2018.

²⁵<https://veja.abril.com.br/blog/sensacionalista/lula-contrata-advogado-de-aecio-e-vai-disputar-eleicoes/>. Acesso em 21 set. de 2018.

²⁶<https://veja.abril.com.br/blog/sensacionalista/pf-tem-mandado-com-lacuna-para-proximo-candidato-do-pt/>. Acesso em 21 set. de 2018.

²⁷<http://www.sensacionalista.com.br/2018/04/04/apos-518-anos-brasil-finalmente-se-livra-da-corrupcao-para-sempre/>. Acesso em 21 set. de 2018.

²⁸ <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2018/01/26/ibama-declara-que-corrupcao-esta-extinta-no-brasil/>. Acesso em 21 set. de 2018.

²⁹ <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2018/04/03/merval-pereira-vai-fechar-o-maracana-durante-o-julgamento-de-lula/>. Acesso em 21 set. de 2018.

Capítulo 2: Balizas teóricas da análise: intertextualidade, veridicção e práxis enunciativa

Neste segundo capítulo, os principais pressupostos teóricos necessários à análise e leitura do material proposto, as desnotícias, serão expostos em três seções: na primeira, serão demonstradas as escolhas teóricas de análise do objeto midiático a partir das contribuições feitas pela semiótica para o estudo desses objetos desde a sua gênese; tal discussão se faz importante no presente contexto, posto que o trabalho propõe ser mais uma colaboração tanto para a área da semiótica quanto para a de estudos da mídia.

Em seguida, a segunda seção tratará das operações de intertextualidade e interdiscursividade, absolutamente essenciais à produção e interpretação das desnotícias e será complementada com a terceira seção, que tratará do entendimento das estratégias de composição do material a partir das reflexões acerca do conceito de enunciação, veridicção e práxis enunciativa.

No que diz respeito à enunciação, o conceito será abordado primeiramente do modo clássico, como tratou José Luiz Fiorin em seu livro *As astúcias da enunciação* (2005) e Diana Luz Pessoa de Barros em sua *Teoria semiótica do texto* (2005) e *Teoria do discurso: fundamentos semióticos* (2002) e, na seção 2.4, serão integradas também as novas concepções acerca do conceito, que integram a noção de modos de existência, pensadas por Jacques Fontanille em seu livro *Semiótica do Discurso* (2008). Ainda a partir dele, com a ajuda do conceito de práxis enunciativa, serão investigadas as constâncias de aparecimento e desaparecimento de determinadas formas do discurso, buscando caracterizar o fazer desnoticioso a partir dessa sistematização.

A veridicção, um dos conceitos-chave pensados por Greimas (2014) em *Sobre o sentido II: ensaios semióticos* e outros trabalhos irá, juntamente com as modalizações que lhe são constitutivas, orientar a análise mais detida dos enunciados que, no capítulo final de análise, delinearão as estratégias de persuasão e convencimento engendradas pelos enunciadores das desnotícias.

2.1 Semiótica e mídia

A semiótica de tradição greimasiana e seus colaboradores teve como marco inicial a publicação de *Semântica Estrutural* (1966) por A. J. Greimas, que viabilizou o projeto saussuriano de uma ciência geral dos signos (FIORIN, 2006, p. 74). A teoria teve seus principais conceitos reunidos e debatidos nos dois tomos do *Dicionário de Semiótica*, publicados por

Greimas e Courtés nos anos de 1979 e 1989; foi ali que o percurso gerativo do sentido foi organizado como um simulacro metodológico em que os diferentes níveis de abstração do sentido foram correlacionados a partir das estruturas mais simples até às mais complexas (BARROS, 2005, p. 91). Assim, consolidou-se uma disciplina interessada em explicar o que diz um texto e como ele faz para dizer o que diz.

A disciplina semiótica, cuja vocação é de uma disciplina aplicada (PORTELA, 2008, p. 98), tem sido utilizada na análise de textos midiáticos praticamente desde sua gênese. Jean-Marie Floch, por exemplo, já em 1985 inaugurava estudos sobre semiótica plástica, cujo legado reverbera até os dias de hoje e é constantemente atualizado a partir de novos desdobramentos. Além dele, Éric Landowski firma-se no terreno da sociosemiótica a partir da publicação de seu livro *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica* no ano de 1989, contendo textos publicados de 1983 em diante. Além deste, o autor publicou mais dois livros ainda dentro desse campo: *Presenças do outro* (2002) e *Passions sans nom* (2004).

As contribuições dadas por E. Landowski em seu primeiro livro foram proíficas no sentido que instituíram os discursos sociais e jornalísticos como pilares da construção da opinião pública. Segundo o autor, em artigo sobre a sociosemiótica e a “teoria geral do sentido” que ela representa, Landowski (2014, p. 12) define brevemente o que tem feito desde a publicação de seu primeiro livro:

O projeto sociosemiótico sob sua forma atualmente efetiva assume como hipótese primeira que as produções de sentido não devem ser tomadas como «representações» do social considerado enquanto referencial ou realidade primeira. São, ao contrário, as práticas de construção, negociação, intercâmbio de sentido que vêm construindo o «social» enquanto universo de sentido. Do mesmo modo vêm sendo delimitados os campos do «político», do «jurídico», do «literário» etc.

De fato, em *A sociedade refletida*, no capítulo sobre a opinião pública e seus porta-vozes (1992, p. 19), Landowski propõe inicialmente uma análise dos modos de existência semiótica do que ele chama de “Opinião”, em letra maiúscula. Utilizando excertos dos diários *Le Monde* e *Le Figaro*, o autor opõe a “Opinião pública” da “classe política” e institui a Opinião como uma instância dotada de competência interpretativa, pois observa e julga as tramas daqueles que compõem a classe política, e de competência persuasiva, pois sua vocação consiste num “fazer agir” desses que vigia. Ou seja, ao mesmo tempo que observa e faz agir, a Opinião também é observada pela classe política, porque se metamorfoseia em “objeto de conhecimento” que é “auscultada quanto a seus estados de espírito, sondada enquanto reserva de energias canalizáveis” (LANDOWSKI, 1992, p. 23).

Em seguida, o autor institui uma terceira instância, a do público, e nas páginas seguintes insere outros discursos e jornalísticos a fim de demonstrar, a partir deles, a diferenciação entre essa instância e a instância da opinião pública. Ao final da seção, conclui que a aspectualização é responsável pelas competências modais de ambas as instâncias; enquanto o público exerce uma competência de *fazer-ser* – ou seja, eleger – uma determinada equipe econômica, essa competência é pontual porque ela só se dá no momento do voto. Já a opinião pública tem a competência de *mandar fazer* de aspecto durativo, posto que persiste durante “os intervalos compreendidos entre dois escrutínios” (LANDOWSKI, 1992, p. 25).

Ainda no citado livro, o autor envereda também pelos caminhos que levam à compreensão do funcionamento do discurso publicitário e do discurso político, tratando inclusive de questões caras à veridicção, como a verossimilhança, a credibilidade e a credulidade. Por fim, à guisa da conclusão, o autor reafirma a opção teórica adotada pela sociosemiótica em “colocar a noção de interação no coração da problemática da significação” (LANDOWSKI, 2014, p. 11), posição essa que se mostrou muito frutífera e ecoou ainda em duas obras seguintes, já citadas.

A partir dos anos 2000, semioticistas se ocuparam do mesmo problema tratado por Landowski tanto no território francês quanto no território brasileiro. As iniciativas de análise de mídia são abundantes e lançam mão de todo o arcabouço teórico da semiótica para abordar os objetos escolhidos. Tendo o percurso gerativo do sentido como núcleo comum, os estudos enveredam pelos caminhos da semiótica tensiva e também da semiótica das práticas, novos desdobramentos da disciplina que complementam a semiótica clássica.

No Brasil, um dos importantes trabalhos para a área foi o de Conrado Mendes (2013), que teve como tese de doutorado o estudo minucioso do caso Isabella Nardoni, exaustivamente veiculado pelas mídias tradicionais. Como objeto de estudo, o autor tomou o discurso jornalístico do mais importante telejornal brasileiro, o *Jornal Nacional*, e o analisou a partir da teoria da semiótica tensiva, explorando os eixos de análise de concessão e fidedignidade, duração e intensidade, comoção e paixão coletiva e tensividade e relações intertextuais/interdiscursivas.

O autor prestou-se a analisar como os discursos veiculados diariamente pelo telejornal tiveram impacto na formação da opinião do público acerca dos acontecimentos e como os microacontecimentos, novos detalhes acerca do crime acrescidos às reportagens, foram responsáveis pelo recrudescimento das paixões empregadas nos discursos. Mendes (2013, p. 126) defendeu a hipótese de que a prolongada extensão do episódio ocorrida nos telejornais se deu a partir dessa ampliação da intensidade, que ocorria a cada novo detalhe favorável à teoria de que o crime fora cometido pelo pai e pela madrasta da menina. Além disso, o autor também

analisou outros acontecimentos notórios a partir dos mesmos eixos de análise, como o caso da família von Richtofen e de Eloá Pimentel.

Regina Souza Gomes (2008, 2010, 2012) também se ocupou do discurso jornalístico ao investigar o papel desempenhado pela aspectualização e pelas modalizações engendradas pelos enunciadores dos jornais. Segundo a autora (2010, p. 196), analisar os “aspectos semântico-discursivos das estruturas modais presentes em notícias e reportagens” é importante para que sejam apreendidas as estratégias argumentativas empregadas por aquele jornal, posto que deixam marcas no enunciado que revelam posicionamentos, julgamentos, e “modulações afetivas do sujeito da enunciação” (2008, p. 207). A aspectualização, por sua vez, incide sobre os elementos modais e cria efeitos de sentido de natureza cognitiva e também afetiva.

No domínio francês, pode-se citar Anne Beyaert-Geslin (2009, 2010), que se ocupa da análise de elementos visuais que acompanham reportagens. Em artigo reescrito a partir de dois ensaios presentes em seu livro *L’image préoccupée* (2009), a autora trata da relação entre verdade e fotografias de reportagens tratando primeiramente de autenticidade e sinceridade por parte do repórter. Segundo a autora (2010, p. 192), a “autenticidade supõe uma ausência de interferência entre a imagem e a realidade descrita. No que diz respeito à prática do repórter, a autenticidade interroga a relação da foto com a cena fotografada”, enquanto a sinceridade avalia

[...] não mais o acordo entre o enunciado e uma realidade, mas aquele entre o próprio sujeito e o que ele enuncia e o que engendra a noção de assunção enunciativa. Essa relação muito específica com a verdade determina a fotografia de reportagem e, por meio dela, toda a prática jornalística, [...]

Assim, Beyaert-Geslin (2010, p. 198) ancora-se no conceito de acontecimento para definir o gênero da fotorreportagem e de cena prática para instituir uma conduta ética por parte do fotógrafo no momento do acontecimento. Ao concluir, sugere a existência mais de um “contrato moral que desdobra o contrato enunciativo do jornalista” (2010, p. 210) do que um contrato de verdade, posto que não existe “foto verdadeira” já que a verdade não existe além de um efeito de sentido (BEYART-GESLIN, 2010, p. 210).³⁰

Até agora, a mídia tradicional figurou como objeto principal dos estudos citados, porém o advento da internet e a popularização das redes sociais promoveu também o surgimento de

³⁰ O inventário não-exaustivo e não-cronológico arrolado até aqui teve como objetivo citar alguns trabalhos bem consolidados dentro da área de análise semiótica de objetos midiáticos a fim de demonstrar sua importância para os estudos discursivos. Além disso, o inventário também apresenta os diversos meios de aplicação da teoria semiótica na abordagem de seus objetos e o presente trabalho procura contribuir para o mesmo rol de análises.

novas práticas discursivas oriundas desse meio. As novas mídias, portanto, entram em cena e demandam investigações acerca de seus modos de funcionamento.

O presente trabalho apresenta-se como um estudo de uma dessas novas práticas e tem como um dos alicerces de análise a valiosa contribuição de Nilton Hernandez, já citada na seção anterior, a partir de seu livro *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público* (2006).

Hernandes, tendo como arcabouço teórico de análise a semiótica discursiva, analisa a mídia tradicional também em suas versões virtuais, o que permite que o estudo das desnotícias fundamente-se em suas contribuições, posto que deriva de um gênero também midiático, o jornalístico, cujo suporte é a internet. Dessa forma, a colaboração do autor torna-se imprescindível para a realização desse trabalho e, a seguir, as principais reflexões pertinentes aos estudos das desnotícias serão desenvolvidas.

Hernandes (2006, p. 17) inicia suas reflexões afirmando que a comunicação é uma ação do homem sobre outros homens capaz de estabelecer relações intersubjetivas entre eles (apud FIORIN, 2004, p. 14); a partir dessas relações podem ser geradas também crenças, que se revertem ou não em atos. De certa forma adiantando a discussão que se dará na próxima seção, Hernandez (2006: 18) disserta acerca da necessidade de entendimento entre as instâncias do enunciador e enunciatário para que haja a manipulação pretendida pelos jornais convencionais.

Para a manipulação dos jornais funcionar, é necessário, entre outros aspectos, que o público partilhe do mesmo sistema de valores do jornal. Na comunicação, os participantes se constroem e constroem, juntos, o objeto jornal. O público é, portanto, co-autor. Um autor leva em consideração as expectativas e as prováveis reações de quem vai receber o texto para construir um discurso com a eficiência desejada.

Assim sendo, o enunciatário é parte também da construção dos portais desnoticiosos, uma vez que conhece seu intuito. O *internauta* que visita esses site e blogs quer ser persuadido pelos elementos que vê, assim como enunciatários de romances de suspense que aceitam ser enganados em determinados momentos por pistas dadas. Portanto, é preciso que o enunciatário, dotado do fazer interpretativo, esteja ciente das intenções do enunciador ao mobilizar o fazer persuasivo. Caso contrário, o enunciatário da desnotícias corre o risco de acreditar no que lê, por mais absurdo que seja, ou de simplesmente não compreender o enunciado, taxando-o de improvável, sem sentido, confuso.

Ao destacar que a visão de mundo de cada indivíduo o “empurra” para determinadas direções, as “verdades” nascem a partir dos limites que tais visões permitem (2006, p. 19), e,

sabendo disso, o papel do jornal é de “elaborar uma encenação, uma representação da realidade que deve ser aceita pelo público” e conclui, a partir disso, que “verdade, realidade e ideologia são, portanto, assuntos profundamente relacionados” (2006, p. 20). Nas desnotícias, a encenação de uma realidade que deve ser aceita pelo público se realiza primeiramente a partir das inúmeras estratégias referentes ao nível matérico dos objetos, que funciona como um primeiro contrato entre enunciador e enunciatário. O site *Sensacionalista*, ao ser construído exatamente como um portal de notícias, estabelece um *parecer-ser*; em seguida, a partir das quebras das cláusulas veridictórias presentes nos textos desnoticiosos, o enunciatário, idealmente, se dá conta do *não-ser*, da mentira.

A ideologia predominante nos jornais atua desde o momento em que são selecionadas as notícias, ou desnotícias, veiculadas naquele dia. Ao definir ideologia, Hernandez (2006, p. 21) afirma que:

Cada grupo social tem um conjunto de valores, uma maneira de ver e julgar o mundo. Quando esse grupo ou classe social tenta legitimar seus valores para outros sujeitos, entramos no fenômeno da ideologia. Diversos fenômenos sociais atualmente são produtos de conflitos de grupos específicos. O entendimento da ideologia não envolve apenas uma concepção de classe.

E relaciona diretamente o ato de escolha de um acontecimento, que define como “fenômeno que passou a ter significado para um ser humano” (2006, p. 23), como um fato a ser veiculado pelo jornal à eleição de determinada visão de mundo para ser representada: “Tornar algo visível, presente, é, antes de tudo, determinar-lhe valor. Significa, simultaneamente, omitir ou esquecer outros aspectos envolvidos” (2006, p. 23).

A fim de que sejam respeitados os limites impostos pela ideologia intrínseca de cada um dos jornais, Hernandez passa a falar acerca da “realidade”. O acesso ao “real”, segundo ele, acontece apenas por meio dos discursos veiculados, que por sua vez estão sempre fundamentados nas visões de mundo que lhes permite a existência. Por mais que um jornalista seja cuidadoso no momento da redação da unidade noticiosa, os acontecimentos elegíveis a se tornarem fatos noticiáveis obedecem a “escala de valores” da empresa em que trabalha (2006, p. 25). Segundo ele, “O leitor, o ouvinte, o telespectador ou o internauta não devem desconfiar de que certos aspectos da realidade são silenciados na triagem ideológica para que a 'densidade de outros' seja ressaltada” (2006, p. 27).

Os “efeitos de sentido” de realidade são os verdadeiros responsáveis pela impressão do enunciatário de que o que lê se trata da realidade “nua e crua”, pois dois dos pilares que sustentam a prática jornalística são a objetividade e a imparcialidade no relato dos fatos. Esses

dois princípios garantem a clareza e lisura dos jornais, do ponto de vista do enunciatório, quanto ao modo que manipulam os fatos. Porém, afirma Hernandes (2006, p. 30) que:

A objetividade é um dos recursos jornalísticos para se tentar 'apagar' o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa ou parte de um conglomerado de informação, não quer se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas conseqüências do que noticia.

Dessa forma, compreende-se o porquê do distanciamento proporcionado pelos enunciadores a partir do uso da terceira pessoa; raramente há um “eu” assumido nos discursos, inclusive em textos jornalísticos de caráter opinativo e interpretativo (HERNANDES, 2006, p. 34). Apesar dos textos opinativos romperem com o efeito de neutralidade pretendido por unidades noticiosas que “se querem fazer crer como factuais” (HERNANDES, 2006, p. 35), o que muda, substancialmente, nesse tipo de texto jornalístico, é a tomada de posição em relação ao assunto (HERNANDES, 2006, p. 34).

Acerca dos efeitos de sentido de realidade, Hernandes (2006, p. 31) afirma que eles se dividem em dois patamares:

[...] no primeiro, o recorte da realidade feito pelo jornal tem viés ideológico muito evidente, mas condizente com o que público compactua; assim, essa apreensão de realidade não é sentida como tendenciosa. O segundo patamar traz estratégias discursivas de distanciamento mais específicas, como o uso da terceira pessoa, que dá a impressão de que o assunto se manifesta para o público. Além disso, o uso de fotografias, diálogos e filmagens são lançadas a partir dessa realidade que se manifesta, nunca selecionadas por alguém de carne e osso.

Nas desnotícias, o uso da terceira pessoa é utilizada com quase absoluta predominância e tal aplicação pode ser interpretada também como uma estratégia discursiva de distanciamento, posto que o site e o blog tentam construir uma imagem de neutralidade tal qual os grandes jornais tradicionais. Manchetes como “OAS acelera obra de cela triplex de Lula”, “Lula já está preso na Austrália”, “Temer tem 5% e MDB confunde com propina” e “Portões da PF fecham às 17h e Lula pode ficar de fora do primeiro dia de pena” ilustram as semelhanças que os enunciados desnoticiosos guardam com enunciados noticiosos comuns cujo distanciamento é obtido a partir da utilização da terceira pessoa.

Outras estratégias que os site e blogs desnoticiosos procuram emular dos jornais prestigiosos dizem respeito ao que Hernandes chama de “gerenciamento do nível de atenção” (2006, p. 51-52). Segundo o autor, existem três estratégias principais: a de arrebamento, que

procura atrair a atenção do sujeito por meio de estímulos, a de sustentação, que transforma o sujeito em sujeito curioso, disposto e interessado a conferir todos os detalhes da história que lhe prendeu a atenção, e a de fidelização, cujo objetivo é transformar o sujeito em sujeito fiel, habituado a procurar por notícias naquele jornal.

Dessa forma, as estratégias de gerenciamento do nível de atenção primeiramente aludem às sensações, ao prender a atenção do leitor, depois à valores passionais, ao fazê-lo interessado pelo conteúdo, e, por último, recorre ao racional, a partir da manipulação por intimidação, sedução ou tentação, a fim de convencê-lo a retornar ao mesmo veículo noticioso para manter-se informado (2006, p. 52). Acerca desses artifícios, o autor conclui:

Se as estratégias de arrebatamento e sustentação vinculam-se ao poder das unidades noticiosas, a estratégia de fidelização resulta do contrato com a edição inteira. O jornal deve convencer de que é 'completo', realiza uma eficaz triagem e organização da realidade na qual o enunciatório se insere e se apresenta de maneira clara, possibilitando prazeres e um consumo fácil e eficiente. A satisfação deve motivar o desejo de tomar contato com a edição seguinte" (HERNANDES, 2006, p. 73).

O autor afirma que as manchetes, ou chamadas, são as principais formas de capturar a atenção do leitor para as notícias e elas o fazem a partir de duas “formas de curiosidade” (HERNANDES, 2006, p. 52):

[...] as provocadas pelas estratégias de arrebatamento, que envolvem questões de expressão, e as desencadeadas pela estratégia de sustentação, ligadas ao conteúdo. Toda manchete ou chamada é concebida para “sensibilizar”, para atrair sensorialmente e passionalmente.

A estratégia de sustentação aposta, ainda, num sentimento de identificação entre o leitor e notícia, que pode acontecer a partir de um sentimento de empatia entre ele e o sujeito da história noticiada, por exemplo (HERNANDES, 2006, p. 54).

A melhor forma de apresentar uma manchete a fim de que ela prenda a atenção do leitor, segundo o autor, é uma característica notável em narrativas jornalísticas: “a de começar literalmente pelo fim” (HERNANDES, 2006, p. 52). A entrega do clímax logo no começo tem duas razões:

A primeira é que o enunciatório não precisa tomar contato com todo o relato para conhecer o aspecto mais relevante da unidade noticiosa. A segunda é que essa estrutura narrativa invertida deve incitar o leitor, o internauta, o telespectador ou o ouvinte a buscar mais detalhes, a tentar saber o que motivou semelhante desfecho ou momento narrativo (HERNANDES, 2006, p. 52).

As manchetes das desnotícias obedecem às estratégias de gerenciamento de atenção do enunciatário e também começam a narrativa pelo fim. As análises no último capítulo desse trabalho apontarão os recursos discursivos utilizados para este fim.

A sensação de atualidade, juntamente com a objetividade, segundo Hernandez (2006, p. 54) é uma das principais estratégias empreendidas pelos enunciadores de unidades noticiosas porque “o poder de mobilização afetiva [...] se vincula fortemente ao período de edição na qual (*as unidades noticiosas*) estão inseridas” (HERNANDES, 2006, p. 54). A fim de proporcionar esse efeito, os enunciadores procuram tornar o presente elástico, ou seja, procuram alongá-lo para que a notícia se presentifique, ecoe “pelo menos no período estipulado de consumo da edição do jornal” (HERNANDES, 2006, p. 54). Tudo isso, afirma Hernandez, porque “noticiário antigo não emociona” (HERNANDES, 2006, p. 54).

Ao afirmar que notícias velhas têm o impacto afetivo prejudicado, Hernandez comprova a hipótese levantada anteriormente de que a ausência de registros temporais nas desnotícias do site *Sensacionalista* tem como objetivo adequar os textos a qualquer contexto temporal. Preservando a eficácia do texto, preserva-se também seu propósito humorístico, que reverbera através do tempo justamente por conta da ausência de registro temporal.

A fim de colocar um fato em “pleno andamento”, transformando em “agora” um acontecimento que já se concretizou, os enunciadores utilizam o presente do indicativo como artifício que leva o enunciatário a crer na pertinência de algo que já ocorreu há algum tempo. (HERNANDES, 2006, p. 61). Hernandez afirma (2006, p. 61) que:

Inicialmente, deve-se observar que a maioria dos grandes fatos é noticiada depois de acontecer [...] Esses fatos principais são elementos geradores da unidade noticiosa, o núcleo principal de uma notícia. Geralmente, se vinculam a situações concretas. Há dois grandes tipos: os imprevisíveis, como um acidente aéreo ou os efeitos de uma tempestade; e os previsíveis: um jogo importante de futebol, a divulgação do índice de desemprego, a posse do novo presidente da Câmara.

A chave para que um assunto possa ser “requeitado” sem perder a pertinência para os leitores reside no que Hernandez chama de “assunto secundário”. Segundo ele (2006, p. 62), o elemento de atualização está no vínculo estabelecido entre um assunto secundário, cujo envelhecimento não acontece rapidamente, e o “fator gerador” da notícia. O fator gerador atualiza o assunto secundário ao adicionar novas informações ou trazer à luz novas discussões. É assim que funciona a repercussão de grandes acontecimentos, por exemplo. Por se tratar de uma análise ou interpretação de um assunto de grande magnitude, como um acidente de

proporções muito sérias ou uma grave denúncia de corrupção, a notícia não parece velha; pelo contrário, aparenta renovar-se.

Como se verá no momento das análises, grande parte da produção desnoticiosa do blog *TPH* fundamenta-se nesse tipo de prática, provavelmente por conta da sua filiação com uma revista cuja periodicidade mensal pode abarcar apenas fatos não apenas concretizados, mas também exaustivamente repercutidos. O que a revista oferece é uma leitura especializada do ocorrido, assim como a desnotícia.

Assim, observa-se que as maiores contribuições de Nilton Hernandes para a análise das desnotícias partiram de seus estudos do estabilizado gênero jornalístico; realizando ajustes para o *cópus* selecionado e levando em conta as particularidades de cada um, será possível, ao final do trabalho, traçar as principais estratégias discursivas utilizadas pelos enunciadores no momento de produção dos enunciados desnoticiosos.

2.2 A questão do intertexto e do interdiscurso

Como já foi apontado anteriormente, a intertextualidade e a interdiscursividade são peças-chave na produção das desnotícias. A partir do diálogo estabelecido com outros textos os enunciadores lançam mão de estratégias que desencadeiam o humor pretendido pelas notícias falsas e exigem de seu enunciatário o conhecimento dos textos que compõem os contextos situacionais e externos, como definem Lara e Matte (2009, p. 51), para a correta e completa interpretação do texto desnoticioso. Nessa seção, majoritariamente o nível de pertinência dos textos-enunciados será explorado a fim de explicar o funcionamento das operações de incorporação, porém o nível dos objetos-suportes também será analisado, posto que também contém elementos “emprestados” cuja origem encontra-se em outros suportes.

A fim de discutirmos o papel do interdiscurso e do intertexto nas desnotícias, consultaremos a obra *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin* (1999), organizada por Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin. O livro traz uma série de artigos acerca do tema central e nos apoiaremos majoritariamente no artigo “Polifonia Textual e Discursiva” (p. 29), de Fiorin e “Paródia e Dialogismo” (p. 49), de Leonor Lopes Fávero. Além disso, o texto “Interdiscursividade e intertextualidade” de José Luiz Fiorin, presente no livro *Bakhtin: outros conceitos-chave* (2006), organizado por Beth Brait, e o texto “Da necessidade da distinção entre texto e discurso” de mesma autoria presente no livro *Texto ou discurso?* (2012) organizado por Beth Brait e Maria Cecília Souza-e-Silva também nos auxiliaram nessa empreitada.

A natureza paródica dos sites e blogs desnoticiosos analisados prevê, *a priori*, a utilização dos processos de incorporação intertextuais e interdiscursivos em sua composição, posto que tais procedimentos são essenciais ao gênero, como afirma Fiorin (1999, p. 34):

A intertextualidade e a interdiscursividade concernem à questão das vozes, e mais ainda, apenas à questão do discurso bivocal de que falava Bakhtin (1970: 259). Com efeito, sob um texto ou um discurso ressoa outro texto ou outro discurso; sob a voz de um enunciador, a de outro.

A fim de compreender a problemática do discurso bivocal e as tessituras dos enunciados desnoticiosos a partir dos citados processos é preciso que sejam diferenciados **texto** de **discurso**, pois os conceitos não se tratam de meros sinônimos e pertencem a planos diferentes. Acerca disso, Fiorin (2012, p. 154) resume:

Do ponto de vista da estruturação linguística, o discurso é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, pertencente à ordem da imanência, ou seja, ao plano do conteúdo; é a atualização de virtualidades da língua e do universo do discurso. O texto também é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, mas é do domínio da manifestação, isto é, do plano da expressão; é a realização do discurso (FIORIN, 2012, p. 154).

Assim, Fiorin (2012, p. 148) afirma que o texto é a manifestação de um discurso e o discurso, portanto, é uma implicação anterior a ele, o que permite que um mesmo discurso ocorra em vários textos. Isso se dá pelo princípio constitutivo da linguagem, pois, segundo Bakhtin (1993, p. 32, apud FIORIN, 2006, p. 167), “não se pode realmente ter experiência do dado puro”, o que significa que a realidade é permeável apenas a partir da mediação da linguagem, dos discursos proferidos por cada um acerca do “dado puro”. Assim sendo, é possível afirmar que os discursos não se relacionam diretamente com as coisas do mundo, mas sim com outros discursos já articulados que, como afirma Fiorin (2006, p. 167), “semiotizam o mundo”.

O sentido de um texto, ainda segundo Fiorin (2012, p. 146) se dá a partir das dependências estruturais internas e também nas relações com o que está fora dele. Incorporando a reflexão de Bakhtin acerca do princípio constitutivo da linguagem, entende-se que essa relação com o que está “fora” do texto diz respeito aos outros discursos que perpassam e constituem aqueles presentes na manifestação, no texto em questão. A dimensão histórica do discurso advém dessa ligação, pois “Como não existe objeto que não seja cercado, envolto, embebido em discurso, todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras (FIORIN, 2006, p. 167).

Isto posto, compreende-se a interdiscursividade não só como um processo de incorporação, mas também como um aspecto inerente à linguagem: “Não há discurso fora das relações interdiscursivas” (FIORIN, 2012, p. 151). A esse respeito, o autor afirma:

A intertextualidade não é um fenômeno necessário para a constituição de um texto. A interdiscursividade, ao contrário, é inerente à constituição do discurso. [...] O discurso não é único e irrepetível, pois um discurso discursa outros discursos. Nessa medida, o discurso é social (FIORIN, 1999: 35).

Desse modo, compreende-se que onde há intertextualidade, há também interdiscursividade, que como processo de incorporação compreende dois processos: alusão e citação. Citação é uma repetição de ideias, de percursos temáticos e/ou figurativos de um discurso em outro (FIORIN, 1999, p. 32). Fiorin (1999, p. 33) afirma que aqueles discursos que mantêm os mesmos percursos temáticos pertencem à mesma formação discursiva e que todo discurso apresenta uma heterogeneidade constitutiva (apud MAINGUENEAU, 1987: 81-93) por definirem sua identidade partindo de uma relação com o outro.

O outro processo é a alusão, que se define pela incorporação de temas e/ou figuras de um discurso na intenção de servir de contexto ao que foi incorporado em outro (FIORIN, 1999, p. 34). Esse é o processo ao qual às desnotícias mais recorrem no momento de produção dos textos, pois exploram temas e figuras presentes nos jornais e portais de notícias a fim de comporem seus textos. É importante frisar que esse procedimento subjaz praticamente todo texto desnoticioso e exige que os temas e figuras incorporados façam parte do repertório individual do enunciatário, que deve recuperá-los a fim de que sirvam como horizonte referencial no momento de interpretação da desnotícia.

Agora, acerca da intertextualidade, Fiorin (2012, p. 153) afirma que ela ocorre quando a relação entre discursos é materializada em textos:

[...] A intertextualidade diz respeito à relação entre mais de um texto; ocorre quando um texto se relaciona dialogicamente com outro texto já constituído, quando um texto se encontra com outro, quando duas materialidades se entrecruzam, quando duas manifestações discursivas se atravessam.

Esse procedimento de incorporação compreende ainda três processos: a citação, a alusão e a estilização. Segundo Fiorin (1999, p. 30-31), a citação confirma ou altera o sentido de um texto que cita com as mesmas palavras. Nas desnotícias, esse procedimento é observado em textos que alteram o sentido dos enunciados emprestados de unidades noticiosas, como, por

exemplo, a desnotícia de março de 2018 do site *Sensacionalista* cuja manchete³¹ é: “Associação das pessoas horríveis processa Barroso por comparação com Gilmar”.

O texto humorístico cita diretamente a fala do ministro Luís Roberto Barroso, que, em ocasião de sessão do STF, afirmou que Gilmar Mendes “é uma pessoa horrível. Uma mistura do mal com o atraso e pitadas de psicopatia”³². No corpo da reportagem, dá-se a voz ao “líder da associação de pessoas horríveis” que defende os membros: “Não dá para aceitar esse tipo de ofensa. Sabemos que somos pessoas horríveis, mas nos comparar com o Gilmar foi extremamente desrespeitoso conosco. Deve haver um limite” (*SENSACIONALISTA*, 2017). Observa-se, portanto, que a declaração do ministro, noticiada pelo *Estadão* e outros jornais prestigiosos como uma clara tentativa de ofensa ao ministro Gilmar Mendes, quando adaptada pelo site desnoticioso adquire sentido diferente. Na citação original, a carga tímica do adjetivo “horrível” empregada por Barroso é intensamente disfórica, enquanto na desnotícia sua carga tímica negativa é atenuada; isso se dá porque, a partir da fala do representante da associação, o actante Gilmar Mendes adquire foria negativa muito intensa, tão intensa que o adjetivo “horrível” não é capaz de descrevê-lo. Isso explica o ultraje sentido pelos membros da “associação de pessoas horríveis” ao serem comparadas com o actante da desnotícia. Esse é apenas um exemplo das muitas ocorrências de citações nas desnotícias, que sempre se valem de uma ocorrência textual veiculada pela mídia tradicional para adaptar e pensar em meios de subvertê-la para fins humorísticos.

Outro processo de incorporação intertextual, a alusão, caracteriza-se pela reprodução idêntica de “construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, sendo que todas mantêm relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo ou são figurativizações do mesmo tema” (FIORIN, 1999, p. 31). Um exemplo do procedimento nas produções analisadas é a desnotícia do blog *TPH* cuja manchete é: “PF apreende 450 kg de farinata em helicóptero da família de Doria”³³. Aqui, o enunciador da desnotícia utiliza a mesma construção sintática utilizada por diversos jornais à época do escândalo, como o site *Uol*³⁴ fez, para compor a manchete, trocando apenas as figuras do enunciado original por variantes pertencentes ao mesmo tema, segundo o tratamento dado pelo texto.

³¹<http://www.Sensacionalista.com.br/2018/03/22/associacao-das-pessoas-horriveis-processa-barroso-por-comparacao-com-gilmar/>. Acesso em 03 de out. 2018.

³²<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/voce-e-uma-mistura-de-mal-com-o-atraso-e-pitadas-de-psicopatia/>. Acesso em 03 de out. 2018.

³³<https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2017/10/24/pf-apreende-450-kg-de-farinata-em-helicoptero-da-familia-doria/>. Acesso em 03 de out. 2018.

³⁴ O Uol noticiou em 25/11/2013 a seguinte manchete: “PF apreende 450kg de cocaína em helicóptero da família do senador de MG”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/11/25/pf-apreende-450-kg-de-cocaina-em-helicoptero-da-familia-perrella.htm>. Acesso em 03 de oct. 2018.

A alusão intertextual, porém, só adquire sentido completo a partir da alusão interdiscursiva praticada pelo enunciador. Segundo Fiorin (1999, p. 35), o enunciado intertextual se refere diretamente à textualidade de um outro já dito, mas, além disso, se refere também ao discurso que esse último manifesta. Ainda segundo o autor (1999, p. 34), a incorporação de temas e figuras de um determinado discurso serve de contexto àquilo que foi incorporado. O enunciador, portanto, ao reproduzir em sua desnotícia a mesma construção sintática utilizada pelo portal *Uol*, incorpora também os temas e figuras presentes na reportagem original. O enunciatário, por sua vez, precisa conhecer o enunciado original para identificar que o enunciado desnoticioso se trata de um intertexto, e então identificar os temas e figuras utilizados na desnotícia para que compreenda, completamente, a sátira pretendida pelo blog *The Piauí Herald*.

No caso, a interpretação do enunciado desnoticioso em questão se dá em duas etapas: a primeira exige o conhecimento do actante João Dória, o prefeito de São Paulo, e de seu programa de combate à fome e desnutrição cujo carro-chefe era a distribuição do alimento granulado processado à base de restos comida, popularmente conhecido como “farinata”. A segunda, dos elementos interdiscursivos da reportagem original resgatados a partir da já comentada alusão intertextual: o senador Aécio Neves e a grande apreensão de cocaína num helicóptero de um de seus aliados. Observa-se que o termo “farinata” é o ponto mais explícito de intersecção entre os dois enunciados, pois indica não só o alimento processado do programa de João Dória, mas também remete à palavra “farinha”, utilizada comumente para se referir à droga cocaína. A desnotícia utiliza, inclusive, a mesma foto veiculada na reportagem original em que se vê o helicóptero interceptado pela Polícia Federal e diversos pacotes brancos espalhados pelo chão. O enunciatário, portanto, reconhecendo a matéria original na idêntica construção sintática e no mesmo elemento pictórico, resgata o sentido empregado pelo termo “farinata” e a intersecção de discursos pretendida pelo blog *The Piauí Herald*. A partir desses elementos desencadeia-se o humor.

Brevemente exemplificados a partir do *cópus*, os processos de citação e alusão são utilizados nos textos para os mais diversos fins. Como se verá no capítulo de análise mais profundamente, a reprodução sintática idêntica de trechos presentes em textos de unidades noticiosas e a substituição de figuras com a intenção de subverter elementos essenciais à veridicção são explorados pelos enunciadores desnoticiosos e obtêm sucesso no desencadeamento do humor. Para isso, exige-se do enunciatário certo nível de conhecimento do contexto externo, ou seja, dos textos que “conversam” diretamente com aquele da desnotícia,

assim como do contexto situacional, que ancora as figuras e os temas no espaço e no tempo (MATTE; LARA, 2009, p. 51).

O último processo de incorporação intertextual é a estilização, que consiste na “reprodução do conjunto dos procedimentos do ‘discurso de outrem’, isto é, do estilo de outrem” (FIORIN, 1999, p. 31). A estilização, no caso das desnotícias, ocorre majoritariamente no que diz respeito aos objetos-suportes; a descrição das propriedades materiais ocorrida nas seções anteriores forneceu os elementos necessários para a compreensão dos procedimentos de reprodução e representa parte dos esforços dos enunciadores para estabelecerem novas cláusulas do contrato fiduciário com os enunciatários, cujas definições teóricas serão detalhadas no capítulo a seguir.

O site e blog desnoticiosos reproduzem as recorrências formais encontradas no gênero jornalístico propositalmente, pois pretendem parodiá-la, subvertendo o seu intuito noticioso original. O site *Sensacionalista* e o blog *The Piauí Herald* emprestam o estilo, aqui entendido como definiu Fiorin (1999, p. 31) baseado nos estudos de Denis Bertrand (1985, p. 412), “o conjunto das recorrências formais tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo (manifestado, é claro) que produzem um efeito de sentido de individualização”, de grandes portais noticiosos como o *Uol*, *Folha de S. Paulo*, *GI*, dentre outros.

Como se viu em 1.2 e 1.3, todos os elementos que dizem respeito à materialidade dos veículos desnoticiosos foram pensados tais quais aqueles que compõem versões virtuais de jornais de prestígio e grandes portais de notícia. Fontes, *slogans*, seções, colunas, etiquetas, anúncios publicitários, disposição hipertextual, cabeçalhos e rodapés compõem as práticas de construção do site e blog baseadas nas já existentes construções de outros sites e blogs “sérios”.

Entende-se que a sátira pretendida pelos veículos se erige a partir da subversão que empreendem os blogs e site desnoticiosos ao emularem portais noticiosos preservando suas características mais tradicionais, mas, ao mesmo tempo, negando o propósito principal deles. Voltando à questão do discurso bivocal, esse movimento é típico da paródia, sobre a qual Fávero (1999, p. 53) disserta sobre:

Um autor pode usar o discurso de um outro para seus fins pelo mesmo caminho que imprime nova orientação significativa ao discurso que já tem sua própria orientação e a conserva. Neste caso, esse discurso deve ser sentido como o de um outro. Assim, num único discurso podem-se encontrar duas orientações interpretativas, duas vozes. Assim é o discurso parodístico, a estilização, o *skaz* estilizado” (BAKHTIN, 1970: 147), porém, na paródia, “o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes” (1970: 252) e, como num espelho de diversas faces, apresenta a imagem invertida, ampliada ou reduzida “arrastando o leitor para dentro ao mesmo tempo que o põe para fora” (Hayman, 1980:49).

Não é difícil pensar os site e blogs desnoticiosos à luz da citação acima, pois essa prática discursiva dispõe exatamente de “duas vozes” ao reproduzir não só a do enunciador que faz humor ao desnoticiar, mas que, ao fazê-lo, inclui também a voz dos enunciadores que, de fato, noticiam. “Na paródia, a linguagem torna-se dupla, sendo impossível a fusão de vozes que ocorre nos outros dois discursos: é uma escrita transgressora que engole e transforma o texto primitivo: articula-se sobre ele, reestrutura-o, mas, ao mesmo tempo, o nega (Josef, 1980: 59)” (FÁVERO, 1999, p. 53).

A partir das atividades paródicas e satíricas explicitadas, novas cláusulas do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário são estabelecidos, assim este último, munido de seu fazer interpretativo, aceita ser persuadido pelos elementos que remontam sites de jornais prestigiosos e permitem que os esforços dos enunciadores desnoticiosos obtenham êxito. A maior parte dos elementos estilizados foram demonstrados até aqui, assim como outros artifícios utilizados pelos suportes em seu fazer persuasivo.

Assim, compreende-se que os processos de incorporação acima descritos têm papéis importantes dentro da construção de uma desnotícia. O que se conclui é que, nas desnotícias, o interdiscurso, além de atingir camadas mais profundas da prática discursiva ao mesclar vozes em seu interior, é responsável em grande parte pelo horizonte referencial que norteará a interpretação do enunciatário. Sem o conhecimento dos temas e figuras incorporados nas desnotícias, provenientes de outros canais de comunicação como a televisão e outros portais de notícias, dificilmente o enunciatário compreenderá o humor e a sátira pretendidos pelos blogs e sites desnoticiosos. Além disso, a prática da interdiscursividade e da intertextualidade dentro da desnotícia enriquece o texto, pois traz para dentro dele diversos temas e figuras cujas intersecções muitas vezes são inusitadas, contribuindo para a subversão dos elementos discursivos e o desencadeamento do humor.

2.3 Enunciação e veridicção

O estudo acerca do conceito de enunciação em semiótica conquistou o interesse dos semioticistas gradativamente, ao passo que as preocupações teóricas mais urgentes da disciplina eram desenvolvidas, testadas e estabilizadas. A partir dos alicerces instituídos por É. Benveniste em seu livro *Problemas de linguística geral I*, publicado em 1966, a enunciação foi sendo desvendada pelo mestre lituano A. J. Greimas ao longo de sua profícua atuação como semioticista. Uma vez estabilizado, o conceito foi ganhando novos contornos, e na obra

Semiótica do discurso (2015), de autoria de Jacques Fontanille, teve seu entendimento alargado, figurando como um dos mais importantes desdobramentos para a semiótica e os estudos enunciativos.

Em *Semântica estrutural* (1966), obra que inaugurou os estudos sobre a significação, Greimas procurou primeiramente estabelecer as diretrizes que guiarão a disciplina semiótica pelos caminhos da organização narrativa, priorizando “uma semiótica do enunciado preocupada com a descrição dos estados e de suas transformações” (PRADO, 2018, p. 55). Apesar de reconhecer a importância das questões enunciativas, o autor procurou construir a “objetivação do texto” excluindo o “parâmetro da subjetividade”, ou seja, as categorias de “pessoa, o tempo da enunciação, os dêiticos espaciais, os elementos fáticos” (PRADO, 2018, p. 55 apud BERTRAND, 2003, p. 80) das investigações.

A razão para isso, segundo Prado (2018, p. 56), é que o terreno da enunciação ainda era desconhecido, já que as prioridades do projeto de caráter imanentista almejado por Greimas procurava compreender o funcionamento de outros mecanismos, como as

[...] estruturas elementares tais como o quadrado semiótico, estruturas narrativas centradas no actante, estruturas discursivas tecidas em isotopias. Essa concepção semiótica deixa pouco espaço para a enunciação, e ainda menos para a interação (PRADO, 2018, p. 56).

De fato, no estágio de desenvolvimento em que se encontrava a disciplina, voltar-se à investigação e à descrição do ato de enunciação por si só colocaria em risco o projeto imanentista almejado por Greimas, projeto este que figura como o alicerce em que a linguística fora erigida como ciência autônoma (FIORIN, 2005, p. 31). Assim, em sua obra inaugural, Greimas optou por apenas deixar implícita a existência de uma “organização responsável pela produção da significação” (PRADO, 2018, p. 57) e tornar a ela em outro momento.

A questão da subjetividade fora introduzida primeiramente por Émile Benveniste em textos publicados entre os anos de 1950 e 1970, de acordo com o estudo historiográfico realizado por Prado (2018, p. 36). Alguns artigos que se destacam por apresentarem reflexões pertinentes acerca da enunciação são “A natureza dos pronomes” e “Da subjetividade da linguagem”, que instituem noções importantes à investigação do conceito de enunciação, cuja síntese é organizada e apresentada em “O aparelho formal da enunciação”. A partir desses e

outros artigos³⁵, os primeiros passos para a compreensão do funcionamento dos elementos enunciativos foram dados.

Em “A natureza dos pronomes”, Benveniste dedica-se a distinguir os pronomes que pertencem à sintaxe da língua daqueles que são característicos das “instâncias do discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 277). Parafraseando o autor, os pronomes pessoais *eu* e *tu* pertencem à realidade do discurso, ou seja, não constituem uma classe de referência porque não apontam objetivamente para algo ou alguém (BENVENISTE, 1976, p. 278):

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego. A importância da sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso (BENVENISTE, 1976, p. 278).

Assim, Benveniste chega à conclusão de que o *eu* não denomina nenhuma unidade lexical, mas sim constitui a base do exercício da linguagem, como afirma em “Da subjetividade da linguagem”:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a dor ser, o conceito de “ego”.
A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo [...] mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa “subjetividade” [...], não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que diz ego. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo status lingüístico da “pessoa” (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Em seguida, o autor aprofunda a noção de que apenas os pronomes *eu* e *tu* remetem à enunciação ao afirmar:

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.

³⁵ “As relações de tempo no verbo francês” e “Os níveis de análise linguística”, presentes no primeiro tomo de *Problemas de linguística geral* e “A linguagem e a experiência humana”, presente no segundo.

Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu* (BENVENISTE, 1976, p. 286).

O *ele*, pronome de terceira pessoa, é tratado pelo autor como o pronome que não remete à pessoa nenhuma, posto que faz referência a objetos exteriores à alocação. Porém, o pronome “existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que, enunciando-a, a situa como ‘não-pessoa’” (BENVENISTE, 1976, p. 292).

O domínio da subjetividade pode ser expandido a partir dos pronomes *eu* e *tu* na medida que outros pronomes derivam destes. Segundo o autor (BENVENISTE, 1976, p. 288):

São os indicadores da *deíxis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do "sujeito" tomado como ponto de referência: "isto, aqui, agora" e as suas numerosas correlações "isso, ontem, no ano passado, amanhã", etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia.

Até aqui, a contribuição dada por Benveniste representa apenas parte de seus valiosos estudos que, anos depois, fomentarão a estabilização dos procedimentos de detecção e classificação das instâncias enunciativas nos textos. Ao constituir a **dêixis enunciativa**, por exemplo, Benveniste fornece a matéria-prima que permitirá que a semiótica crie uma metodologia capaz de identificar as instâncias de pessoa, tempo e espaço nos textos. Além disso, a diferenciação entre as **categorias de pessoa e não-pessoa** também serão fundamentais ao entendimento do processo de debreagem, que compreende a debreagem enunciativa e a debreagem enunciativa.

Tais conceitos, como citado anteriormente, passaram a integrar a disciplina semiótica uma vez que as investigações referentes à descrição dos estados e transformações já tinham sido realizadas por Greimas e seus colaboradores, que voltaram à questão da subjetividade anos depois de publicados os textos de Benveniste – originalmente em 1958 –, por volta do ano de 1972 na introdução do livro *Ensaio de semiótica poética*, de acordo com Prado (2018, p. 57).

No *Dicionário de Semiótica* (1979, p. 145), Greimas e Courtés oferecem uma definição estabilizada de enunciação. É a seguinte:

Conforme os pressupostos epistemológicos, implícitos ou explicitados, enunciação se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não-lingüística (referencial) que subtende à comunicação lingüística, seja como instância lingüística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas).

Ao diferenciar as duas maneiras de interpretação do conceito, os autores afirmam que, enquanto estrutura referencial, o primeiro caso atrela a enunciação à “situação de comunicação”, ao “contexto psicossociológico” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 146). Assim, aproxima-se mais do conceito de “ato de linguagem”, que se trata de uma operação sempre singular (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 146). Já o segundo caso, que compreende a enunciação como a instância linguística pressuposta, refere-se justamente à “instância de mediação” que a enunciação representa, capaz de articular os níveis sêmio-narrativos e o nível discursivo, colocando em discurso as “virtualidades da língua” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 146). Segundo os autores, a enunciação permite que a *competência* transforme-se em *performance*, figurando como um “componente autônomo da teoria da linguagem” que atualiza as estruturas semióticas e as realiza como discurso (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 146).

Ainda de acordo com Greimas e Courtés (1979, p. 146), “É a segunda definição que é a nossa: não sendo contraditória em relação à teoria semiótica que propomos, somente essa definição permite integrar a instância da enunciação na concepção de conjunto”. De fato, Benveniste postulava que a enunciação “é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (1974, p. 80) e Fiorin (2005, p. 31) que “Fazer ser é a própria definição do ato”. Dessa forma, atesta-se a pertinência da segunda concepção do conceito de enunciação, cuja semente fora plantada anos antes e que reverberou em estudiosos posteriores a Greimas e Courtés.

Os autores destacam que a enunciação é assumida numa instância individual, onde o falante se apropria da língua como sistema social, de caráter paradigmático, e a coloca em funcionamento a partir da fala, cujo caráter é sintagmático. O desafio proposto ao estudo da enunciação passa, portanto, por uma estabilização das “estruturas de mediação” do ato individual, posto que, para que seja apreendido cientificamente, precisa ser estruturado, evitando perder-se na “infinitude de falas individuais” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 146).

A enunciação, segundo os autores, é incumbida de atualizar “o espaço das virtualidades semióticas”, colocando-as em discurso. Tais virtualidades dizem respeito às estruturas sêmio-narrativas, ou seja, aos níveis mais profundos do percurso gerativo do sentido. Assim sendo, a enunciação mune-se de elementos sintático e semântico-discursivos para recobrir os elementos articulados pelos níveis fundamental e narrativo (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 146). É necessário, portanto, que agora sejam explicitadas as características e incumbências de cada um dos níveis a fim de que o funcionamento dos elementos enunciativos seja compreendido a seguir.

O nível fundamental corresponde à instância mais profunda e abstrata do percurso gerativo do sentido. Greimas e Courtés (1993, p. 101) definem sua semântica fundamental como a “estrutura axiológica virtual elementar” do texto, composta por categorias semânticas que produzem, ao mesmo tempo que opõem, microuniversos de significação. Tais categorias semânticas, que são realizadas a partir de termos, sofrem ainda projeções tímicas, que atribuem valor positivo, eufórico, ou negativo, disfórico, às categorias. Todos esses elementos podem ser projetados no quadrado semiótico, que articula todos os termos e, a partir das operações lógicas de asserção e da negação – parte da sintaxe fundamental –, revela os percursos e as possibilidades de significação. A figura a seguir, retirado do livro de Denis Bertrand (2003, 241), *Caminhos da semiótica literária*, ilustra como se dá a construção do quadrado semiótico a partir da oposição elementar de dois termos:

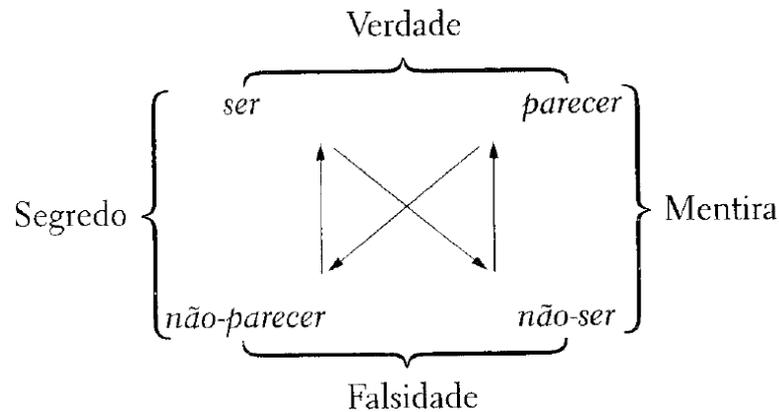


Figura 3 - Quadrado semiótico

Os eixos s1 (ser) + s2 (parecer), assim como não-s1 (não-ser) + não-s2 (não-parecer) estão em relação de **contrariedade**. Os termos em relação de **contradição** são s1 + não-s1, s2 + não-s2, enquanto s1 + não-s2 e s2 + não-s1 estão em relação de **complementariedade**. Observa-se, portanto o caráter operatório do quadrado semiótico, que expõe as estruturas elementares responsáveis por definir as relações estabelecidas no interior de um determinado texto. Os níveis seguintes, narrativo e discursivo, revestirão as oposições com actantes que assumirão os percursos.

O nível narrativo aloca-se no patamar acima e, munido também de uma sintaxe narrativa e uma semântica, é responsável por atualizar os valores da estrutura axiológica elementar instituída pelo nível fundamental. A sintaxe narrativa diferencia, ao mesmo tempo que relaciona, os dois tipos de enunciados elementares: o de fazer e o de estado. O enunciado de estado estabelece uma relação de junção – conjunção ou disjunção – entre um sujeito e um

objeto, enquanto o enunciado de fazer revela as transformações dos enunciados de estado, ou seja, as passagens de um enunciado de estado a outro. Barros (2005, p. 20-21) define assim a questão:

O enunciado elementar da sintaxe narrativa caracteriza-se pela relação de transitividade entre dois actantes, o sujeito e o objeto. A relação define os actantes; a relação transitiva entre sujeito e objeto dá-lhes existência, ou seja, o sujeito é o actante que se relaciona transitivamente com o objeto, o objeto aquele que mantém laços com o sujeito. Há duas diferentes relações ou funções transitivas, a junção e a transformação e, portanto, duas formas de enunciado elementar, que, no texto, estabelecem a distinção entre estado e transformação:

enunciado de estado: F junção (S,O)
 enunciado de fazer: F transformação (S,O)
 F = função, S = sujeito, O = objeto

As transformações que se dão entre os enunciados de estado são explícitas a partir do **programa narrativo**, considerado como a “unidade operatória elementar da organização narrativa de um texto” (BARROS, 2005, p. 23) e pode, por exemplo, explicitar como se dá a passagem de um *estado inicial de junção* de um sujeito com seu objeto de valor, ao *estado final de disjunção* entre os dois actantes; ou, ao contrário, a passagem de um estado inicial de disjunção a um estado final de junção.

O percurso narrativo canônico é compreendido em quatro fases: **manipulação**, **competência**, **performance** e **sanção**. A **manipulação** é a fase em que um sujeito, o manipulador-destinador, age sobre outro, o destinatário-sujeito, a partir de um querer e/ou um dever-fazer. Sujeito e destinador diferenciam-se ao passo que o sujeito transforma estados, “fazer e simula a ação do homem sobre as coisas do mundo” (BARROS, 2005, p. 30), enquanto o destinador modifica o sujeito, “faz-fazer” pela alteração de suas determinações modais e semânticas, representando “a ação do homem sobre o homem” (BARROS, 2005, p. 30).

A **manipulação** pode manifestar-se de quatro diferentes formas: 1. a partir da *tentação*, em que o manipulador propõe uma recompensa a quem deseja manipular; 2. da *sedução*, quando o manipulador julga positivo o fazer que deseja que o sujeito realize; 3. da *intimidação*, quando o manipulador ameaça o sujeito para que performe determinada ação e 4. da *provocação*, quando o manipulador julga negativamente a competência do sujeito para realizar a ação, impelindo-o a performá-la. Barros (2005, p. 31) complementa:

O percurso do destinador-manipulador contém duas etapas hierarquizadas: a de atribuição de competência semântica e a de doação de competência modal. A atribuição de competência semântica está sempre pressuposta na doação de

competência modal, pois é preciso que o destinatário-sujeito *creia* nos valores do destinador, ou por ele determinados, para que se deixe manipular. [...] Essa fase constitui a manipulação propriamente dita, em que o destinador doa ao destinatário-sujeito os valores modais do *querer-fazer*, do *dever-fazer*, do *saber-fazer* e do *poder-fazer*.

Na manipulação, o destinador propõe um contrato e exerce a persuasão para convencer o destinatário a aceitá-lo. O *fazer-persuasivo* ou *fazer-crer* do destinador tem como contrapartida o *fazer-interpretativo* ou o *crer* do destinatário, de que decorre a aceitação ou a recusa do contrato.

A fase da **competência** é essa acima descrita, em que o sujeito adquire um *poder* ou um *saber* para realizar o ato principal; dessa forma, o sujeito torna-se capacitado para realizar sua **performance**, que consiste basicamente na realização do ato, na transformação principal da narrativa. A performance será reconhecida na última fase, **sancionada** positiva ou negativamente, revelando uma recompensa ou punição pelo ato realizado.

A semântica narrativa é a instância de atualização dos valores instituídos pela estrutura axiológica do nível fundamental, ou seja, “é o momento em que os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos” (BARROS, 2005, p. 44). Segundo Fiorin (1996, p. 28), tais valores são inscritos em objetos e dois tipos de objetos podem aparecer em uma narrativa: os objetos modais e os objetos de valor.

Os objetos de valor são aqueles que o sujeito entra em conjunção ou disjunção na realização de sua performance principal. Já os objetos modais determinam as relações do sujeito com os valores tanto nos enunciados de fazer quanto nos enunciados de estado. A modalização dos enunciados de fazer ligam o sujeito ao seu objeto de valor (BARROS, 2002, p. 46), conferindo competência modal para que ele realize sua performance principal. Já a modalização dos enunciados de estado atribui “existência modal ao sujeito de estado” (BARROS, 2005, p. 44).

A modalização do fazer, ainda segundo Barros (BARROS, 2005, p. 45) tem dois aspectos: o fazer do destinador, que fornece valores modais ao objeto, o *fazer-fazer*, e o *ser-fazer*, referente à organização modal da competência do sujeito. A competência do sujeito compreende modalidades virtualizantes, compostas pelo *dever* e *querer-fazer*, responsáveis por instaurar o sujeito, e as modalidades atualizantes, compostas pelo *saber* e *poder-fazer*, que qualificam o sujeito para sua ação.

A modalização do ser, por sua vez, pode alterar a existência modal de um sujeito através do *querer*, *dever*, *poder* e *saber*. Surgem, assim, as chamadas “paixões”, que consistem em efeitos de sentido afetivos/passionais que são capazes de modificar o sujeito de estado, fazendo-o transitar da “cobiça” à “repulsa”, da “ambição” à “aversão” e etc (BARROS, 2005, p. 48-49).

Além disso, o sujeito pode se relacionar com o objeto também no sentido de julgá-lo verdadeiro, falso, mentiroso ou secreto; tais valores são instituídos a partir da modalização veridictória e dizem respeito ao problema da veridicção, que será tratado junto à discussão acerca do último nível do percurso gerativo do sentido, em que os elementos enunciativos propriamente ditos são explorados.

O nível discursivo é o mais superficial do percurso gerativo do sentido, responsável por fornecer concretude aos valores fundamentais e às estruturas narrativas encontrados nos níveis anteriores. A conversão desses elementos em estruturas discursivas ocorre por meio do sujeito da enunciação, que, segundo Greimas e Courtés (1979, p. 147), instaura-se no lugar em que esse sujeito pode exercer sua competência semiótica: a instância enunciativa.

Retomando a discussão sobre a enunciação, iniciada antes da explicação dos níveis do percurso, sabe-se que ela coloca em discursos as virtualidades semióticas encontradas nos níveis sêmio-narrativos, e sua atividade pode ser reconstruída a partir das pistas, das marcas, que deixa nos enunciados.

O sujeito da enunciação atualiza e realiza as virtualidades a partir de escolhas de projeção de pessoa, tempo e espaço, assim como figuras que darão vida às narrativas ao transformá-las em discurso. Dessa forma, segundo Barros (2005, p. 53-54), “É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído”.

Assim como os outros níveis, o discursivo também é composto por uma sintaxe e uma semântica. A sintaxe discursiva dá conta das projeções da instância da enunciação no enunciado e das relações estabelecidas entre enunciador e enunciatário. A semântica, por sua vez, reveste as mudanças de estado presentes no nível narrativo a partir de temas e figuras, que são dois níveis de “concretização do sentido” (FIORIN, 1996, p. 64). O nível narrativo é tematizado em todos os textos e a tematização pode ser também figurativizada.

Temas e figuras diferenciam-se pelo seu *continuum* de concretude, segundo Fiorin (FIORIN, 1996, p. 65). As figuras representam conteúdos perceptíveis no mundo natural, criando um efeito de realidade nos textos em que são utilizadas, pois constroem um simulacro dela. Já os temas são investimentos semânticos conceituais, que não remetem ao mundo natural e quando são utilizados em textos o fazem para explicar e ordenar a realidade, classificando-a. Assim, “os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa” (FIORIN, 1996, p. 65).

Já a sintaxe narrativa compreende mais processos, como as projeções da enunciação no enunciado. Greimas e Courtés (1979, p. 147), a esse respeito, afirmam:

[...] se a enunciação é o lugar de exercício da competência semiótica, é ao mesmo tempo a instância da instauração do sujeito (da enunciação). O lugar que se pode denominar “ego hic et nunc” é, antes de sua articulação, semioticamente vazio e semanticamente (enquanto depósito de sentido) demasiado cheio: *é a projeção* (através dos procedimentos aqui reunidos sob o nome de **debreagem**), *para fora dessa instância, tanto dos actantes do enunciado quanto das coordenadas espaço-temporais, que constitui o sujeito da enunciação por tudo aquilo que ele não é; é a rejeição* (através dos procedimentos denominados **embreagem**) *das mesmas categorias, destinada a recobrir o lugar imaginário da enunciação, que confere ao sujeito o estatuto ilusório do ser* (grifos nossos).

No trecho, os autores descrevem o funcionamento dos mecanismos de breagem, responsáveis pelas diferentes formas de projeção do sujeito da enunciação nos enunciados. Dependendo dos efeitos de sentido pretendidos pelo enunciador, as projeções das instâncias de pessoa, tempo e espaço se dão de forma diferente. É importante frisar que não devem ser confundidos os actantes e as coordenadas espaço-temporais projetados na enunciação com o espaço, o tempo e o sujeito da enunciação, posto que estes últimos são irrecuperáveis. (GREIMAS, 1974, p. 13).

A debreagem configura-se pela expulsão das instâncias de pessoa, tempo e espaço da enunciação, projetando, quando debreagem actancial, um *não-eu* – porque diferencia-se do *eu* da enunciação – ou um *ele*; quando debreagem espacial, projeta um *aqui* ou um *lá* e um *agora* ou um *então*, quando debreagem temporal. Isso se dá porque a debreagem divide-se em debreagem enunciativa, em que os elementos referentes à não-pessoa *ele* são projetadas no discurso, e em debreagem enunciativa, em que os elementos projetados dizem respeito às categorias de pessoa *eu/tu*. Dos dois tipos diferentes de debreagem surgem o *enunciado enunciado*, que são projetados os elementos de terceira pessoa no discurso, e a *enunciação enunciada*, em que o sujeito da enunciação projeta um “eu, aqui, agora”.

A embreagem, por sua vez, trata-se do

[...] efeito de retorno à enunciação, produzida pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 140).

Um exemplo didático de embreagem actorial, em que há a suspensão da utilização da primeira pessoa em detrimento da terceira, é “O papai não quer que você faça isto”; aqui, observa-se claramente a tentativa de retorno do sujeito à enunciação, promovendo uma suspensão entre a oposição *eu* e *ele* (FIORIN, 1996, p. 52). Ou seja, a embreagem trata-se da

instalação do *ele* no lugar do *eu*, o *lá* no lugar do *aqui*, o *então* no lugar do *agora*, posto que o retorno à enunciação é uma tentativa do sujeito de falar de si.

Porém, segundo Greimas e Courtés (1979, p. 141), a embreagem total nunca pode ser atingida, porque isso equivaleria a apagar todas as marcas do discurso, retornar ao “inefável”. Toda embreagem deixa alguma marca discursiva na debreagem anterior. “Restringimo-nos ao que parece essencial: a embreagem se apresenta ao mesmo tempo como alvo visado pela instância da enunciação e como fracasso, como impossibilidade de atingi-lo” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 142).

A sintaxe discursiva também recobre as relações estabelecidas entre os dois sujeitos da enunciação: o enunciador e o enunciatário. Segundo Greimas e Courtés (1979, p. 150), o enunciador é erroneamente compreendido como sinônimo de “sujeito da enunciação”, mas, na verdade, tanto enunciador quanto enunciatário são posições actanciais desdobradas pelo mesmo sujeito da enunciação. O enunciador se trata do “destinador implícito da enunciação”, enquanto o enunciatário se trata do destinatário, também implícito na enunciação:

Assim compreendido, o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 150).

Dessa forma, percebe-se que enunciador e enunciatário são actantes pressupostos pela enunciação, e de forma alguma devem ser confundidos com seres ontológicos. Assim sendo, as relações entre esses dois extremos acontecem no sentido de um, o destinador-manipulador, tentar persuadir o outro, o destinatário, a crer e a fazer (BARROS, 2002, p. 91).

A escolha por parte do enunciador pelos tipos de debreagem decorrem dos efeitos de sentido pretendidos por ele. Na prática jornalística, como já tratado nas seções anteriores, a utilização da terceira pessoa – a debreagem enunciva – é utilizado em larga escala a fim de obter o efeito de distanciamento e objetividade, já que a imparcialidade é um dos valores estimados pelo gênero. A enunciação tem suas marcas apagadas, neutralizadas, quando o enunciador faz uso de um “ele”, um “lá” e um “então”, criando a ilusão de que nada faz além de comunicar os fatos (BARROS, 2005, p. 55).

Além disso, é comum que as notícias e reportagens contem com trechos de discurso direto, em que é cedida a palavra a algum dos atores. É assim que se dá a transferência de responsabilidade dos fatos relatados do jornalista ao entrevistado. Na sintaxe discursiva, há uma hierarquia quanto à delegação de vozes: o enunciador distingue-se do narrador, que é instalado

explicitamente no discurso por enunciar um “eu”, ou seja, deter a palavra e o fio do discurso (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 150).

A delegação de voz do enunciador ao narrador trata-se uma debreagem interna de primeiro grau e o narrador, por sua vez, pode também delegar a voz para um terceiro actante, o interlocutor, numa debreagem interna de segundo grau. Define-se, portanto, como interlocutor o ator que, através do discurso direto, dá seu testemunho, atesta suas opiniões e fala por si só nas unidades noticiosas. Segundo Barros (2005, p. 58), a debreagem interna de segundo grau é amplamente utilizada pela prática jornalística para construir o efeito de realidade nas notícias, posto que a fala do interlocutor confere veracidade ao que está sendo comunicado.

O efeito de realidade é obtido também a partir da ancoragem, que Barros (2005, p. 58) define como um procedimento próprio da semântica discursiva, por atar o discurso a “pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como ‘reais’ ou ‘existentes’”. Trata-se de um recurso semântico, pois recobre as projeções de pessoa, tempo e espaço presentes no enunciado com “traços sensoriais” e produz a ilusão de que eles se tratam de “cópias da realidade”.

Até agora, os procedimentos de projeção enunciativa foram analisados a fim de revelar os efeitos que podem imprimir no discurso a partir de suas várias possibilidades. Porém o discurso é também o espaço de *manipulação*, de enfrentamento de fazeres cognitivos distintos através de procedimentos argumentativos.

A esse respeito, Fiorin (1996, p. 52) afirma que a finalidade última de todo ato de comunicação é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado, a crer que o está sendo dito é “verdade”. Para isso, o enunciador lança mão de estratégias a fim de que seu enunciatário admita a validade dos sentidos produzidos por seu discurso. Chama-se de *fazer-persuasivo* os esforços por parte do enunciador e de *fazer-interpretativo* os do enunciatário, como afirmam Greimas e Courtés (1979, p. 487):

Exercido pelo enunciador, o fazer persuasivo só tem uma finalidade: conseguir a adesão do enunciatário, o que está condicionado pelo fazer interpretativo que este exerce, por sua vez: pelo menos motivo, a construção do simulacro de verdade, tarefa essencial do enunciador, está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador se faz deste último universo.

Assim, observa-se que a incumbência do enunciador é de realizar um *fazer-crer* através do *fazer-parecer-verdadeiro*; como diz o trecho, trata-se de criar efeitos de verdade, como um simulacro, e não verdades propriamente ditas. Isso se dá por conta da impossibilidade de recorrer a fontes externas ao texto a fim de provar ou não a verdade dos enunciados, então a

semiótica passou a tratar esse problema como um problema de veridicção, ou ainda, do *dizer-verdadeiro* (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 485). Como aponta Barros (2002, p. 94), caracterizar a verdade do discurso a partir da adequação ao seu referente trata-se de um equívoco.

Greimas e Courtés (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 486) afirmam que é entre os dois sujeitos da enunciação, compreendidos pelo enunciador e enunciatário, que a “verdade” será dita e assumida. Assim, compreende-se a necessidade de existência de um contrato entre eles para que os efeitos de verdade sejam apreendidos, denominado contrato fiduciário, “um pressuposto epistêmico básico de todo e qualquer ato enunciativo” (BALDAN, 1988, p. 49). Greimas e Courtés (1979, p. 89) afirmam:

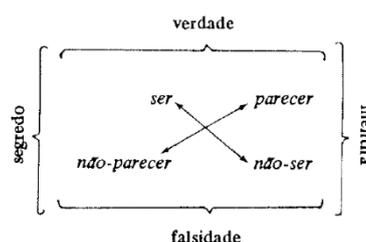
Tal contrato fiduciário pode ser chamado enuncivo na medida em que ele se inscreve no interior do discurso-enunciado e diz respeito a valores pragmáticos. Ele se manifesta, entretanto, também no nível da estrutura da enunciação e apresenta-se então como um contrato enunciativo, ou como contrato de veridicção, já que visa a estabelecer uma convenção fiduciária entre o enunciador e o enunciatário, referindo-se ao estatuto veridictório (ao dizer-verdadeiro) do discurso enunciado. O contrato fiduciário, que assim se instaura, pode repousar numa evidência (isto é, numa certeza imediata) ou então ser precedido de um fazer persuasivo (de um fazer-crer) do enunciador, ao qual corresponde um fazer interpretativo (um crer) da parte do enunciatário.

O fazer persuasivo, portanto, é uma performance cognitiva, assim como o fazer interpretativo, papel do enunciatário. Segundo Barros (2002, p. 55), o fazer interpretativo consiste na modalização do enunciado construído pelo enunciador pelo *parecer* e pelo *ser* e no estabelecimento da “correlação entre os dois planos da manifestação e da imanência”. Assim, os enunciados são modalizados veridictoriamente e denominados como *verdadeiros*, *falsos*, *mentirosos* ou *secretos*.

Em outras palavras, o contrato de veridicção se reinterpreta na instância do enunciatário, que recebe a mensagem, apresentada em nível de manifestação afetada pelo sinal do *parecer*. A partir desse *parecer* o enunciatário interpreta o *ser* ou o *não-ser* inscritos no nível de imanência. O enunciatário sanciona, então, o contrato de veridicção e o modaliza como *parecer/não-parecer*, *ser/não-ser* (BARROS, 2002, p. 50).

A esse respeito, Greimas e Courtés (1979, p. 488) dissertam:

A categoria da veridicção é constituída, percebe-se, pela colocação em relação de dois esquemas: o esquema *parecer/não-parecer* é chamado de manifestação, o do *ser/não-ser*, de imanência. É entre essas duas dimensões da existência que atua o “jogo da verdade”: estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser.



Decidir sobre o ser do ser é, segundo Baldan (1988, p. 50), apreender o componente ideológico do discurso, realizado a partir da manipulação modal instituída pelo enunciador, o sujeito modalizador. A autora ainda afirma que, ao interpretar ideologicamente um discurso, estabelecemos seu estatuto veridictório a partir da *intertextualidade intradiscursiva* que ele institui (BALDAN, 1988, p. 51).

A intertextualidade intradiscursiva postula, por sua vez, a existência de dois textos no interior de cada discurso: 1. um texto figurativo que conta a história, o conjunto de acontecimentos operados pelo fazer do sujeito enunciado, e manifesta um saber ao modo do parecer/não-parecer. E 2. “um metatexto que parafraseia o relato figurativo declarando ao modo do ser (e/ou do não ser) o mesmo saber que aquele produzira ao modo do parecer” (BALDAN, 1988, p. 51). Assim, é entre esses dois textos que se situa a veridicção propriamente dita, pois da sua articulação “fundamenta-se o ser do saber, a significação constituída pelo texto e que se deixa apreender sobremodalizada pela veridicção [...] para produzir diferentes modalidades veridictórias de textos” (BALDAN, 1988, p. 51).

Os enunciados modalizados veridictoriamente sofrem ainda sobremodalizações pelas modalidades epistêmicas do *crer*. Ou seja, o enunciatário finaliza o seu fazer interpretativo através de um juízo epistêmico, um *crer*, que ele emite “sobre os enunciados de estado que lhe são submetidos” a partir do fazer persuasivo, o fazer-*crer*, empreendido pelo enunciador. Dessa forma, o julgamento epistêmico pode levar o enunciatário de um estado de crença a outro.

Tais modalidades epistêmicas do *crer* organizam-se ao mesmo modo das modalizações veridictórias: o *crer-ser* trata-se de uma **certeza**, o *crer-não-ser* trata-se de uma **impossibilidade**, o *não-crer-não-ser* trata-se de uma **probabilidade** e o *não-crer-ser* trata-se de uma **incerteza** (BARROS, 2002, p. 57):

[...] Para haver transformação, o sujeito que interpreta e julga realiza uma operação de reconhecimento da verdade, que consiste em comparar e identificar o que lhe é apresentado pelo sujeito do fazer persuasivo com o que ele já sabe ou com aquilo em que crê. Trata-se de verificar a adequação do novo e desconhecido ao velho e já sabido, ou melhor, a um fragmento do universo cognitivo de quem julga. Tendo sido a adequação reconhecida ou

rejeitada, o sujeito aceita ou recusa o que lhe é proposto. A verdade e a falsidade constituem efeitos de sentido do julgamento epistêmico: o crer precede o saber e pertencem, ambos, a “um único e mesmo universo cognitivo” (GREIMAS, 1983, p. 133). Interpretar, para o sujeito, é, por excelência, confrontar a proposta recebida com seu universo do saber e do crer, com os sistemas de valores que atribuem sentido aos fazeres e aos estados. Distinguir a adesão “fiduciária”, que envolve sobretudo o crer, da adesão “lógica”, que recorre ao saber, é separar tipos de racionalidade, que, no ato de interpretar, se misturam e se confundem na certeza ou na dúvida da verdade, na verdade ou na falsidade da certeza. Afirma-se, com isso, o caráter ideológico da interpretação, no seu “reconhecimento da verdade”.

Para concluir as reflexões acerca da veridicção, pode-se dizer que tanto os processos de persuasão quanto de interpretação, o *fazer-crer* e o *crer-verdadeiro*, tratam-se de “procedimentos sintáxicos” cujo objetivo é “dar conta de uma ‘busca interior da verdade’, de uma ‘reflexão dialética’ [...] sob forma de discursos com vocação científica, filosófica ou poética” (GREIMAS; COURTÉS, 1979. p. 487).

Até aqui, a enunciação foi tratada tal qual fora concebida pelos estudiosos inspirados por Benveniste: a partir do aparelho formal da enunciação e os desdobramentos que lhe são próprios, como a enunciação enunciada e a variedade de projeções da enunciação. Jacques Fontanille, em seu livro *Semiótica do discurso*, adota um ponto de vista crítico acerca dessa questão com o objetivo de expandir e aperfeiçoar o entendimento da disciplina semiótica a respeito da enunciação. Para isso, aponta as dificuldades com o objetivo de propor novas possibilidades de reflexão, sempre a partir das contribuições dos precursores da teoria. Acerca disso, dissertaremos na próxima seção.

2.4 Desdobramentos fontanillianos: enunciação e práxis enunciativa

Fontanille (2015, p. 258-9) tece críticas tanto aos herdeiros da tradição europeia quanto aos da tradição anglo-saxônica, que, segundo ele, “pensam poder prescindir dessa noção [de enunciação], isso quando não a ignoram simplesmente”. O autor afirma que a enunciação, sob a ótica dessas duas concepções, é construída como se fosse uma “excrescência mal integrada”, posto que surge como um “fenômeno marginal, o próprio terreno das disfunções semânticas, sintáticas e referenciais do discurso” (FONTANILLE, 2015, p. 259). Como já visto, Greimas e Courtés afirmam que o retorno à enunciação de modo integral é impossível, porque figuraria como uma tentativa de retornar ao “inefável”. Fontanille também critica a associação errônea da instância enunciativa com as noções de comunicação, subjetividade e atos de linguagem, que faz questão de desmitificar ao longo do capítulo dedicado à enunciação.

A saída encontrada por Fontanille, portanto, foi a abordagem fenomenológica do conceito de enunciação. Esta promoveu o alargamento de sua compreensão que, para a disciplina semiótica, sempre fora tida apenas como a instância de mediação entre níveis os sêmio-narrativos e o nível discursivo. Manifestada pelos mecanismos de breagem, a enunciação sempre esteve aprisionada no último nível do percurso gerativo do sentido. A partir da guinada tensiva, a enunciação passou a ser detectada em todos os níveis do percurso gerativo do sentido, compreendido agora como um só campo discursivo (PRADO, 2018, p. 115).

Assim, Fontanille adotou o ponto de vista da “semiose em ato”, ou seja, do discurso em ato. A fim de compreender como se dá esse fenômeno, o autor elenca três “escolhas” essenciais à compreensão do ponto de vista: o papel da propriocepção na semiose, o campo de presença e os três regimes discursivos. Disso, decorre a interpretação da enunciação como uma práxis, que integra o discurso em ato ao sistema subjacente a fim de determinar os modos de existência e variações de presença dos discursos (FONTANILLE, 2015, p. 255).

A fim de compreender o entendimento fontanilliano de semiose é preciso, primeiramente, tratar sobre a propriocepção e campo de presença, os primeiros caminhos teóricos.

O campo de presença define-se como um espaço perceptivo que um ser vivo, dono de um corpo próprio, é acometido por sensações. Dentro dele, o sujeito perceptivo determina as fronteiras entre o *mundo exterior*, que ele relaciona ao plano da expressão, e o *mundo interior*, o plano do conteúdo. Trata-se de uma fronteira instaurada a cada momento que esse sujeito atribui significação a um acontecimento, situação ou objeto (FONTANILLE, 2015, p. 42). Segundo o autor, o sujeito da percepção adota essa posição perceptiva e estabelece os limites dos domínios interior e exterior entre os quais “o diálogo semiótico vai instaurar-se” (FONTANILLE, 2015, p. 43).

Em outras palavras, a semiose, compreendida como a união dos dois planos, ocorre a partir de um sujeito perceptivo que, ao mesmo tempo que separa os planos de expressão e de conteúdo ao estabelecer fronteiras que os delimitam, os une na linguagem. Assim, “sensível e inteligível – duas dimensões da significação – são ligados no ato da enunciação, isto é, na presença de um corpo sensível que se exprime” (PRADO, 2018, p. 104).

Portanto, segundo a perspectiva do discurso em ato, a semiose é definida como a “tomada de posição de uma instância proprioceptiva [...] que se torna uma instância enunciante” (FONTANILLE, 2015, p. 256). Tal instância proprioceptiva trata-se do sujeito da percepção que une, em pleno ato de enunciação, o *plano exteroceptivo*, da expressão, e o *plano interoceptivo*, do conteúdo. Fontanille (2015, p. 45) afirma:

De um lado, a interoceptividade produz uma semiótica que tem a forma de uma língua natural, e, de outro, a exteroceptividade produz uma semiótica que tem a forma de uma semiótica do mundo natural. A significação é, portanto, o ato que reúne essas duas macrossemióticas, e isso graças ao corpo próprio do sujeito da percepção, corpo próprio que tem a propriedade de pertencer simultaneamente às duas macrossemióticas de que se vale para sua “tomada de posição”.

Assim, define-se a tomada de posição como o primeiro ato enunciativo, pois “ao enunciar, a instância de discurso enuncia sua própria posição” (FONTANILLE, 2015, p. 97). Fontanille inspira-se em Merleau-Ponty (apud 1990, p. 92) para estabelecer: “[...] enunciar é tornar algo presente a si com a ajuda da linguagem” (FONTANILLE, 2015, p. 97). Percebe-se que, segundo essa concepção, a enunciação é tida como uma colocação em presença só faz sentido caso haja um corpo sensível capaz de percebê-la.

A tomada de posição ocorre a partir de duas operações perceptivas elementares, a visada e a apreensão. A esse respeito, Fontanille disserta (FONTANILLE, 2015, p. 98):

Como é uma tomada de posição sensível, destinada a instalar uma área de referência, ela consiste também em uma tomada de posição sobre as grandes dimensões da sensibilidade perceptiva: a intensidade e a extensão. No caso da intensidade, dir-se-á que a tomada de posição é uma *visada*; no caso da extensão, uma *apreensão*. A *visada* opera sobre o modo da *intensidade*: o corpo próprio vai, então, em direção àquilo que nele suscita uma intensidade sensível (perceptiva, afetiva). A *apreensão* opera, em contrapartida, sobre o modo de *extensão*: o corpo próprio percebe as posições, as distâncias, as dimensões e as quantidades.

Portanto, a enunciação ocorre com a tomada de posição de um sujeito perceptivo dentro de um campo de presença que é modulado a partir dos vetores de intensidade e extensão.

Seguindo com as reflexões acerca do conceito, Fontanille afirma que a enunciação dá conta de um regime discursivo que os outros três, já existentes e detentores de teorias próprias, não dão conta: o regime da predicação. Tal regime esclarece a especificidade dos atos de enunciação de modo muito claro, o que impõe, primeiramente, a explicação dos três regimes discursivos anteriores: o da ação, da paixão e da cognição. (FONTANILLE, 2015, p. 268)

Fontanille afirma que a linguagem “organiza o vivido e a experiência” através de “racionalidades”, que compara à “uma ordem, uma forma intencional ou, ainda, uma estrutura” (FONTANILLE, 2015, p. 187). As racionalidades a que ele se refere dizem respeito às três dimensões discursivas “de que nos valem para organizar nossa experiência em discurso: a racionalidade da *ação*, da *paixão* e da *cognição*” (FONTANILLE, 2015, p. 187). Assim, conclui-se que todo objeto semiótico é produto da articulação dessas três racionalidades, que

não atuam separadamente, posto que são três pontos de vista diferentes sobre a mesma faculdade da linguagem (FONTANILLE, 2015, p. 188).

A racionalidade da ação, que ele chama de dimensão pragmática, organiza as transformações. O autor afirma que o caráter dessa racionalidade é acabado, ou seja, as ações só podem ser determinadas a partir da reconstrução do percurso, ou seja, da pressuposição. “O resultado da ação pressupõe o ato que a produz, que, por sua vez, pressupõe, ele próprio, os meios e a competência que o tornam possível”. Assim, concebe-se também uma programação, responsável por guiar a ação dotada de um objetivo, que será perseguido a partir de “meios, de papéis e de um percurso” (FONTANILLE, 2015, p. 187).

A racionalidade da paixão Fontanille chama de dimensão passional; ela se constitui a partir de valores tímicos, fóricos, e administram as tensões e os efeitos passionais que acometem o sujeito perceptivo. Diferentemente da dimensão pragmática, “a experiência sensível só pode ser apreendida pelo discurso no próprio momento em que ela advém, e não retrospectivamente”. Assim, o autor afirma que a racionalidade da paixão é regida por duas frentes: o *advir* e o *dever*, responsáveis pelo desdobramento do *acontecimento*, que “advém e afeta aquilo que está diante dele, para quem ou em quem ele advém”.

Por último, a racionalidade da cognição, a dimensão cognitiva, administra a “manipulação do saber no discurso”, o que impõe também uma lógica epistêmica. Fontanille considera o discurso como “um todo de significação inteligível”, mais do que apenas um espaço em que circulam as informações e, portanto, concebe a linguagem “na perspectiva dos conhecimentos que ela tem condições de nos proporcionar sobre o nosso mundo”. Dessa forma, a racionalidade da cognição trata-se da racionalidade da apreensão e da descoberta: “apreensão e descoberta da presença do mundo e de sua própria presença, descoberta da verdade, descoberta dos elos que podem surgir entre os conhecimentos existentes etc” (FONTANILLE, 2015, p. 187).

Assim sendo, o regime da predicação, revela que um sujeito narrativo qualquer pode “seduzir, influenciar, persuadir, comandar um outro sujeito narrativo, mas ele não pode predicar a sedução, a influência, a persuasão ou a injunção, salvo se lhe dão a palavra, e, nesse caso, trata-se, na verdade, de uma delegação de enunciação” (FONTANILLE, 2015, p. 268). Dessa forma, Fontanille afirma que essa é a característica intrínseca da enunciação que os outros regimes discursivos não conseguem dar conta. Segundo ele, ela revela especificidades do ato de enunciação que permitem que se defina a enunciação como uma predicação dupla: que asseve o enunciado e assume sua asserção (FONTANILLE, 2015, p. 268-9).

A asserção trata-se do ato enunciativo que faz o conteúdo de um enunciado advir à presença, ou seja, é o ato que a instância do discurso torna presente, “faz ser”, como já visto anteriormente. Assumir a asserção, por sua vez, é admitir que algo está presente para aquele que enuncia. Trata-se, portanto, de conceber a enunciação a partir de duas perspectivas complementares:

(1) A asserção, conduzindo a uma predicação existencial, diz respeito, portanto, à presença dos enunciados e modifica o campo de presença do discurso. Desse modo, deduz-se facilmente que o ato de enunciação por excelência é aquele que situa o enunciado nesse campo e que lhe atribui um modo de existência, isto é, um grau de presença. Assim, atuando sobre a intensidade e a extensão dessa presença, a predicação existencial tratará um enunciado como realizado, outro como virtualizado, outro ainda como potencializado etc.

(2) A assunção é autorreferencial: para engajar-se na asserção, para assumir a responsabilidade pelo enunciado, para apropriar-se da presença instaurada, a instância de discurso deve relacioná-los a ela mesma, à sua posição de referência e ao efeito que eles produzem em seu corpo. Esse ato de assunção é, de fato, o ato pelo qual a instância de discurso faz conhecer sua posição em relação ao que advém em seu campo (FONTANILLE, 2015, p. 269).

Desse modo, a enunciação é compreendida como uma dupla predicação apoiada sobre a “copresença recíproca” (FONTANILLE, 2015, p. 272) tanto do enunciado quanto da instância de enunciação. Assim, compreende-se o discurso como um objeto controlado por essa instância que “determina sua significação e intencionalidade”, assim como dos outros três regimes discursivos já abordados. (FONTANILLE, 2015, p. 258). A grande contribuição de Fontanille à questão enunciativa é essa: instalar a enunciação nas debreagens pragmáticas, passionais e cognitivas, transformando-a não no “próprio ato de linguagem, mas na propriedade de linguagem que consiste em manifestar essa atividade”.

Ao conceber a enunciação como o lugar em que se apreende o que advém ao campo do discurso, Fontanille prepara o terreno para tratar sobre a concepção de práxis enunciativa. Como afirma Fiorin (2010, p. 61), ela é criada para administrar as duas grandezas comportadas pelo discurso quando ele é constituído a partir da enunciação: as formas fixadas pelo sistema e as formas estabelecidas pelo uso. Fontanille (2015, p. 109) afirma:

De fato, quando falávamos de “ato primeiro”, de “tomada de posição original”, era apenas em relação a essa presença singular. No entanto, nunca se pode encontrar o “primeiro” discurso: a atividade discursiva é sempre apreendida em cadeia ou na espessura de outros discursos aos quais ele se refere incessantemente. Cada ocorrência do discurso é, ela própria, ocasião de um grande número de atos de linguagem encadeados e sobrepostos uns sobre

os outros. É preciso passar, assim, do ato de enunciação à práxis enunciativa: a práxis enunciativa é justamente esse conjunto aberto de enunciações encadeadas e sobrepostas no interior do qual se introduz cada enunciação singular.

Saussure, em seu *Curso de linguística geral* (1969, p. 15-25), antecipa a discussão acerca dos modos de existência ao opor língua e fala. No sistema abstrato, composto de signos convencionais, tem-se as potencialidades de realização da língua, ou seja, tem-se o virtual; na fala, a realização individual dos elementos que compõem o sistema, tem-se o atualizado e o realizado.

Na disciplina semiótica, tais modos de existência sempre foram compreendidos a partir dos níveis do percurso gerativo do sentido. Nesse simulacro metodológico, o nível fundamental é o terreno das virtualidades, onde se dão as possibilidades narrativas e os valores semânticos; no nível acima, o narrativo, tais possibilidades e valores são organizados dentro do quadrado semiótico, de modo que percursos são instituídos e actantes são criados para assumir os percursos e os valores do nível anterior. Ou seja, o nível narrativo atualiza o nível fundamental. Em seguida, quando todos esses elementos passam ao discurso, dá-se a realização. É por isso que a enunciação sempre fora compreendida pela semiótica como o fenômeno de transição das estruturas sêmio-narrativas às estruturas discursivas, pois realiza em discurso as virtualidades e as atualizações compreendidas anteriormente.

A abordagem tensiva da enunciação proposta por Fontanille foge dessa perspectiva ao passo que compreende a enunciação como um processo que não obedece a lógica de camadas, de níveis, pois se trata de um fenômeno compacto que se dá em todos os regimes discursivos, como visto anteriormente. A práxis enunciativa, por sua vez, administra as relações entre sistema e discurso, “já que o sistema é por definição virtual, ao passo que o discurso *visa a atualização*” (FONTANILLE, 2015, p. 273). Ela figura, na verdade, como uma instância intermediária entre o sistema e a realização, administrando o “aparecimento e desaparecimento” das formas discursivas a partir da distribuição e variação dos modos de existência *virtualizado, atualizado, potencializado e realizado*. (FONTANILLE, 2015, p. 273).

Fiorin (2010, p. 53) afirma que é Coseriu quem concebe tal instância intermediária muito antes da introdução do conceito de práxis enunciativa na teoria linguística, ocorrida em meados dos anos 1980 por Greimas. Segundo o autor (2010, p. 54 apud COSERIU, 1973, p. 98), indivíduos falantes de uma determinada língua têm um conjunto de possibilidades – e impossibilidades – de realização das formas dispostas dentro de um sistema, e a realização, por sua vez, é administrada por “um conjunto de obrigatoriedades, de injunções culturais e sociais”

que ele chama de norma. Parafraseando Fiorin (2010, p. 54), o sistema é um poder ser, a norma um dever ser:

A norma é, em Coseriu, uma realização do sistema que se torna habitual e, portanto, social, sendo, pois, reproduzida pelos diferentes falantes individuais. Ela é a realização consuetudinária do sistema. Ela limita as possibilidades de atualização da língua e, por conseguinte, predetermina a realização dos discursos concretos, a fala. Ela é o nível dos atualizados (FIORIN, 2010, p. 55).

Tal realização consuetudinária só pode ser concebida a partir da superação da noção que a enunciação é um fenômeno estritamente pessoal. Fontanille afirma que o entendimento benvenistiano de apropriação individual da língua desconsidera o fato de que “o sistema (a língua) é, ao contrário, o produto esquematizado dos usos, e conseqüentemente, da acumulação da práxis” (2015, p. 273). Em outras palavras, cada nova enunciação é possível apenas por conta de enunciações coletivas anteriores, que constituem o “grande número de atos de linguagem encadeados e sobrepostos uns sobre os outros (FONTANILLE, 2015, p. 109) citado anteriormente. Assim, compreende-se que a prática coletiva da atividade linguística é a responsável por tecer o emaranhado de enunciações que viabilizam futuras realizações individuais.

Isso posto, Fontanille (FONTANILLE, 2015, p. 273) afirma que a enunciação, mais do que apenas explorar o que já se tem no sistema, contribui também para sua constante remodelação e colocação em devir. Sendo a práxis enunciativa uma ferramenta de regulação dos diferentes modos de existência das grandezas discursivas, é necessário que se compreenda seu caráter intersubjetivo, pois é a partir da “partilha intencional” que “a formação e o desaparecimento de uma norma” pode ser monitorada.

Generalizando um pouco, seríamos inclinados a considerar que é a troca social, a circulação dos objetos semióticos e dos discursos no interior das culturas e das comunidades, que conserva ou que rejeita os usos inovadores ou cristalizados e que transforma de alguma maneira as criações do discurso em formas canônicas (FONTANILLE, 2015, p. 281).

Dessa forma, percebe-se que a práxis enunciativa relaciona-se com as normas e os usos correntes dentro de uma determinada cultura e pode ser considerada a partir do ponto de vista do *dever do objeto*, ou seja, das grandezas discursivas, e do ponto de vista do *dever dos sujeitos* como parceiros da interação semiótica. O dever dos objetos produz quatro estados: *aparecimento*, *desaparecimento*, *declínio* e *emergência* das formas; o dever dos sujeitos também: *amplificação*, *somação*, *desdobramento* e *atenuação* das atitudes da instância de

discurso em relação aos enunciados que manipula. O esquema a seguir, retirado do livro *Semiótica do discurso* (FONTANILLE, 2015, p. 275) ilustra os modos de existência:

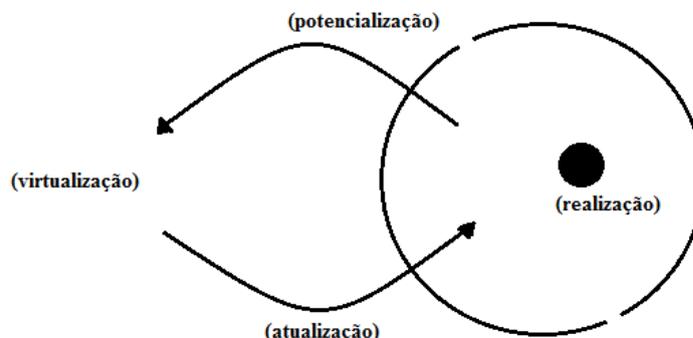


Figura 4 - Esquema dos modos de existência

Segundo Fontanille (FONTANILLE, 2015, p. 276), os modos de existência correspondem a:

O modo *virtual*, no sentido próprio do termo, é o modo das estruturas de um sistema subjacente, da competência formal disponível no momento da produção do sentido. O modo *atualizado* é aquele das formas que advém no discurso e das condições para que elas ali advenham: a atualização de um cromatismo em uma imagem, por exemplo, compreende o conjunto das tensões e dos contrastes nos quais ele toma parte, devido a sua coexistência com os cromatismos vizinhos. O modo *realizado* é justamente o modo pelo qual a enunciação faz as formas do discurso encontrarem-se com uma realidade, realidade material do plano da expressão, realidade do mundo natural e do mundo sensível no caso do plano do conteúdo.

O movimento inverso é aquele próprio à dimensão retórica dos atos de discurso: uma forma é considerada *potencializada* quando sua difusão ou seu reconhecimento são tais que ela pode figurar como um *tópos* do discurso [...]. O modo *virtualizado* (nunca voltamos ao *virtual* propriamente dito, pois estamos ainda no discurso em ato) é aquele das grandezas que servem de segundo plano ao funcionamento das figuras do discurso: o ato semiótico consiste, então, em *realizar* uma figura, em remeter uma outra figura ao estado *virtualizado* e em colocá-las em interação de modo que, no momento da interpretação, o enunciatário seja conduzido a ir e vir de uma figura à outra.

Quanto ao devir dos objetos, existem dois percursos: o percurso *ascendente* explora a tensão entre o modo *virtual* e o *realizado*, pois faz os objetos “subirem” à manifestação; já o percurso *descendente* explora a tensão entre *realizado* e *virtualizado* ao fazer com que os objetos sejam devolvidos ao sistema. Assim, é possível organizar dois atos diferentes para cada

percurso. No percurso ascendente, em que as formas são convocadas à manifestação, tem-se as fases:

- *Virtual* → *Atualizado* [V → A], em que ocorre a *emergência* de uma determinada forma;
- *Atualizado* → *Realizado* [A → R], em que ocorre o *aparecimento* de uma forma;

Já no percurso descendente, tem-se:

- *Realizado* → *Potencializado* [R → P], em que a forma sofre um *declínio*;
- *Potencializado* → *Virtualizado* [P → V], que descreve o *desaparecimento* de uma forma.

Na *emergência* de uma forma, Fontanille afirma que ela se “inova” com vistas a “receber um estatuto de realidade” durante seu *aparecimento*, o que permitirá que a ela sejam feita referências (2015, p. 277). Já o *declínio* de uma forma descreve “sua entrada no uso e sua fixação enquanto *praxema* potencialmente disponível para outras convocações”. Por último, o *desaparecimento* de uma forma consiste na sua diluição nas estruturas virtuais (FONTANILLE, 2015, p. 277-278).

Assim sendo, pode-se calcular uma tipologia do fazer semiótico a partir da correlação entre um ato de orientação ascendente e um ato de orientação descendente, que culmina em quatro estratégias diferentes: *distorção*, *remanejamento*, *flutuação* e *revolução*. A tabela a seguir organiza todas elas (FONTANILLE, 2015, p. 279):

Ascendência Descendência	Emergência	Aparecimento
Declínio	<i>Distorção</i>	<i>Flutuação</i>
Desaparecimento	<i>Remanejamento</i>	<i>Revolução</i>

Tabela 9 - Transformações tensivas

O devir existencial da instância de discurso atesta o grau de presença da enunciação em relação aos enunciados que ela manipula. Fontanille afirma que as variedades do efeito de presença podem ser mensuradas a partir das dimensões de *intensidade de assunção* e de *extensão do reconhecimento*. A intensidade de assunção representa a intensidade da ligação

entre sujeito e objeto, ou seja, o sujeito e sua produção. Fontanille (2015, p. 280) afirma que quanto mais o sujeito se reconhece em sua própria produção, mais forte é esse “elo”. Já a extensão do reconhecimento diz respeito ao número de actantes da enunciação e à difusão das formas significantes, ao passo que a repetição dessas formas é contabilizada como número de ocorrências, e não simplesmente como um número de objetos.

Fontanille (2015, p. 282) afirma que quando ambas dimensões “andam juntas”, ou seja, têm **correlação direta**, o *valor de troca* de uma forma é definido. Por exemplo, uma forma que sofre *amplificação* é fortemente assumida por conta do seu extenso reconhecimento, como uma expressão que é frequentemente adotada por um número expressivo de sujeitos; ela *integra-se*. Já uma forma pode sofrer o efeito contrário, a *atenuação*. Isso se dá quando uma expressão é reconhecida, porém não frequentemente adotada e não conta com o reconhecimento de um número suficiente de falantes; ela tende, portanto, a se tornar *obsoleta*.

Quando as dimensões têm **correlação inversa**, define-se o *valor de uso* das formas. Expressões *revivificadas* são aquelas que, depois de caírem em desuso são repentinamente ressignificadas, ou seja, contam com curto número de ocorrências, mas intensa assunção. Essas são impostas pela *somação*. Já formas que sofrem *desdobramento* sofrem baixa na intensidade com que são assumidas por conta de sua grande extensão de uso, o que as leva ao *desgaste* ou nem todas as suas implicações de sentido são reconhecidas (FIORIN, 2010, p. 66).

Os gráficos a seguir, de confecção própria, demonstram visualmente as posições decorrentes do cruzamento das duas dimensões:

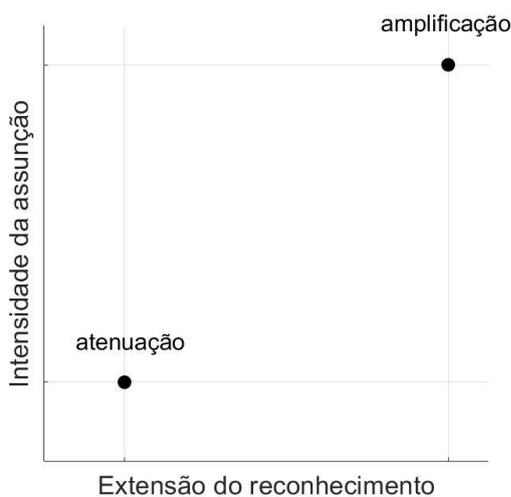


Gráfico 1 - Operações de correlação direta

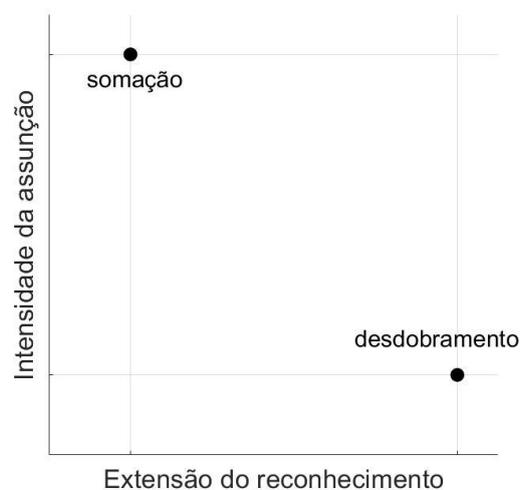


Gráfico 2 - Operações de correlação inversa

A tabela a seguir, retirada da mesma obra de Fontanille que vem sendo citada até agora, resume as posições dispostas graficamente acima (2015, p. 282):

	Assunção forte	Assunção fraca
Reconhecimento extenso	Amplificação	Desdobramento
Reconhecimento restrito	Somação	Atenuação

Tabela 10 - Posições do devir existencial

As dimensões *intensidade de assunção e extensão do reconhecimento*, cujas combinações resultam nas diferentes posições do devir existencial dos sujeitos, são as mesmas dimensões do campo esquemático que regulam também a *intensidade de adesão e extensão de manifestações dos valores*, que, quando combinadas, culminam nas axiologias e formas de avaliação dos tipos discursivos já abordadas no capítulo inicial. Enquanto o devir existencial dos sujeitos regula o grau de presença da instância da enunciação em suas produções, as formas de avaliação do discurso e as axiologias regulam as reações que a exposição de determinados valores suscita nos enunciatários. Sabendo que tanto enunciador quanto enunciatário são posições actanciais desdobradas pelo mesmo sujeito da enunciação, ambas tipologias são duas faces da mesma moeda. Assim, tipos discursivos que fazem circular valores participativos, que caminham na direção da máxima projeção dos valores no discurso, contam com um grau de presença da enunciação que também caminha para a máxima projeção de sua assunção e reconhecimento. Isto é, uma forma que é conduzida à adoção em determinado uso é fortalecida pela forte assunção e grande extensão de reconhecimento, acarretando numa forte intensidade de adesão por parte do enunciatário, bem como ampla extensão e quantidade de manifestações dos valores. O processo inverso ocorre quando essa mesma forma não é mais adotada pela instância de enunciação e gradativamente cai em desuso, sofrendo atenuação e, conseqüentemente, não obtendo a forte intensidade de adesão e extensão de outrora por parte do enunciatário.

Assim, quando a enunciação amplifica, isto é, faz determinada expressão ser assimilada dentro de determinada práxis, ela o faz a partir de tipos discursivos cujos valores são participativos, que aliam forte intensidade de adesão dos enunciatários com ampla extensão e quantidade. No entanto, a mesma forma pode sofrer desgaste caso passe a ser excessivamente desdobrada a partir de discursos onipresentes, de valores difusos.

Uma forma assimilada pode também cair em desuso; isso se dá quando a instância de enunciação a atenua, isto é, assume fragilmente num número restrito de ocorrências a partir de

valores pouco abrangentes e aderidos. Porém, não é incomum observar expressões obsoletas serem ressignificadas por conta de uma súbita intensidade de assunção somada a um número restrito de ocorrências; usualmente, isso se dá nos tipos discursivos de valores exclusivos, em que há forte adesão, porém restrita extensão e quantidade de manifestações.

Assim, finaliza-se a exposição das tipologias, operações, transformações tensivas e percursos que a práxis enunciativa utiliza para mensurar o aparecimento e desaparecimento das grandezas discursivas. Além disso, finaliza-se também a exposição dos principais pressupostos teórico-metodológicos que serão utilizados na seção a seguir, em que se darão as análises das desnotícias selecionadas.

Espera-se que, a partir da concepção benvenistiana de aparelho formal da enunciação e dos desdobramentos realizados pela semiótica clássica, possa-se explicar as sutilezas das construções enunciativas desnoticiosas analisando as projeções de pessoa, tempo, espaço, assim como as possíveis sobreposições desses elementos. As modalizações presentes nos enunciados também revelarão detalhes acerca das estratégias de convencimento e persuasão das inteligências discursivas desnoticiosas que, a partir do *fazer persuasivo*, esquematizam determinados programas modais com a finalidade de atingir determinadas posições veridictórias e, assim, a adesão de seus enunciatários. Além disso, têm peso também as figuras de pensamento e outras estratégias argumentativas, elementos igualmente importantes na relação entre enunciadore e enunciatários.

Tais observações serão realizadas juntamente às observações acerca dos intertextos e interdiscursos presentes na composição dos textos desnoticiosos, responsáveis pelo estabelecimento de horizontes referenciais aos quais os enunciatários recorrerão para interpretar o enunciado humorístico.

Espera-se também que os modos de existência deem conta de esclarecer como se dão as estratégias de desencadeamento do humor nas desnotícias, sistematizando as formas mais utilizadas, as narrativas mais frequentes e também aquelas pouco utilizadas ou que surtem menos efeito. Dessa forma, na confluência de todos esses elementos, espera-se poder revelar as minúcias da prática desnoticiosa, fenômeno discursivo não tão recente assim, mas que ainda inspira muitos questionamentos.

Capítulo 3: Análises das desnotícias

Neste capítulo final, serão analisadas à luz dos postulados teóricos expostos as seis desnotícias escolhidas, retomadas a seguir a partir da já utilizada Tabela 8:

	Título	Data	Nº de caracteres	Imagem
Site <i>Sensacionalista</i>	1. “Pena de Lula pode aumentar para 12 anos e petistas já começam campanha #Lula2030” ³⁶	24/01	71	Sim
	2. “Lula contrata advogado de Aécio e vai disputar eleições” ³⁷	02/02	104	Sim
	3. “PF tem mandato com lacuna para próximo candidato do PT” ³⁸	02/03	138	Sim
	4. “Após 518 anos, Brasil finalmente se livra da corrupção para sempre” ³⁹	04/04	195	Sim
Blog <i>The Piauí Herald</i>	1. “Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil” ⁴⁰	26/01	171	Sim
	2. “Merval Pereira vai fechar o Maracanã no julgamento de Lula” ⁴¹	03/04	176	Sim

Prezaremos pelo desvendamento das estratégias lançadas mão pelos enunciadores, bem como dos horizontes referenciais projetados no interior das desnotícias para desencadear o humor pretendido. Para isso, utilizaremos em grande escala a metalinguagem da teoria semiótica clássica e também aquela referente a seus novos desdobramentos, procurando sistematizar as recorrências temáticas e figurativas, assim como as grandezas discursivas que ora aparecem, ora desaparecem nos textos. Dessa forma, poderemos apreender as normas e os usos correntes a partir tanto do devir dos objetos, que regula o aparecimento, desaparecimento, declínio e emergência das formas, quanto dos sujeitos, que concerne as atitudes da instância de discurso em relação aos enunciados que manipula. Assim, poderemos, por fim, reconstituir o

³⁶<http://www.sensacionalista.com.br/2018/01/24/pena-de-lula-pode-aumentar-para-12-anos-e-petistas-ja-comecam-campanha-lula2030/>. Acesso em 21 set. de 2018.

³⁷<https://veja.abril.com.br/blog/sensacionalista/lula-contrata-advogado-de-aecio-e-vai-disputar-eleicoes/>. Acesso em 21 set. de 2018.

³⁸<https://veja.abril.com.br/blog/sensacionalista/pf-tem-mandado-com-lacuna-para-proximo-candidato-do-pt/>. Acesso em 21 set. de 2018.

³⁹<http://www.sensacionalista.com.br/2018/04/04/apos-518-anos-brasil-finalmente-se-livra-da-corrupcao-para-sempre/>. Acesso em 21 set. de 2018.

⁴⁰ <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2018/01/26/ibama-declara-que-corrupcao-esta-extinta-no-brasil/>. Acesso em 21 set. de 2018.

⁴¹ <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2018/04/03/merval-pereira-vai-fechar-o-maracana-durante-o-julgamento-de-lula/>. Acesso em 21 set. de 2018.

éthos e a postura ideológica de cada um dos veículos, traçando as principais semelhanças e diferenças de ambas práticas desnoticiosas.

#1 – “Pena de Lula pode aumentar para 12 anos e petistas já começam campanha #Lula2030” – site *Senzacionalista*

Fale conosco / Anuncie Mídia Kit f i t d

Senzacionalista

isento de verdade

HOME VÍDEOS PAÍS ESPORTE ENTRETENIMENTO MUNDO DIGITAL LISTAS COMPORTAMENTO CAMISETAS Q

País

Pena de Lula pode aumentar para 12 anos e petistas já começam campanha #Lula2030

f Compartilhar no Facebook
tweet no Twitter
G+
p



Com dois votos a favor da manutenção da condenação e faltando apenas o voto do desembargador Victor Laus, o ex-presidente Lula deve ser condenado e sua pena aumentada para 12 anos e um mês.

A provável condenação fez com que petistas já lançassem, na tarde de hoje, a campanha #Lula2030.

“Gostaríamos inclusive de agradecer a sentença que possibilitou que o fim da pena fosse exatamente em ano eleitoral” disse Leonardo Mendonça.

(Anexo A1)

A desnotícia em questão, que conta apenas com três curtos parágrafos, traz em sua manchete a atualização de detalhes relativos a um notório acontecimento do âmbito jurídico e político brasileiro: a condenação do ex-presidente Lula.

Sabe-se que uma das estratégias de que o gênero jornalístico lança mão para preservar a sensação de atualidade em suas notícias é a adição de novas informações sobre um fato já concretizado, ou seja, a simples existência de detalhes a serem retificados sobre determinado assunto permite que uma nova notícia seja redigida, “requeitando” o ocorrido de horas, dias, semanas, meses e até anos antes. Na unidade desnoticiosa analisada, o “assunto secundário” que justifica a produção do texto é um evento fictício criado pelos enunciadores que será explorado ao longo da desnotícia.

Em “Pena de Lula pode aumentar para 12 anos e petistas já começam a campanha #Lula2030”, é possível observar como o enunciado é organizado para prender a atenção do leitor a partir da entrega do clímax logo no início. Como já visto anteriormente, tal estratégia de gerenciamento de atenção é comum ao gênero jornalístico e conta, ainda, com a utilização da terceira pessoa, que produz o efeito de distanciamento necessário para que o acontecimento pareça se manifestar ao público sem a intervenção de ninguém. Esse padrão será observado em todas as desnotícias escolhidas para análise.

Observa-se que a manchete revela as transformações pelas quais passam não apenas a já julgada pena de Lula, mas também o comportamento dos partidários do político frente a isso. No enunciado, o verbo modal *poder*, que rege o verbo “aumentar”, não atribui qualquer tipo de competência a um sujeito do fazer, mas sim estabelece uma *possibilidade* de adição do número de anos à pena dada ao ex-presidente. A partir do uso do advérbio “já”, tal possibilidade é prontamente assumida pelos colegas de partido de Lula e ressignificada, como se verá no corpo da desnotícia.

No corpo do texto, observa-se que o primeiro parágrafo se dedica a relatar as últimas atualizações referentes ao julgamento do ex-presidente instalando o efeito de sentido de presente “elástico”, ou seja, alongado, para que a notícia se presentifique (HERNANDES, 2006, p. 54). Vê-se que a desnotícia fora escrita e veiculada enquanto o acontecimento ainda se desenrolava: “Com dois votos a favor da manutenção e *faltando* apenas o voto do desembargador Victor Laus, o ex-presidente Lula *deve* ser condenado e sua pena aumentada para doze anos e um mês” (grifo nosso). O verbo “faltar”, no gerúndio, indica que o processo de votação ainda não está finalizado e que as informações ali contidas são provisórias, ou seja, atualizações sobre o assunto ainda serão feitas; além disso, o verbo modal *dever* conjectura um cenário possível decorrente desse julgamento. A partir dessas configurações, conclui-se que esse parágrafo poderia figurar também numa unidade noticiosa comum, especialmente naquelas que procuram apurar os fatos “em tempo real” e oferecer aos seus leitores informações atualizadas e previsões baseadas no que foi averiguado, como portais virtuais de notícias.

Já o segundo parágrafo traz o evento fictício no qual a desnotícia gira em torno: “A provável condenação fez com que petistas já lançassem, na tarde de hoje, a campanha #Lula2030”. A provável disjunção do actante Lula com a sua liberdade e o aumento de sua pena não é motivo para esmorecimento de seus apoiadores, como se vê, mas um momento de renovação e redirecionamento de sua campanha presidencial. Emerge aqui, isto é, passa da virtualização à atualização, a grandeza discursiva do irônico “otimismo”, pois apesar da provável condenação, os partidários de Lula ainda acreditam na causa que defenderão dali doze anos. Portanto, os elementos humorísticos mobilizados pelos enunciadores recaem sobre a recepção e a reação dos “petistas”, aqui concebidos como um actante coletivo, frente ao fato da condenação e encarceramento de Lula.

No terceiro e último parágrafo, uma debreagem interna de segundo grau dá a voz a um interlocutor, “Leonardo Mendonça”, que confere “veracidade” à hipótese desnoticiosa: “Gostaríamos inclusive de agradecer a sentença que possibilitou que o fim da pena fosse exatamente em ano eleitoral”. Aqui, percebe-se que o interlocutor assume a voz do actante coletivo “petistas” e fala como se a condenação já fosse certa. O valor “liberdade” do ex-presidente Lula é instituída nesse momento como objeto modal cuja aquisição é necessária para a realização da performance desse ator, que é concorrer à presidência da república; além disso, a fala do interlocutor emerge também a grandeza discursiva da “perseverança” do grupo no que diz respeito a essa performance, pois, apesar das circunstâncias, a causa não é desacreditada por eles.

Percebe-se, ao longo do texto, que formas como “pena”, “condenação” e “sentença” não são acompanhadas de elementos disfóricos, nem quando um dos partidários do condenado é dado a palavra para se pronunciar. Ao contrário, “pena” e “sentença” são termos euforizados, celebrados, acompanhados de verbos como “agradecer” e “possibilitar”, indicando satisfação e contentamento. Isso se dá porque a “pena” possibilita que, no futuro, o ex-presidente obtenha o poder-fazer necessário para realizar sua performance. Assim, elementos que normalmente seriam disfóricos acompanham outros termos também euforizados, como “campanha” e “ano eleitoral”. A campanha idealizada como “#Lula2030” é reflexo do modo com que se dão mobilizações populares atualmente na *internet*: a partir da chamada *hashtag* seguida da causa em questão⁴².

⁴² Em algumas redes sociais, a utilização da cerquilha (#) faz com que *hiperlinks* sejam criados a partir do termo utilizado. Assim, quando o usuário faz uma pesquisa a partir de uma palavra-chave, todos os conteúdos em que essa palavra-chave é precedida por uma *hashtag* aparecem como resultado. Por exemplo, no *Twitter*, é possível pesquisar #MasterChefBR para acompanhar as postagens de usuários que utilizaram essa *hashtag* em seus *tweets*. Fonte: <https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-hashtag/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

Assim, desencadeia-se o humor a partir da quebra de expectativa promovida pela aparente indiferença do grupo quanto à provável prisão e aos doze anos de encarceramento de seu líder. Além disso, a total desconsideração desse fato vem aliada ainda à persistência do grupo em sua candidatura à presidência, que aparenta ser seu objetivo final independentemente do tempo que isso possa levar para acontecer. Nesse momento, pode-se dizer que a grandeza discursiva do “fanatismo” se atualiza, pois a postura dos partidários do ex-presidente Lula é desprovida de críticas ou considerações acerca da circunstância em que ele se encontra.

O que se conclui é que as categorias semânticas “ônus” e “bônus” compõem a estrutura axiológica virtual elementar do texto, pois é possível observar os percursos narrativos e os revestimentos discursivos assumindo percursos de “não-ônus” que culminam, irremediavelmente, em “bônus”, de acordo com o quadrado semiótico. Assim, pode-se dizer que o humor advém de um otimismo arbitrário por parte do grupo de “petistas”, que desconsideram o grave desenrolar dos fatos e olham para “o lado bom”, o benefício, que a pena do ex-presidente traz consigo.

Como afirma Brait (2008, p. 140), para que haja ironia, é preciso que o enunciador produza um enunciado de forma que chame a atenção do enunciatário para o que está sendo dito, mas principalmente para a maneira de dizer e para as contradições existentes entre as duas dimensões. Na desnotícia em questão, o que é exigido do enunciatário é a assunção e adesão aos valores do universo axiológico ali parodiado pela da fala do actante coletivo, o que expõe suas incongruências e, ao fim, desencadeia o humor pretendido pelos enunciadores.

Observa-se que a predominância da debreagem enunciva aliada às debreagens internas de segundo grau conferem à desnotícia os efeitos de distanciamento, atualização e objetividade comuns às unidades noticiosas que a prática desnoticiosa procura parodiar. O revestimento figurativo, porém, também parte do *fazer-criar* do qual o enunciador lança mão para obter a adesão de seu enunciatário, é mínima. Percebe-se que o único papel temático atribuído na desnotícia é o de “petistas” ao actante coletivo, sem maiores investimentos semânticos. Assim, pode-se dizer que os efeitos de irrealidade produzidos na desnotícia resultam de uma sintaxe discursiva que obedece a requisitos para veicular uma *verdade discursiva* aliada a um percurso majoritariamente temático que, por sua vez, explora as incongruências a partir de um número reduzido de figuras.

Assim, a análise da desnotícia vai ao encontro, em partes, da hipótese traçada no primeiro capítulo em que versamos acerca do gênero noticioso, pois o primeiro critério que define o tipo discursivo das desnotícias institui o ato de linguagem persuasivo como aquele que impera no contrato entre enunciador e enunciatário da desnotícia, pois reúne as modalizações

do assumir e do aderir. No texto, o enunciatório assume com fragilidade os valores veiculados por serem da ordem da derrisão e a ausência de qualificação do enunciador, produto das estratégias da sintaxe discursiva, conferem também um efeito de sentido de fato ocorrido.

#2 – “Lula contrata advogado de Aécio e vai disputar eleições” – site *Sensacionalista*

veja | Jair Bolsonaro | IRPF | Prêmio Veja-se | Revista | Newsletter | Palavras cruzadas | Gastronomia | Assine

Lula contrata advogado de Aécio e vai disputar eleições

Petista estaria impedido após condenação em segunda instância mas achou a solução para concorrer

Por Sensacionalista
© 2 fev 2018, 12h35 - Publicado em 2 fev 2018, 12h20

O PT mudou a estratégia de defesa e contratou os advogados de Aécio Neves (Nelson Almeida/AFP)

Após a condenação a 12 anos de prisão em segunda instância, o PT mudou a estratégia de defesa e contratou os advogados de Aécio Neves.

Com isso, Lula está virtualmente garantido na urna em outubro, disseram especialistas ao Sensacionalista.

Segundo uma pesquisa bancada por FIESP e Bovespa, desde que Lula foi condenado a corrupção foi extinta do país. “Não houve sequer um roubo de galinha desde que o PT desapareceu da vida pública”, disse o responsável pelo estudo.

Segundo um outro estudo, a prisão de Aécio Neves é o novo Pokémon Go: todo mundo falou muito a respeito mas agora ninguém se lembra mais.

Newsletter

Conteúdo exclusivo para você

Nome _____

E-mail _____

Aceito receber ocasionalmente ofertas especiais e de outros produtos e serviços do Grupo Abril.
[Política de Privacidade](#)

Quero Receber

Assine

Leia grátis por 30 dias no **GoRead**

Política
Intrigas, acusações e mágoas

Política
A sorte está lançada

Política
O velho lance

Mundo
Macron piscou primeiro

Economia
Longe da perfeição

Mais vistas

- 1 Nova paralisação de caminhoneiros tem baixa adesão
- 2 Jornalista Chico Lang lamenta morte do filho após queda de prédio
- 3 Sete assessores de Flávio Bolsonaro fizeram depósitos para ex-motorista
- 4 Discurso grotesco de Bolsonaro extrapola todos os limites
- 5 Prefeito de Niterói é preso em operação contra desvios nos transportes
- 6 Receita abre consulta ao 7º lote de restituições de IR de 2018
- 7 Produtor explica mudança de sexo de personagem de 'Cavaleiros do Zodíaco'
- 8 Todo cuidado é pouco
- 9 Para Moro, Bolsonaro já esclareceu caso de ex-assessor do filho
- 10 Fernanda Montenegro defende classe artística: 'não somos ladrões'

A desnotícia a ser analisada é referente ao mês de fevereiro de 2018 e fora produzida exclusivamente para ser veiculada pela Revista Veja, numa parceria já abordada anteriormente. A narrativa presente logo na manchete é velha conhecida do público e traz as figuras do ex-presidente Lula e do senador Aécio Neves em relação, o que evoca diferentes horizontes referenciais que serão explorados ao longo do texto.

A manchete “Lula contrata advogado de Aécio e vai disputar eleições” trata-se de um enunciado de fazer em que o actante Lula sai de um estado de disjunção com seu objeto de valor, a candidatura para as eleições, e entra em conjunção com ela através da aquisição de um objeto modal, o “advogado de Aécio”. O texto abaixo da manchete corrobora com a hipótese: “Petista estaria impedido após condenação em segunda instância, mas achou solução para concorrer”. A narrativa de privação em que Lula entra em disjunção com sua liberdade realiza-se parcialmente através de “condenação em segunda instância”, porém o que está prestes a se desenrolar se trata da narrativa de liquidação dessa privação, a “solução”, pois a aquisição do primeiro objeto modal, o “advogado de Aécio”, culmina na aquisição de um segundo objeto modal, a liberdade. Só assim o actante Lula dota-se de um poder-fazer, ou seja, adquire a competência necessária para realizar a performance que pretende.

No corpo do texto, as narrativas de privação da liberdade de Lula e liquidação de privação apresentam-se no primeiro parágrafo: “Após a condenação a 12 anos de prisão em segunda instância, o PT mudou a estratégia da defesa e contratou os advogados de Aécio Neves”. Percebe-se a partir de “estratégia da defesa” que o valor “liberdade” transita ora como objeto modal, como visto na manchete, ora como objeto de valor, como visto aqui. Além disso, o ato de contratar “os advogados de Aécio Neves” para livrar-se da prisão faz com que a forma discursiva do “criminoso de colarinho branco” saia de um estado de virtualização e se atualize, isto é, emerja à superfície, sendo de fato realizada no último parágrafo; no trecho, fica apenas implícito que Aécio Neves não está na prisão porque tem bons advogados.

“Com isso, Lula está virtualmente garantido na urna em outubro, disseram especialistas ao Sensacionalista”. A partir de “Com isso”, percebe-se que há uma relação de acarretamento entre a ação de contratar “advogados do Aécio” e estar em liberdade, que aqui se revela um objeto modal cuja aquisição é necessária para que ele possa se candidatar às eleições, o verdadeiro objeto de valor. O advérbio “virtualmente”, que poderia ser substituído por “praticamente” ou “quase”, indica que o “advogado de Aécio” é um actante dotado de um saber-fazer cuja performance é sancionada positivamente, pois costuma cumprir o que promete. Mais a esse respeito é tratado no último parágrafo da desnotícia.

Percebe-se, até aqui, a predominância da debreagem enunciativa, comum ao gênero jornalístico. Os acontecimentos parecem enunciar-se sem a interferência de ninguém e os enunciadores mantêm a distância projetando no texto um “ele” no tempo do “então”, exatamente como se espera a redação de uma unidade noticiosa. Há, inclusive, a citação de fontes que embasam as informações fornecidas pelo veículo desnoticioso, estratégia também utilizadas por grandes jornais para atestar sua neutralidade frente aos fatos.

No terceiro parágrafo, observa-se uma oposição categórica entre enunciado e enunciação. O assunto não tem relação direta com a desnotícia em questão, porém alude à figura do ex-presidente Lula e ao seu partido e tudo o que eles significam aos olhos da população: “Segundo uma pesquisa bancada pela FIESP e Bovespa, desde que Lula foi condenado a corrupção foi extinta do país. ‘Não houve sequer um roubo de galinha desde que o PT desapareceu da vida pública’”. A estratégia de objetividade e distanciamento é realizada a partir da utilização da figura “pesquisa”, que confere embasamento à afirmação que se segue; contudo, as figuras da FIESP e Bovespa selecionadas pelo enunciador para “banciar” a pesquisa convocam horizontes referenciais que permitem concluir que tais escolhas se tratam, na verdade, de um elemento da enunciação que se opõe aos elementos do enunciado e impõe uma sobredeterminação epistêmica ao enunciatário.

A FIESP, Federação das Indústrias de São Paulo, teve papel essencial durante as manifestações a favor do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, do PT, em 2016. Tais manifestações contaram com milhões de participantes e também com um grande pato inflável de borracha, originalmente pertencente a uma campanha da FIESP contra o aumento de impostos, mas que foi ressignificado como símbolo da luta contra a corrupção e a favor do *impeachment*⁴³. A pressão popular pelo impedimento da então presidenta baseava-se em suspeitas de corrupção e favorecimento de membros de seu partido⁴⁴ que, desde 2002, ocupava o mais alto cargo executivo do país. Contudo, Dilma foi deposta por crime de responsabilidade contra a lei orçamentária do país, e não exatamente por corrupção.

Isto posto, pode-se dizer que a escolha do enunciador pela FIESP como agência de fomento de uma pesquisa sobre corrupção, um tema que lhe é especialmente caro, tem o objetivo de instaurar uma aura de incerteza quanto à confiabilidade e imparcialidade dos resultados apresentados, um *não-crer-ser*. Somado a isso, tem-se o estranhamento causado pela

⁴³ Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/03/por-impeachment-fiesp-poe-5-mil-minipatos-na-esplanada.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁴⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/mais-5-motivos-para-o-impeachment-de-dilma-rousseff-e-a-extincao-do-pt/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

afirmação hiperbólica do “responsável pelo estudo”, que extrapola as arraias do *parecer-ser* ao garantir estar extinta toda e qualquer corrupção no Brasil.

Enquanto o enunciado afirma que nem ao menos “um roubo de galinha” fora cometido desde que o PT “desapareceu da vida pública”, a enunciação exclama o viés da pesquisa que fornece tais evidências. Emerge daí o estatuto de *provavelmente falso*, que alia o *não-parecer* verídico dos resultados ao *não-crer-ser* confiável a fonte que possibilita tais resultados. Compreende-se, portanto, que a estratégia do enunciador é instaurar uma sensação de arbitrariedade por parte da FIESP, corroborada também pela presença da figura da Bovespa, a bolsa de valores do Brasil que se anima a cada derrota e baixa sofrida pelo Partido dos Trabalhadores⁴⁵⁻⁴⁶ no governo, para revelar a falsidade do que está posto.

Assim, a ironia é construída a partir de pistas deixadas no discurso carregadas de valores atribuídos pelo enunciador que devem ser captadas pelo enunciatário em seu fazer interpretativo. Como afirma Brait (2008, p. 138-139), as sinalizações presentes nos discursos por vezes podem ser bem sutis e necessitam da perspicácia do enunciatário. A participação deste instaura a subjetividade e pressupõe conhecimentos e pontos de vista partilhados entre os sujeitos da enunciação, assim como valores pessoais e culturais socialmente comungados.

Ainda nesse quarto parágrafo, realiza-se de modo muito intenso o juízo de que toda a corrupção na política brasileira advém da atuação política do Partido dos Trabalhadores, concentrada e personificada na figura de Lula. É possível chegar a essa conclusão a partir de “roubo de galinha” que, mencionado a partir do operador argumentativo “sequer”, é assinalado como o argumento mais forte dentro de uma escala, isto é, é apontado como o menor dos delitos no rol de contravenções possíveis. Assim, compreende-se que até mesmo a infração mais irrisória se extinguiu com a condenação do ex-presidente Lula, a personificação do “epicentro da corrupção” da política brasileira. Tal grandeza discursiva de “epicentro da corrupção” não ocorre apenas nessa desnotícia, como veremos, o que nos permite dizer que essa forma está em pleno percurso ascendente de aparecimento. Aliando seu aparecimento em alguns textos ao seu declínio em outros, em que deixa de ser realizada para se potencializar e dar lugar ao aparecimento de outra grandeza, pode-se afirmar que se trata de um objeto em *flutuação*.

No último parágrafo e de volta ao assunto principal da desnotícia, o actante “Aécio Neves” e a figura “Pokémon Go”, um jogo de celular, são evocados. O que ambos têm em

⁴⁵ Disponível em: <https://www.valor.com.br/financas/4560191/dolar-e-ibovespa-sobem-apos-impeachment-de-dilma>. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁴⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/bovespa-cotacao-de-24-01-18.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2018.

comum, segundo o texto, é o aparente esquecimento público acerca de sua existência: “Segundo um outro estudo, a prisão de Aécio Neves é o novo Pokémon Go: todo mundo falou muito a respeito mas agora ninguém se lembra mais”. De fato, o jogo em questão foi muito aguardado e fez sucesso nas primeiras semanas após o lançamento, porém logo em seguida perdeu força e atualmente não é mais tão popular⁴⁷. Aécio Neves, por sua vez, fora diversas vezes denunciado por corrupção, o que culminou em muitos pedidos de sua prisão na justiça. Porém, todos os inquéritos e denúncias foram arquivados, o que fez com que seus crimes e sua prisão eventualmente caíssem no esquecimento do cidadão comum⁴⁸. Aqui, atualiza-se a forma da “impunidade”, grandeza discursiva que também está em percurso ascendente de aparecimento quando relacionada à figura de Aécio Neves e outros membros do PSDB, como veremos nas próximas análises.

E é nesse último parágrafo, a partir do substantivo “prisão” e de “ninguém se lembra mais”, que se realiza a forma discursiva de “criminoso de colarinho branco” atualizada anteriormente: o senador de Minas Gerais escapa da prisão por conta da atuação de seus advogados. Tal competência dos profissionais fora citada ao longo de toda a desnotícia, tendo sido considerada, inclusive, para tirar Lula da cadeia a tempo das eleições.

Dessa forma, a desnotícia explora um número considerável de figuras que, apesar de não serem exaustivamente revestidas semanticamente, exploram satisfatoriamente a temática da “impunidade” e da “corrupção”, enfatizando os atores “Lula” e “Aécio Neves”. Além disso, soma-se ao fazer-criar as estratégias referentes à sintaxe discursiva, que instala os efeitos de objetividade, atualidade e distanciamento assim como fazem unidades noticiosas comuns. Os elementos persuasivos utilizados pelos enunciadores concentram-se, portanto, na intersecção entre os dois componentes que constituem o nível discursivo, responsáveis por buscarem a assunção e a adesão do enunciatário ao cenário que está sendo exposto. A partir atualização e realização de formas naturalizadas no imaginário cultural, como o fato de que políticos corruptos escapam da cadeia pela atuação de seus bons advogados, isso se dá de forma mais natural.

⁴⁷ Disponível em: <https://canaltech.com.br/games/pokemon-go-perdeu-80-dos-jogadores-em-apenas-cinco-meses-91656/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁴⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/gilmar-mendes-manda-arquivar-inqueritos-contra-aecio-neves-psdb-e-jorge-viana-pt.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2018.

#3 – “PF tem mandado com lacuna para próximo candidato do PT” – site *Sensacionalista*

The screenshot shows the website interface for 'Sensacionalista', a site described as 'isento de verdade' (free of truth). The main article headline is 'PF tem mandado com lacuna para próximo candidato do PT'. The sub-headline reads: 'A direção do partido diz que planeja circular o nome de Aécio Neves como novo plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado'. The article is attributed to 'Sensacionalista' and dated '2 mar 2018, 06h00'. A photograph of Jaques Wagner is featured. The article text states: 'Após revistar a casa de Jaques Wagner e levar papéis e computadores, a PF conseguiu na Justiça um mandado de busca com o espaço para o nome do próximo plano B do PT em branco. "Não queremos que achem que é perseguição", disse um delegado da PF. "Por isso, quando um novo candidato surgir, mostramos que o mandado para entrar em sua casa foi lavrado muito antes. Só o nome que é colocado no dia."'. It also mentions: 'A direção do PT diz que planeja circular o nome de Aécio Neves como novo plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado. Na casa de Wagner, a PF encontrou relógios de luxo e suspeita que sejam presentes de empreiteiras. Por coincidência, todos os relógios estavam sincronizados e apontavam a mesma hora: hora de o PT tomar vergonha na cara.' The article is published in 'VEJA' on March 7, 2018, issue number 2572. On the right side, there is a 'Newsletter' sign-up form and a 'Mais vistas' (Most viewed) list with five items.

(Anexo A3)

A terceira desnotícia selecionada do site *Sensacionalista* também foi concebida para ser veiculada na Revista Veja, assim como a anterior. Além de Aécio Neves, que volta a ocupar posição de destaque juntamente à repercussão do julgamento e prisão do ex-presidente Lula, aparece também Jaques Wagner, do PT, ex-governador da Bahia.

Na manchete “PF tem mandado com lacuna para próximo candidato do PT” logo de início emerge, isto é, vai da virtualização à atualização, uma grandeza discursiva inédita nas desnotícias analisadas até agora: a hipótese de “perseguição” contra o Partido dos Trabalhadores, a partir de “mandado”, “lacuna” e “candidato do PT”. No texto que acompanha

a manchete, temos a confirmação de que se trata de uma trama para inviabilizar a candidatura de qualquer representante do PT nas eleições presidenciais: “A direção do partido diz que planeja circular o nome de Aécio Neves como plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado”. Aqui, fica clara que tal hipótese, na verdade, se trata de ponto pacífico, pois tanto os actantes coletivos “direção do partido” e “PF” partilham da mesma configuração para pensar suas estratégias de ação.

Ademais, na mesma passagem o enunciador escolhe a figura de Aécio Neves mais uma vez para realizar a grandeza discursiva da “impunidade”, como na desnotícia anterior. Aqui, ao colocá-lo como opção para o “plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado”, o enunciador assere a primeira evidência apontada, de que existe perseguição contra o Partido dos Trabalhadores e sua candidatura para a presidência, e que Aécio Neves é um político corrupto impune. Essa última narrativa o enunciatário conhece a partir de seus horizontes referenciais, que apontam para todas as notícias de denúncias contra o político, e também a partir de outras desnotícias, que exploram a figura do senador atrelada à impunidade. É possível perceber aqui a flutuação desse objeto, que ora é feito referência direta nos textos, ora se potencializa e dá lugar à realização de outras grandezas discursivas.

No primeiro parágrafo da desnotícia, a trama é detalhada a partir da figura do ator Jaques Wagner: “Após revistar a casa de Jaques Wagner e levar papéis e computadores, a PF conseguiu na Justiça um mandado de busca com o espaço para o nome do próximo plano B do PT em branco”. Os motivos pelos quais “Jacques Wagner” teve documentos apreendidos não é citado, porém deve ser recuperado pelo enunciatário a partir do reconhecimento do horizonte referencial lançado mão pelo enunciador para construir a desnotícia. Sabe-se que o político fora investigado por suspeitas de superfaturamento de obras públicas⁴⁹, o que deve atualizar, portanto, a grandeza discursiva da “corrupção”, mais uma vez.

Além disso, observa-se que o “mandado de busca com o espaço [...] em branco” se trata de um objeto modal o qual o actante coletivo PF está em conjunção para desempenhar sua performance principal, que é “buscar” (inviabilizar) o próximo plano B do PT. Nesse momento, outro horizonte referencial relativo ainda ao ator “Jacques Wagner” é explorado pelo enunciador: no começo do ano, o político foi cotado como preferido por lideranças mais tradicionais do PT para figurar como plano B caso a candidatura de Lula fosse impugnada, o

⁴⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/pf-cumpre-mandados-de-busca-e-apreensao-em-operacao-contra-irregularidades-em-obras-da-fonte-nova.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2018.

que justifica o enunciador desnoticioso utilizá-lo como figura para tratar do tema “perseguição” já atualizado. Wagner, porém, refutou a possibilidade de concorrer à presidência⁵⁰.

Em seguida, a estratégia da PF é esmiuçada a partir de uma debreagem interna de segundo grau, a fala de um interlocutor, o “delegado da PF”, para conferir veracidade ao que está sendo afirmado na manchete: “Não queremos que achem que é perseguição. [...] Por isso, quando um novo candidato surgir, mostramos que o mandado para entrar em sua casa foi lavrado muito antes. Só o nome é colocado no dia”. Assim, o conluio anteriormente atualizado agora se realiza a partir da própria fala do ator “delegado da PF” que, apesar de negar que se trata de “perseguição”, descreve com exatidão uma maneira de perseguir grupos políticos. Isso se realiza a partir de “mandado [...] lavrado muito antes” e “Só o nome é colocado no dia”. O objeto de valor do actante coletivo “PF”, portanto, é a inviabilização da candidatura do PT às eleições presidenciais, e com os mandados em branco eles adquirem o poder-fazer necessário para dar cabo de sua performance principal que, na presente desnotícia, é sancionada positivamente.

No segundo e último parágrafo, o texto abaixo da manchete é repetido: “A direção do PT diz que planeja circular o nome de Aécio Neves como plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado” para reafirmar tanto o conluio organizado contra o PT quanto a impunidade de Aécio Neves. Em seguida, ocorre uma clara manifestação do enunciador que, até agora, não havia figurado em nenhuma desnotícia: “Na casa de Wagner, a PF encontrou relógios de luxo e suspeita que sejam presentes de empreiteiras. Por coincidência, todos os relógios estavam sincronizados e apontavam a mesma hora: hora de o PT tomar vergonha na cara”.

Até esse momento, a desnotícia fora composta tal qual uma unidade noticiosa comum, já que se observa a ampla utilização da debreagem actorial, espacial e temporal de natureza enunciativa tanto na manchete quanto no corpo do texto, assim como debreagens internas de segundo grau muito comuns ao gênero jornalístico, que busca na palavra do outro conferir veracidade aos fatos que comunica e, ao mesmo tempo, distanciar-se deles, de modo que pareça neutro. No entanto, nesse momento os enunciadores lançam mão do episódio em que relógios de luxo são apreendidos na residência do ex-governador da Bahia⁵¹ e utilizam o mesmo campo semântico de “relógio” para expressar um sentimento sobre o Partido dos Trabalhadores: “[é] hora de o PT tomar vergonha na cara”.

⁵⁰ Disponível em: <https://epoca.globo.com/jaques-wagner-diz-haddad-que-articula-para-ser-vice-de-ciro-caso-candidatura-de-lula-seja-impedida-22942988>. Acesso em: 14 dez. 2018.

⁵¹ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/pf-apreende-15-relogios-de-luxo-com-jaques-wagner/>. Acesso em: 14 dez. 2018.

Esse trecho se destaca por se caracterizar pelo explícito julgamento de quem concebeu a desnotícia, destoando assim do resto do texto, já que esse tipo de manifestação não é comum às unidades noticiosas que o site desnoticioso procura parodiar. Assim, o momento de “desabafo” dos enunciadores é importante na medida que serve de elemento de análise e aproximação do sujeito da enunciação, que se deixa vislumbrar nessa pequena brecha que se abre.

Observa-se que a tomada de posição dos sujeitos da enunciação revela um apoio crítico ao partido, pois ao mesmo tempo que denunciam um conluio contra ele, atualizando e realizando formas discursivas que apontam para uma perseguição ao PT por parte das autoridades, denunciam também a má conduta de alguns de seus membros, pois “perdem a paciência” nas últimas linhas da desnotícia ao citarem o episódio de apreensão dos relógios de luxo na residência de Jaques Wagner e concluem que o partido precisa dar um basta nas atividades ilegais que perpetuam. No trecho, o tema da “corrupção” é figurativizado pelos “relógios de luxo”.

Dessa forma, um primeiro fragmento diretamente advindo do *éthos* das inteligências enunciativas por detrás das composições do site *Sensacionalista* se revela. Espera-se que seja possível reconstruí-lo por completo a partir da sistematização de escolhas temáticas e figurativas das quais tais inteligências lançam mão na totalidade de desnotícias do site que serão analisadas.

Assim, os atores da desnotícia, o “delegado da PF”, “Aécio Neves” e “Jacques Wagner”, determinados como “ele” pela sintaxe discursiva, têm seus percursos narrativos revestidos pelas temáticas da “perseguição”, do “conluio”, da “impunidade” e da “corrupção”, a partir de investimentos figurativos como “mandado”, “plano B de Lula” e “relógios de luxo”. Assim, os enunciadores não têm o objetivo de informar o enunciatário sobre investigação de Wagner ou sobre a atuação da Polícia Federal, mas sim de satirizar esses episódios buscando sua adesão e assunção a partir da utilização das imagens citadas.

Tais elementos, quando somados à atuação da sintaxe discursiva responsável por conferir os efeitos de sentido de objetividade, atualidade e distanciamento, configuram o *fazer-crer* desnoticioso dos enunciadores, que nessa desnotícia tem tom denunciatório mais marcado do que nos textos anteriores, além de uma clara manifestação pessoal.

#4 – “Após 518 anos, Brasil finalmente se livra da corrupção para sempre” – site *Sensacionalista*

Fale conosco / Anuncie | Mídia Kit

f i t

Sensacionalista

isento de verdade

HOME VÍDEOS PAÍS ESPORTE ENTRETENIMENTO MUNDO DIGITAL LISTAS COMPORTAMENTO CAMISETAS

PROMOÇÃO NexGard Contra pulgas & carrapatos

COMPRE 3 tabletes

GANHE 1 EXPERIÊNCIA PARA VOCÊ OU PARA O SEU CÃO.

SAIBA MAIS

País

Após 518 anos, Brasil finalmente se livra da corrupção para sempre

Compartilhar no Facebook Tweet no Twitter G+ P



O STF ainda não terminou de votar se aceita ou não o pedido de habeas corpus feito pela defesa do ex-presidente Lula, mas o placar demonstra que ele será rejeitado.

Com isso, o país se livra para sempre da corrupção endêmica que marcou sua vida política desde a chegada dos portugueses em 1500.

Após a prisão de Lula, um ladrão de galinhas parou em meio ao ato, levou a mão à cabeça e

largou o galináceo no chão. “Senti uma coisa na hora que a Rosa Weber votou e fui direto para a igreja”, disse.

Michel Temer recusou uma negociata oferecida a ele e Moreira Franco chamou a ambulância. “Não precisá-la-ei”, disse. “A corrupção acabou, você não ficou sabendo?”

No novo Brasil sem corrupção, o Congresso não é o mais denunciado por crimes na história do país, o presidente em exercício não comprou votos com emendas para se salvar por de denúncias escabrosas registradas em áudio por duas vezes, o candidato do maior partido de direita não teve seu nome associado a uma máfia de desvio de verbas do metrô e de merenda de crianças e o comandante das Forças Armadas não intimida o Supremo.

(Anexo A4)

Na presente desnotícia, a última do site *Sensacionalista* a ser analisada, observamos a manchete que trata da sanção positiva de um programa narrativo recorrente nas análises anteriores: a prisão definitiva do ex-presidente Lula.

A desnotícia de manchete “Após 518 anos, Brasil finalmente se livra da corrupção para sempre” realiza, mais uma vez, o juízo de que o Partido dos Trabalhadores está no cerne da prática de corrupção da classe política no Brasil. Na manchete, claramente ocorre a disjunção do actante “Brasil” com a “corrupção”, valor extremamente disforizado, e, por pressuposição, sua conjunção com a “integridade” ou ainda a “lisura”.

No primeiro parágrafo, grafado em itálico, a desnotícia faz as vezes de unidade noticiosa comum e traz informações preliminares que elucidam os parágrafos que se seguem. É possível afirmar que essa mudança no estilo da fonte tenha como objetivo chamar a atenção do enunciatário para uma espécie de “nota de rodapé” de que os enunciadores lançam mão para garantir a total compreensão da desnotícia. Além disso, o parágrafo funciona também como efeito de sentido de atualidade, pois, de fato, traz informações “frescas” ao conhecimento do enunciatário. “*O STF ainda não terminou de votar se aceita ou não o pedido de habeas corpus feito pela defesa do ex-presidente Lula, mas o placar demonstra que ele será rejeitado*”. Pode-se dizer que, nesse trecho, as modalizações dominantes são as de habilitação, posto que os enunciadores procuram *informar* os enunciatários dos eventos que embasam a desnotícia. Já no resto do texto, escrito num estilo de fonte normal e seguindo a composição desnoticiosa, as modalizações predominantes são as do assumir e aderir, de persuasão, como se verá.

No segundo parágrafo encontram-se os termos que revestem “corrupção” de traços disfóricos: “Com isso, o país se livra para sempre da corrupção endêmica que marcou sua vida política desde a chegada dos portugueses em 1500”. Especialmente a partir do adjetivo “endêmica”, compreende-se a “corrupção” como praticamente uma “doença infecciosa” que assola o “país” que, como actante, está em conjunção com ela “desde a chegada dos portugueses em 1500”. O cronônimo aponta para o ano em que os primeiros exploradores europeus chegaram às terras tupiniquins, trazendo com eles, segundo a desnotícia, a “corrupção endêmica” que encontrou seu fim na negação do *habeas corpus* de Lula, quinhentos e dezoito anos depois, segundo o texto.

Realiza-se a partir de “Com isso, [...]” o prisma de que tal “corrupção endêmica” se perpetuou até a atualidade com base na atuação política do Partido dos Trabalhadores, personificada pela figura de Lula como “epicentro da corrupção”, como visto anteriormente. A flutuação dessa forma discursiva é observada a partir de seu aparecimento na metade dos textos do site *Sensacionalista* aqui analisados, dado que vai ao encontro da hipótese que essa grandeza

discursiva vem sendo integrada aos usos correntes relacionados à figura de Lula, sofrendo amplificação por parte de seus enunciadores que atestam seu valor de troca a partir da intensa assunção e reconhecimento.

No terceiro parágrafo, observamos a utilização, mais uma vez, de “roubo de galinha” para designar o menor dos delitos possíveis relacionados à “corrupção”. Na segunda desnotícia analisada, a mesma figura é evocada para apoiar a realização da forma discursiva de “epicentro da corrupção”, pois é lançada mão para asserir a extinção de todos os tipos de contravenções no país por conta da prisão do ex-presidente Lula.

Na presente desnotícia, ela é apresentada dentro do percurso narrativo de um actante que bruscamente desiste de sua performance, o roubo da galinha, num ímpeto de honradez que o acomete bem no momento em que o último voto contrário à soltura de Lula é dado: “Após a prisão de Lula, um ladrão de galinhas parou em meio ao ato, levou a mão à cabeça e largou o galináceo no chão. ‘Senti uma coisa na hora que a Rosa Weber votou e fui direto para a igreja’, disse”. Nesse momento, atualiza-se a forma discursiva do “milagre” que envolve a situação narrada, pois o que provoca no actante “ladrão de galinhas” a interrupção de sua performance é um acontecimento extraordinário sem explicação racional, apontado apenas como a “sensação” de “uma coisa”. Seguida da sensação, vem a redenção do actante da sua vida de crimes que o dirige diretamente à “igreja”, o lugar de excelência da execução de milagres.

Observa-se, portanto, uma alta intensidade de assunção por parte dos enunciadores por essa figura específica do “roubo de galinhas”, assim como uma intensa extensão de seu reconhecimento. Conclui-se que, juntamente ao “epicentro da corrupção”, essa figura também se amplifica, integrando-se ao rol de usos correntes para ironizar e satirizar acontecimentos referentes à prisão e julgamento do ex-presidente Lula.

O quarto parágrafo traz a figura do presidente Michel Temer num enunciado de estado que revela, também sob a aura do “milagre”, sua disjunção com um objeto de valor, uma “negociata”: “Michel Temer recusou uma negociata oferecida a ele e Moreira Franco chamou a ambulância. ‘Não precisá-la-ei’, disse. ‘A corrupção acabou, você não ficou sabendo?’. Aqui, os enunciadores procuram elencar outra contravenção – dessa vez de maior impacto que um mero roubo de galinhas – que se extinguiu por conta da prisão do ex-presidente Lula. A partir da introdução da figura da “ambulância”, percebe-se que a declinação por parte do actante “Michel Temer” do negócio suspeito a ele oferecido é tida como atípica, posto que “Moreira Franco”, o então ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, acreditou que o presidente estivesse se sentindo mal. A debreagem interna de segundo grau, que dá a palavra ao presidente, esclarece que, por conta da extinção da corrupção, negociatas não são mais

necessárias; o uso da mesóclise é uma clara referência à predileção de Michel Temer por preciosismos linguísticos, fato sobre o qual o próprio presidente já brincou sobre⁵².

Já o último parágrafo da desnotícia traz um tom diferente ao texto a partir do evidente desacordo entre enunciação e enunciado. Ao negar no enunciado crimes e contravenções cometidos por outros segmentos da classe política após a “extinção da corrupção”, todos esses elementos são afirmados na enunciação. Assim, numa estratégia evidentemente irônica, os enunciadores permitem que outros traços de seu *éthos* sejam apreendidos pelo tom denunciatório que dão ao parágrafo. É o seguinte:

No novo Brasil sem corrupção, o Congresso não é o mais denunciado por crimes na história do país, o presidente em exercício não comprou votos com emendas para se salvar por de denúncias escabrosas registradas em áudio por duas vezes, o candidato do maior partido de direita não teve seu nome associado a uma máfia de desvio de verbas do metrô e de merenda de crianças e o comandante das Forças Armadas não intimida o Supremo.

Os horizontes referenciais evocados no parágrafo dizem respeito a uma série de crimes que, apesar da prisão do ex-presidente Lula, não deixaram de acontecer. Alguns dos casos mais notórios de suspeita de corrupção são citados no trecho, como o áudio vazado entre o presidente Michel Temer e Joesley Batista⁵³, o escândalo da merenda⁵⁴ e do metrô⁵⁵ em que Geraldo Alckmin esteve envolvido e o episódio em que o comandante do Exército, Eduardo Villas Boas, assegurou estar “atento” às missões institucionais do Supremo Tribunal Federal⁵⁶ às vésperas do julgamento do *habeas corpus* do ex-presidente Lula.

É exigido do enunciatário o reconhecimento de pelo menos parte dessas denúncias e suspeitas de corrupção, pois é a partir dele que a discordância entre enunciação e enunciado salta aos olhos. Apesar de negados no enunciado, sabe-se que todos os acontecimentos elencados são verdadeiros, o que evidencia a estratégia irônica da qual os enunciadores lançaram mão. Tal estratégia irônica, por sua vez, não deixa de ser uma tomada de posição das inteligências enunciativas por trás do site desnoticioso, pois, como afirma Beth Brait (2008, p. 73), a ironia pode ser considerada como um tipo de discurso que se oferece como argumentação

⁵² Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/05/temer-faz-piada-com-uso-de-mesoclise.html>. Acesso em: 16 dez. 2018.

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/pericia-da-pf-conclui-que-audio-da-conversa-entre-temer-e-joesley-nao-sofreu-edicao.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2018.

⁵⁴ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/governo-alcmin-pagou-144-a-mais-na-merenda-diz-tce/>. Acesso em: 16 dez. 2018.

⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/obras-do-metro-de-sp-abasteceram-esquema-de-propina-para-alcmin-e-kassab-dizem-delatores.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2018.

⁵⁶ Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/04/frase-de-comandante-villas-boas-e-vista-como-ameaca-a-democracia_a_23402778/. Acesso em: 16 dez. 2018.

direta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como confronto de ideias, de normas institucionais e também como instauração da polêmica.

Diferentemente das últimas três desnotícias analisadas, o presente texto figurativiza o tema da corrupção de modo um pouco mais completo, a partir de “endêmica”, “chegada dos portugueses”, “ladrão de galinhas”, “igreja”, “negociata”, “crimes”, “compra de votos”, “emendas”, “denúncias escabrosas”, “máfia”, “desvio de verbas”, “merenda de crianças” e “intimidação”.

Dessa forma, compreende-se o último parágrafo como um elemento marcante da enunciação que revela a natureza crítica dos enunciadores e também da desnotícia em questão. Tais traços, quando somados ao também tom denunciatório presente na última desnotícia, aponta para enunciadores que, além de estarem comprometidos com o humor, utilizam seus textos como veículos de crítica quanto aos fatos que vêm ocorrendo na política brasileira.

A intensa utilização da figura de Lula como personificação da corrupção demonstra que, segundo os enunciadores, esse é o tratamento que o político vem recebendo da opinião pública; ao satirizá-la, colocam-se na contramão desse ponto de vista, especialmente ao evocarem outros episódios de corrupção em que políticos tão distintos quanto Lula estão envolvidos, como o ex-candidato à presidência Aécio Neves, o ex-presidente Michel Temer e os políticos brasileiros em geral. É possível observar que lançam mão do tema “impunidade” sempre que se referem a Aécio Neves, por exemplo, e afirmam que Michel Temer é beneficiário de negociatas e compra de votos para se manter no poder, além de insinuarem o envolvimento de outros políticos de alto escalão com crimes, inclusive as Forças Armadas.

Apesar disso, os enunciadores também não se colocam como defensores do ex-presidente Lula ou de seu partido; isso fica claro na primeira e na segunda desnotícias analisadas, em que evidenciam o perfil “fanático” de partidários do PT e da corrupção da qual o partido não está livre, como no episódio dos “relógios de luxo”. Ao apontarem a ausência de autocrítica dos defensores de Lula, colocam-se também na contramão desse comportamento, sustentando a postura crítica que reverbera, inclusive, ao afirmarem que é “hora de o PT tomar vergonha na cara”. Assim, é possível afirmar que essas recorrências auxiliam a delinear o *éthos* das inteligências discursivas responsáveis pelas composições desnoticiosas do site *Sensacionalista*.

#5 – “Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil” – blog *The Piauí Herald*

piauí INÍCIO ASSINE
👤 🔍 ☰

The piauí Herald

Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil

26jan2018_16h16

f 🐦 ✉

RESERVA NATURAL JOSÉ SARNEY – “A corrupção sai dos livros de contabilidade para entrar para os livros de história”, disse Elsinho AttenMouco, marqueteiro e biólogo, em evento em que o Ibama anunciou a extinção da corrupção no Brasil. Vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol, AttenMouco apresentou powerpoints mostrando que, com o resultado do julgamento de Lula, casos de corrupção não existem mais no país e afirmou: “Agora que nós cuidamos dessa perigosíssima espécie, o sapo barbudo, nós podemos pensar em ir atrás do problema do mosquito febre amarela”.

Indagado por repórteres sobre casos de corrupção envolvendo o governo Temer e integrantes do PSDB, AttenMouco foi veemente: “Essa é a chamada ‘EcóCorrupção’. Ela é encontrada em cativeiro, mas é sustentável, pois não abala o bioma da classe média”.

No mesmo evento, o órgão também anunciou o aumento das verbas para o FPTVAR, o Fundo de Proteção a Tucanos e Velhas Aves de Rapina, e a contratação, sem licitação, de uma empresa especializada em alimentação de víboras ligada à cúpula do PMDB.

(Anexo B1)

A primeira desnotícia do blog *TPH* a ser analisada trata da extinção da corrupção no Brasil fruto da prisão do ex-presidente Lula, exatamente como a última desnotícia do site *Sensacionalista* que analisamos.

Na manchete “Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil” temos um enunciado de estado em que o enunciador escolhe uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente para anunciar a disjunção do actante “Brasil” com a “corrupção”, e o faz de modo como uma unidade noticiosa comum anunciaria a extinção de alguma espécie animal da fauna brasileira: a partir da utilização da terceira pessoa, do presente do indicativo instaurando o efeito de sentido de presente elástico e ancorado nas afirmações de uma fonte confiável, nesse caso o “Ibama”.

No início do primeiro parágrafo, os enunciadores utilizam a mesma estratégia que unidades noticiosas comuns e lançam mão de um topônimo para ancorar a redação da desnotícia num determinado local: “Reserva Natural José Sarney”. A partir desse topônimo, observa-se que o revestimento figurativo que os enunciadores procuram dar aos elementos continuam explorando o campo semântico do meio-ambiente, o que persistirá ao longo de todo o texto. Logo em seguida, se dá o texto desnoticioso:

“A corrupção sai dos livros de contabilidade para entrar para os livros de história”, disse Elsinho AttenMouco, marqueteiro e biólogo, em evento em que o Ibama anunciou a extinção da corrupção no Brasil. Vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol, AttenMouco apresentou powerpoints mostrando que, com o resultado do julgamento de Lula, casos de corrupção não existem mais no país e afirmou: “Agora que nós cuidamos dessa perigosíssima espécie, o sapo barbudo, nós podemos pensar em ir atrás do problema do mosquito febre amarela”.

Logo se vê a debreagem interna de segundo grau dando voz ao actante “Elsinho AttenMouco”, designado como “marqueteiro e biólogo”. O nome dado a ele é uma junção de Elsinho Mouco, o marqueteiro do presidente Michel Temer⁵⁷, e David Attenborough, famoso naturalista britânico responsável por célebres documentários sobre o planeta Terra e a natureza em geral⁵⁸. Na desnotícia, esse elemento serve a dois propósitos: ancorar o pronunciamento dentro da esfera do governo, pois Elsinho Mouco tem ligação com o presidente, e dar prosseguimento à utilização do campo semântico referente ao meio-ambiente, pois traz a figura de um naturalista. O conhecimento por parte do enunciatário dessas duas figuras é imperativo para a compreensão da sutileza de composição da presente desnotícia.

A fala do actante “AttenMouco” conta com uma expressão cujo aspecto terminativo indica que o fenômeno em questão encontrou seu fim definitivo, “A corrupção sai dos livros de contabilidade para entrar para os livros de história”, e em seguida é ambientada nas

⁵⁷ Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/05/o-marqueteiro.html>. Acesso em: 17 dez. 2018.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.biography.com/people/david-attenborough>. Acesso em: 17 dez. 2018.

circunstâncias em que ocorreu: “[...] disse Elsinho AttenMouco, marqueteiro e biólogo, em evento em que o Ibama anunciou a extinção da corrupção no Brasil”. A partir de “evento”, os enunciadores constroem um cenário de solenidade em que o anúncio da “extinção da corrupção” é um dos principais acontecimentos, porém não o único, como se verá.

Na continuação do parágrafo, os enunciadores seguem explorando horizontes referenciais que enriquecem a construção do texto: “Vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol, AttenMouco apresentou powerpoints mostrando que, com o resultado do julgamento de Lula, casos de corrupção não existem mais no país”. Aqui, é interessante apontar a escolha cuidadosa da descrição das vestimentas do actante AttenMouco, “a camisa da seleção brasileira de futebol”, e o modo como ele apresenta os resultados do julgamento de Lula, “*powerpoints*”. Ao evocar a figura da camisa da seleção, os enunciadores atualizam a imagem dos milhares de manifestantes *pró-impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff que saíram às ruas vestidos com a camiseta da CBF⁵⁹ exigindo seu impedimento. E, ao evocar a figura da “apresentação de *powerpoints*”, atualizam ao enunciatário o episódio da denúncia de Deltan Dallagnol contra o ex-presidente Lula na Operação Lava-Jato⁶⁰, que contou com uma apresentação de *slides* cujo conteúdo, posteriormente, foi alvo de piadas⁶¹. Com isso, os enunciadores revestem o actante de determinadas características identificáveis que auxiliam a construção de sentidos realizados no restante da desnotícia,

Na fala que se segue, “Agora que nós cuidamos dessa perigosíssima espécie, o sapo barbudo, nós podemos pensar em ir atrás do problema do mosquito febre amarela”, percebe-se que o tema da corrupção também é personificada na figura de Lula, que nesse trecho é representada pela figura “sapo barbudo”, extremamente disforizada por ser descrita como uma “perigosíssima espécie”. Uma vez extinta a espécie do “sapo barbudo” extingue-se também a corrupção. Nessa desnotícia, porém, Lula não é concebido como o epicentro de todas as malfetorias na esfera pública e política, como veremos.

No parágrafo seguinte, o actante AttenMouco continua a falar sobre corrupção, porém sobre um tipo de corrupção não disforizada:

Indagado por repórteres sobre casos de corrupção envolvendo o governo Temer e integrantes do PSDB, AttenMouco foi veemente: “Essa é a chamada

⁵⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html. Acesso em: 17 dez. 2018.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/politica/apresentacao-de-powerpoint-de-dallagnol-enlouquece-internet/>. Acesso em: 17 dez. 2018.

⁶¹ Apesar de não constituir o interesse principal dessa análise, é importante salientar que a imagem que acompanha o texto desnoticioso é exatamente o *slide* da apresentação que mais circulou pela *internet*.

‘EcoCorrupção’. Ela é encontrada em cativeiro, mas é sustentável, pois não abala o bioma da classe média”.

Nesse trecho, observa-se que o tema “corrupção” também é representado por figuras como “governo Temer” e “integrantes do PSDB”, mas, como se vê, sua gravidade é atenuada a partir da designação “EcoCorrupção”. O prefixo “eco” é normalmente utilizado para nomear alternativas sustentáveis de objetos potencialmente danosos ao meio-ambiente e, na desnotícia, é utilizado como estratégia eufêmica para remover o impacto do termo “corrupção”, que até o momento havia recebido tratamento disfórico. Além desse termo pertencente ao campo semântico do meio-ambiente, os enunciadores lançam mão de outros: “cativeiro”, “sustentável” e “bioma”. Compreende-se que esse tipo específico de corrupção citada por “AttenMouco” não é disforizada porque não enfurece uma determinada parcela da população brasileira, a “classe média”. A partir disso, pode-se dizer que as grandezas discursivas da “imunidade” ou do “privilégio” se atualizam nesse trecho, pois subtende-se que as leis que se aplicam a políticos corruptos de determinados partidos não são as mesmas para políticos corruptos de outros partidos. Além disso, enunciadores atualizam também, exatamente como atualizaram e realizaram os enunciadores do site *Sensacionalista* em dois de seus textos, a grandeza discursiva do “conluio” contra os membros do Partido dos Trabalhadores, já que fica implícito o beneficiamento de alguns políticos em detrimento de outros.

Percebe-se, ainda nesse trecho, que a “classe média” é o termômetro que indica qual tipo de corrupção é maléfica ou não. Como visto no primeiro parágrafo, “AttenMouco” vestia uma camisa da seleção brasileira de futebol ao fazer o anúncio de que a corrupção estava extinta e, como se sabe, tal horizonte referencial aponta para o episódio das grandes manifestações pró-*impeachment* que eram, majoritariamente, promovidas por cidadãos da classe média⁶². Assim, compreende-se que, ao contrário da “EcoCorrupção” que não incomoda essa determinada parcela da população, a prisão do ex-presidente Lula é de seu interesse. Juntamente com a “imunidade” e o “privilégio” de certos políticos, atualiza-se também a grandeza discursiva do “enviesamento” da “classe média”.

No terceiro e último parágrafo, os enunciadores continuam utilizando figuras do campo semântico do meio-ambiente:

No mesmo evento, o órgão também anunciou o aumento das verbas para o FPTVAR, o Fundo de Proteção a Tucanos e Velhas Aves de Rapina, e a

⁶² Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150317_manifestacoes_dilma_analise_regioes_rm. Acesso em: 17 dez. 2018.

contratação, sem licitação, de uma empresa especializada em alimentação de víboras ligada à cúpula do PMDB.

Aqui, observa-se a realização da grandeza discursiva da “imunidade” atualizada no parágrafo acima a partir de “Fundo de Proteção a Tucanos e Velhas Aves de Rapina”. A figura dos “tucanos”, aqui, vai além de uma escolha própria do campo semântico e aponta diretamente para o PSDB, o Partido Social Democrata Brasileiro, cujo símbolo é um tucano desde sua formação⁶³. Ao anunciar um “fundo de proteção” a “tucanos e velhas aves de rapina”, os enunciadores atestam a blindagem desse partido às denúncias e investigações de corrupção e exploram os atributos da segunda espécie mencionada para caracterizar o partido e seu *modus operandi* através da instituição de ambiguidades: aves de rapina são predadoras, habituadas à caça, de visão aguçada e garras afiadas, praticamente implacáveis às suas presas, exatamente como os membros do partido tucano.

O mesmo acontece com as “víboras” ligadas “à cúpula do PMDB”. Assim como as aves de rapina, víboras são serpentes venenosas cujo veneno também é implacável; a “contratação, sem licitação, de uma empresa especializada em alimentação de víboras” representa os tantos casos conhecidos de contratos suspeitos e beneficiamentos indevidos de empresas dispostas a sustentar os esquemas de corrupção do partido do presidente Michel Temer em troca de favores.

Dessa forma, percebe-se que, assim como as desnotícias do *Sensacionalista*, a presente desnotícia do *TPH* prioriza a utilização da debreagem enunciativa, já que utilizam em grande escala um “ele” no espaço do “lá” e no tempo do “então”; como já se viu, estratégias de atualização, distanciamento e objetividade são utilizadas para emular o comportamento de unidades noticiosas comuns, cujo contrato veridictório que estabelecido com o enunciatário baseia-se em modalidades de *habilitação*, posto que têm o objetivo de *informar*. Em unidades noticiosas comuns, a sintaxe discursiva alia-se à semântica para criar efeitos de sentido realidade, lançando mão de figuras para *fazer-criar* o enunciatário, que reconhece as imagens do mundo e assume, assim, a verdade do discurso.

No entanto, as desnotícias exploram efeitos de sentido de realidade, objetividade e distanciamento ao mesmo tempo que criam efeitos de sentido de irrealidade a partir do revestimento figurativo dado aos atores. Como se viu, o texto é intensamente revestido de investimentos semânticos: adjetivos responsáveis por qualificar actantes, como “marqueteiro” e “biólogo”, disforizar figuras que ilustram a temática da corrupção, “perigosíssima”, e euforizar outras, “sustentável” e “Eco”. Ademais, utilizam também termos diretamente ligados

⁶³ Disponível em: <https://tucano.org.br/historia/por-que-tucano>. Acesso em: 17 dez. 2018.

ao campo semântico da biologia explorado em seus diversos sentidos para caracterizar e particularizar outros actantes envolvidos, bem com figuras lançadas mão pelos enunciadores. É evidente a construção proposital de ambiguidades a partir de “tucanos”, “velhas aves de rapina” e “víboras”, disforizados na instância da enunciação, porém eufóricos na instância do enunciado, que os concebe como praticantes de uma “EcoCorrupção”, isto é, uma corrupção “do bem”.

Além disso, algumas figuras atualizam e realizam horizontes referenciais que o enunciatário deve reconhecer, como a “camisa da CBF” e a “apresentação de *powerpoints*”, responsáveis por especializar “AttenMouco”. O nome deste, por sua vez, chama atenção por ser resultado da sobreposição do nome de um naturalista estrangeiro e o sobrenome “Mouco”, o que exige do enunciatário não apenas o conhecimento sobre quem é “Elsinho Mouco”, mas também de David Attenborough, o naturalista em questão. Observa-se uma exigência maior por parte dos enunciadores, que criam antropônimos baseados em figuras de nichos (para utilizar mais um termo referente à biologia) mais específicos.

Essas figuras, aliadas às outras estratégias persuasivas, resultam nos efeitos de sentido de irrealidade que quebram, definitivamente as cláusulas veridictórias que normalmente se estabeleceriam entre enunciador e enunciatário de unidades noticiosas comuns e como se constroem as novas, exclusivas ao enunciador e enunciatário das desnotícias que, a partir de um ato de linguagem puramente *persuasivo*, exploram as modalizações do *assumir* e do *aderir*. Portanto, pode-se afirmar que o revestimento figurativo duradouro da desnotícia, isto é, que recobre totalmente o percurso temático da corrupção a partir de uma isotopia, caracteriza o texto como majoritariamente figurativo, assim como a próxima desnotícia que analisaremos.

#6 – “Merval Pereira vai fechar o Maracanã no julgamento de Lula” – blog *The Piauí Herald*

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS LOJA VIRTUOL UOL BUSCA BATE-PAPO EMAIL

FOLHA DE S. PAULO Opinião Política Mundo Economia Cotidiano Esporte Cultura F5 TV Folha Sobre Tudo Assine a Folha

plaiuí INÍCIO ASSINE

The piauí Herald

Merval Pereira vai fechar o Maracanã no julgamento de Lula

03abr2018_16h23

f t e



The piauí Herald

“Hoje é dia de habeas corpus, bebê”, declarou o ministro Gilmar Mendes

LULLAPALOOZA – Freddie Mercuryval Pereira, o líder da banda Queen, confirmou que vai fechar mesmo o estádio do Maracanã, na tarde desta quarta-feira, para transmitir ao vivo o julgamento do ex-presidente Lula no STF. “É o maior festival de heavy metal jurídico já organizado nesse país”, celebrou o mercurial Mercuryval, que promete tocar os grandes sucessos que o consagraram, como “Lula of My Life” e “Radio Lu La”. “E vai ter também aquele single da conversa entre o Lula e a Dilma lançado pelo Axl Moro!”

Mercuryval contou que o show deve começar pontualmente às duas da tarde, com a abertura dos New Kims on the Block, a boy band estrônicã do MBL. Logo depois ele sobe ao palco para fazer um dueto com o rockstar anglo-curitibano Deltan John. Em seguida, Mercuryval cede os vocais para a transmissão, ao vivo, do voto da ministra Rosa Weber, a Rita Lee do Supremo.

Os ingressos para o festival estão à venda em todos os grupos de família do WhatsApp. Ainda há lugares disponíveis no Camaroti, o camarote do Camarotti.

(Anexo B2)

A segunda desnotícia a ser analisada do blog *TPH* vai explorar um campo semântico bastante específico para tratar do julgamento e da prisão do ex-presidente Lula, assim como fez a primeira a desnotícia do blog que analisamos.

Na manchete “Merval Pereira vai fechar o Maracanã no julgamento de Lula”, o que chama atenção logo de início é o topônimo que os enunciadores atribuem, “Maracanã”, ao acontecimento de um evento jurídico, o “julgamento de Lula”. Tratando-se de um estádio de futebol, o que se atualiza aos enunciatários é a hipótese de que tal evento consista numa “cerimônia” ou num “espetáculo” de grande porte, posto que o Maracanã é o maior estádio de futebol do país com capacidade para acomodar mais de setenta mil pessoas⁶⁴. O actante que faz o anúncio também chama atenção, pois se trata de um jornalista, escritor, comentarista político e membro da Academia Brasileira de Letras, autor de vários livros, como *O lulismo no poder* (2010) e *Mensalão: o dia a dia do mais importante julgamento da história política do Brasil* (2013). Assim como na desnotícia anterior, os enunciadores elegem como actante uma figura pertencente a um grupo específico que, caso o enunciatário não esteja familiarizado, não se dará conta de quem se trata.

No primeiro parágrafo da desnotícia, os enunciadores lançam mão de outro topônimo em letras maiúsculas para ancorar a unidade desnoticiosa num determinado local, assim como fazem unidades noticiosas comuns. Observa-se que essa estratégia fora utilizada também na outra desnotícia analisada, o que indica que é uma prática comum do blog que procura emular o máximo possível de elementos emprestados do gênero jornalístico. O topônimo em questão explora a aliteração existente em “Lula” e “Lollapalooza”, um famoso festival de música⁶⁵, para criar o “Lullapalooza”. Assim, os enunciadores inauguram o campo semântico escolhido para compor a desnotícia, o da música, logo na primeira palavra.

Em seguida, dá-se o início da desnotícia: “LULLAPALOOZA – Freddie Mercuryval Pereira, o líder da banda Queen, confirmou que vai fechar mesmo o estádio do Maracanã, na tarde desta quarta-feira, para transmitir ao vivo o julgamento do ex-presidente Lula no STF”. Observa-se a criação de novos nomes a partir de semelhanças fonéticas não se restringe ao topônimo utilizado, mas estende-se também ao nome do actante “**Merval** Pereira” que vira “Freddie **Mercuryval** Pereira”, em referência a Freddie Mercury, líder da banda inglesa de rock

⁶⁴ Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-maracana-ainda-e-o-maior-estadio-do-mundo/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.lollapalooza.com/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Queen, como o próprio trecho afirma⁶⁶. No restante do trecho, impera a utilização da terceira pessoa e do tempo do “então” para relatar o anúncio do fechamento do Maracanã para a transmissão ao vivo do julgamento do ex-presidente Lula, exatamente como uma unidade noticiosa comum noticiaria. Até o momento, o percurso narrativo que o texto explora é o da busca por entretenimento, e o realiza a partir de revestimentos figurativos que evocam no enunciatário o sentido de irrealidade, pois, reconhece que determinados antropônimos foram utilizados para especializar o actante apresentado até agora a fim criar uma ilusão referencial absurda: uma mistura entre um vocalista de uma banda de rock e um jornalista.

A forma discursiva do “espetáculo” continua a ser atualizada no trecho, passando à realização na fala de “Mercuryval”:

“É o maior festival de heavy metal jurídico já organizado nesse país”, celebrou o mercurial Mercuryval, que promete tocar os grandes sucessos que o consagraram, como “Lula of My Life” e “Radio Lu La”. “E vai ter também aquele single da conversa entre o Lula e a Dilma lançado pelo Axl Moro!”

A partir da primeira fala de “Mercuryval”, percebe-se que, de fato, o julgamento do ex-presidente Lula é descrito como um “festival de heavy metal jurídico” para demonstrar que se trata de um momento de entusiasmo, agitação e animação. Assim, justifica-se a realização do evento num estádio de grande porte como o “Maracanã”, realizando a forma discursiva do “espetáculo” e da “euforia”. Pode-se observar que a realização dessa grandeza está em constante aparecimento, posto que na desnotícia anterior o julgamento de Lula também fora anunciado em um “evento do Ibama”, evidenciando como as inteligências enunciativas por trás da composição do blog mantêm um forte elo com essa forma discursiva, bem como a veiculam em um grande número de ocorrências. Assim, sua forte assunção e seu extenso reconhecimento a amplificam, integrando-a ao rol de usos correntes do blog no momento de satirizar esse episódio.

Os enunciadores utilizam o adjetivo “mercurial” para descrever o actante “Mercuryval” e instalam uma evidente ambiguidade: esse adjetivo advém de “mercúrio” e seus significados mais correntes, segundo o dicionário Michaelis, dizem respeito à área da botânica e da química. Há, porém, o registro de seu uso coloquial com o significado de “censura severa”⁶⁷. A imprensa brasileira chegou a utilizar o adjetivo para qualificação de determinado indivíduo como

⁶⁶ Apesar de não ser alvo de análises no presente trabalho, é importante apontar que a imagem que acompanha a desnotícia traz uma montagem com o rosto de Merval Pereira e uma foto que mostra Freddie Mercury e o guitarrista da banda Queen, Brian May, em show juntos. No lugar do rosto de Freddie, há o rosto de Merval Pereira.

⁶⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mercurial/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

“temperamental” ou “volátil”, sentido provavelmente emprestado do significado da palavra em inglês⁶⁸⁻⁶⁹. Assim, aliando o nome artístico escolhido para “Merval Pereira”, derivado de “Mercury”, os enunciadores revelam uma escolha lexical distinta e enriquecem a passagem, abrindo um leque de possíveis interpretações do adjetivo.

Ainda no mesmo trecho, os enunciadores adaptam nomes de duas músicas da banda Queen com o nome “Lula” para apontá-las como “grandes sucessos” que consagram o actante “Mercuryval”. Tal adaptação pode ser compreendida também como uma ambiguidade, posto que, como já citado, os livros de maior destaque de Merval Pereira como escritor também dizem respeito ao ex-presidente Lula. Assim, as inteligências enunciativas encontram uma forma de satirizar Merval Pereira a partir do campo semântico da música, explorando ainda as aliterações e outros arranjos fonéticos. “Love Of My Life” vira “Lula of My Life” e “Radio GaGa” vira “Radio Lu La”, os grandes *hits* que serão tocados no maior festival de *heavy metal* jurídico do país.

A última fala de “Mercuryval” no parágrafo evoca um horizonte referencial específico e polêmico que envolve o juiz Sérgio Moro, na desnotícia “Axl Moro”: “E vai ter também aquele single da conversa entre o Lula e a Dilma lançado pelo Axl Moro!”. No caso, o *single* diz respeito ao áudio de uma conversa entre Lula e Dilma divulgado em 2016 em que ambos tratam do “Bessias”, uma pessoa que, supostamente, levaria a Lula um documento capaz de safá-lo da prisão à época⁷⁰. Assim, percebe-se que os enunciadores mesclam elementos próprios do campo semântico da música, como “single” e o nome de um cantor famoso “Axl Rose”, com antropônimos referentes à esfera jurídica brasileira, introduzindo a partir das figuras horizontes referenciais que os enunciatários devem reconhecer. Percebe-se, ainda, que os enunciadores escolhem as figuras com cautela, pois, por se tratar de um festival de música, o “single” só pode ser representado por uma faixa de áudio, exatamente no que consiste o “furo” realizado por Sérgio Moro na divulgação das informações de beneficiamento do presidente Lula por parte do governo.

No segundo parágrafo, mais figuras e horizontes referenciais são evocados para compor a desnotícia: “Mercuryval contou que o show deve começar pontualmente às duas da tarde, com a abertura dos New Kims on the Block, a boy band estrônica do MBL”. Aqui, percebe-se a presença da figura “MBL”, o Movimento Brasil Livre, sendo representada como uma “boy

⁶⁸ Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/mercurial>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁶⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/mercurial-com-o-sentido-de-8216-temperamental-8217-esta-certo/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁷⁰ Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/dilma-cai-em-grampo-da-pf-em-conversa-com-lula.html>. Acesso em 18 dez. 2018.

band” cujo nome é uma adaptação da boy band americana “New Kids on the Block”; na desnotícia, “Kids” vira “Kims” por conta do representante de maior destaque do citado MBL, Kim Kataguirí. Os enunciadores utilizam o adjetivo “estriônico”⁷¹, relativo à pessoa que se comporta de maneira exagerada ou que costuma fazer palhaçadas, para (des)qualificar o grupo. Essa escolha revela um ponto de vista do enunciador sobre a “boy band”, o MBL, conhecido por ser um ferrenho grupo defensor do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff⁷² e também da prisão do ex-presidente Lula⁷³, responsável por convocar massivas manifestações de rua em defesa dessas causas através da Internet, onde também mantém constante atividade militante.

Ainda no mesmo parágrafo, os enunciadores evocam as figuras de Deltan Dallagnol, Elton John, Rosa Weber e Rita Lee: “Logo depois ele sobe ao palco para fazer um dueto com o rockstar anglo-curitibano Deltan John. Em seguida, Mercuryval cede os vocais para a transmissão, ao vivo, do voto da ministra Rosa Weber, a Rita Lee do Supremo”. Percebe-se que a adaptação de nomes e a correlação de figuras do âmbito político-jurídico e artístico são pensadas para trazer à tona na desnotícia essas duas esferas que, desde o início do texto, são realizadas de modo muito claro. É possível afirmar que o desfecho do “festival” está na última “atração” anunciada, o voto de Rosa Weber, que é equiparada à cantora Rita Lee provavelmente por conta da semelhança física entre as duas. Não é citado, porém, qual o desfecho do festival, ficando pressuposto que se trata da condenação do ex-presidente Lula à prisão. Tal pressuposto, porém, também se trata de um horizonte referencial o qual o enunciatário precisa reconhecer.

No último parágrafo da desnotícia, os enunciadores afirmam: “Os ingressos para o festival estão à venda em todos os grupos de família do WhatsApp”. Aqui, a escolha pela figura dos “grupos de família do WhatsApp” revela que os enunciadores procuram atualizar o sentido de que se tratam de “locais” onde há intensa veiculação de propaganda contrária ao ex-presidente Lula, por isso podem oferecer ingressos para o espetáculo em que ele é condenado à prisão. Ao encontro dessa hipótese, é importante frisar que no mesmo mês em que a desnotícia em questão foi publicada, um estudo da USP revelou que os grupos de família são os principais vetores de notícias falsas no aplicativo WhatsApp. É possível que os enunciadores tivessem

⁷¹ Chama atenção o modo como o adjetivo está escrito na desnotícia, pois, segundo o dicionário, sua correta grafia é “histrônico” por ser relativo a “histrião”, palavra derivada do latim. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/histri%C3%A3o/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁷² Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/4070648/mbl-protocola-pedido-de-impeachment-de-dilma>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁷³ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,mbl-e-vem-pra-rua-convocam-atos-pela-prisao-de-lula,70002240032>. Acesso em 18 dez. 2018.

isso em mente ao utilizarem essa figura, porém nenhum elemento no texto aponta para a atualização de grandezas discursivas relativas às “fake news”.⁷⁴

E, ao final da desnotícia, mais informações sobre a realização do evento: “Ainda há lugares disponíveis no Camaroti, o camarote do Camarotti”. Percebe-se aqui a utilização de uma espécie de anáfora que adapta o sobrenome do jornalista e escritor Gerson Camarotti com o substantivo “camarote”, um espaço separado da área comum em teatros, salas de espetáculo e shows, para criar o efeito humorístico. Gerson Camarotti é comentarista político da GloboNews e autor de dois livros: *Memorial do Escândalo* (2005), sobre a crise política do governo petista de Lula, e *Segredos do Conclave* (2013), sobre a eleição do atual Papa Francisco. Trata-se de outro actante que, assim como Merval Pereira, exige um certo nível de conhecimento por parte do enunciatário acerca do cenário político brasileiro.

Assim, percebe-se nessa desnotícia uma estratégia de composição muito semelhante da do último texto analisado: os efeitos de sentido de objetividade, atualidade e distanciamento, próprios à sintaxe discursiva, aliam-se à revestimentos figurativos que conferem o efeito de irreabilidade ao texto. Observa-se um intenso trabalho de sobreposição de antropônimos para revestir e figurativizar ambos campos semânticos da música e do âmbito jurídico e político brasileiro, resultando em antropônimos e topônimos especializados e, ao mesmo tempo, absurdos. Tais elementos evidenciam o ato de linguagem persuasivo majoritariamente explorado no texto, pois, para que o humor seja desencadeado, o enunciatário precisa reconhecer as incongruências enunciativas e as criações por parte dos enunciadores, sancionando assim o contrato veridictório baseado nas modalizações do assumir e do aderir.

Ademais, observa-se que, além do abundante investimento semântico que os actantes recebem, as escolhas dos actantes por si só demarcam a posição assumida pelos enunciadores frente ao assunto. Percebe-se que todos os envolvidos no grande “espetáculo”, isto é, os responsáveis por realizar o percurso narrativo de busca por entretenimento, são personagens resgatadas, a partir de um movimento interdiscursivo, do cenário político atual; como foi demonstrado, todos os atores presentes no texto têm forte ligação com a militância antipetista e, no texto, são descritos com intensa sensação de júbilo, pois se encontram numa situação de clímax, prestes a testemunharem o desfecho de um percurso narrativo não mencionado na desnotícia, porém conhecido pelo enunciatário. Assim, pode-se dizer que a presente desnotícia satiriza de modo muito intenso as figuras evocadas, construindo uma miríade de imagens e sentidos através das caracterizações absurdas. Os únicos atores que recebem investimento

⁷⁴ Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>. Acesso em: 18 dez. 2018.

semântico mínimo são Lula e Dilma, os actantes menos interessados no *show* prestes a se desenrolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirma Baldan (1988, p. 47), a verdade encarada como “adequação da mente com a coisa” contribuiu para a noção que por muito tempo imperou de que existe uma relação direta entre uma expressão verdadeira e a situação a que ela se refere. Compreendida como uma falácia, essa noção oculta a real natureza das línguas naturais de construção da realidade, isto é, de mediatização do mundo pela linguagem, para evidenciar apenas sua mera função representativa. Assim, para falar de verdade é preciso reconhecer que a relação estabelecida entre o homem e o mundo extrasemiótico só é possível a partir da linguagem, impossibilitando assim o entendimento de que verdade e mentira dizem respeito à adequação ou inadequação dos sentidos que a linguagem veicula com o mundo “real”.

Dessa forma, a teoria semiótica se ocupa do problema da verdade não a partir do prisma de seu sentido ontológico, mas sim a partir dos jogos entre *ser* e *parecer* que ocorrem dentro dos discursos. Como se viu, é a veridicção que versa sobre a questão da verdade, encarando-a como um efeito de sentido capaz de construir um discurso que não visa a adequação ao referente, mas sim à adesão do enunciatário ao que propõe o enunciador. Assim, a verdade é compreendida como o exercício de um fazer particular que envolve tanto enunciador quanto enunciatário: o *fazer-parecer-verdadeiro*.

A busca pela compreensão de como o site *Sensacionalista* e o blog *The Piauí Herald* realizam o exercício de fazer-parecer-verdadeiro compreendeu algumas fases: na primeira delas, analisaram-se minuciosamente as estratégias de composição das propriedades materiais dos objetos-suportes em que se inscrevem os textos desnoticiosos, a fim de apreender os sentidos construídos nesse nível de pertinência. Observou-se que os enunciadores de ambos veículos estudados empreendem grande esforço para criar um simulacro das versões virtuais de jornais prestigiosos e de portais de notícias, lançando mão de estratégias interdiscursivas de estilização para parodiar tais veículos e manterem uma semelhança que possibilita a confusão em internautas mais incautos. O site *Sensacionalista*, no entanto, logo a partir de seu *slogan* instala uma ambiguidade capaz de reconfigurar o contrato veridictório estabelecido com seu enunciatário; ao afirmar que é “isento de verdade”, atualiza dois sentidos possíveis: que é isento de enviesamento nos textos que veicula, ou que é isento de qualquer verdade. Assim, dá-se início à prática desnoticiosa do site.

As maiores diferenças entre ambos veículos estudados no que se refere ao aspecto das propriedades materiais diz respeito ao componente temporal e a disponibilização de um “arquivo” de desnotícias, presentes no blog *TPH* e ausentes no site *Sensacionalista*. Enquanto

o blog *TPH* faz questão de colocar data e hora em suas produções, além de salvá-las todas cronologicamente num arquivo acessível a qualquer internauta, o site *Sensacionalista* opta por não datar suas produções, o que conseqüentemente culmina na não possibilidade de salvá-los num arquivo, maximizando assim o potencial desnoticioso dos textos. Desnotícias que não têm data podem ser lidas a qualquer momento sem perder seu potencial humorístico, especialmente aquelas que tratam acerca de temas do cotidiano.

Ademais, ambos veículos mantêm similaridade quanto à organização dos elementos do nível matérico. As particularidades de cada um são referentes à natureza de sites e blogs, como, por exemplo, a ausência de seções e disponibilização em lista de desnotícias mais antigas do blog *TPH*. Por se tratar de um blog, tem menor autonomia para editar as configurações da página, adequando-se aos imperativos de sua matriz, a *Revista Piauí*. Já o site *Sensacionalista*, organiza-se de modo mais independente por ter domínio próprio e não manter relações com outros sites quaisquer, podendo assim criar outras possibilidades de acesso aos internautas que visitam a página. No site é possível consultar desnotícias organizadas em seções e fazer diversos caminhos de leitura por conta de sua organização hipertextual, bem como consultar listas organizadas pelos enunciadores que elencam as desnotícias de destaque.

Os elementos gráficos também veiculam sentidos diferentes em cada um dos veículos. Ambos utilizam a prestigiosa fonte que grafa o título do jornal *The New York Times* para grafar também seus títulos; assim, tanto o *TPH* quanto o *Sensacionalista* utilizam esse elemento como ferramenta de alusão interdiscursiva, remetendo diretamente à prática jornalística tradicional. Porém, as semelhanças visuais param por aí. Para escrever e veicular suas manchetes e textos, o site *Sensacionalista* usa um plano de fundo branco simples em que se inscrevem as desnotícias grafadas em fontes não serifadas, usadas em larga escala dentro da Internet por questões de legibilidade. Tal configuração, quando comparada à do blog *TPH*, revela uma diferença sensível na apreensão dos sentidos. O blog *TPH* conta com um plano de fundo personalizado, de cor acinzentada e com pequenas manchas, emulando o visual de páginas de jornais impresso. Além disso, utiliza também fontes serifadas para escrever suas desnotícias, isto é, fontes que contam com pequenos detalhes nas letras que harmonizam as palavras, utilizadas majoritariamente em livros, documentos e, principalmente, jornais impressos.

Como se viu, as fontes serifadas estão ligadas à tradição de impressão clássica romana, atreladas a valores referentes à história, à atividade humana e à cultura. Já as fontes sem serifa associam-se ao advento da sociedade industrial, sendo assim utilizadas para compor textos informativos, impessoais e objetivos; ademais, esse tipo de fonte compõe a maior parte das páginas encontradas na Internet também por questão de legibilidade, conferindo aos textos uma

maior sensação de modernidade. Assim, os valores circulados pelos enunciadores do site e do blog começam a se diferenciar a partir dos elementos gráficos escolhidos para compor a materialidade de cada um dos objetos-suportes em que se inscrevem as desnotícias; percebe-se que o site procura reproduzir elementos que o atrelam a valores contemporâneos, modernos, próprios da Internet e da era digital, enquanto o blog lança mão de elementos que conferem uma ambientação mais clássica a sua materialidade, procurando trazer à tona configurações típicas da tradição impressa. Como parâmetro de comparação, pode-se citar os portais de notícia *G1* e *R7* que, concebidos exclusivamente para a veiculação massiva de notícias na Internet, têm um conjunto de recorrências parecido com o do site *Sensacionalista*, ao passo que os elementos parodiados pelo blog *TPH* se assemelham mais ao conjunto de recorrências materiais de jornais prestigiosos, como a *Folha de S. Paulo*.

Isso nos leva à questão da produção desnoticiosa de cada um dos veículos, a segunda fase de análise do *fazer-crer-verdadeiro* do site e blog. Concebida primariamente como ferramenta metodológica de segmentação e escolha do *córpus* a ser analisado, a investigação acerca da quantidade de desnotícias produzidas e das temáticas mais abordadas no site e no blog revelou uma diferença sensível entre ambos veículos. Como demonstrado anteriormente, o site *Sensacionalista* veicula desnotícias numa frequência muito superior do que o blog *TPH*, além de satirizar assuntos relativos tanto às esferas do cotidiano, como relacionamentos afetivos, programas de televisão e redes sociais, quanto à esfera sócio-política, referente aos escândalos de corrupção, às eleições e a políticos de modo geral. Já o blog *TPH* publica um número muito menor de desnotícias, além de priorizar temáticas referentes à esfera sociopolítica.

O levantamento realizado para a coleta do *córpus* selecionou os quatro primeiros meses do ano de 2018; durante esse período, todas as desnotícias veiculadas pelo site e blog foram contabilizadas, salvas e posteriormente sistematizadas em tabelas, como se viu no capítulo 1, seção 4. O que se concluiu foi que, durante o período de coleta de dados, o site *Sensacionalista* publicou duzentas e noventa e uma (291) desnotícias, das quais 55% tratavam sobre assuntos referentes à temática do “cotidiano”. Já o blog *TPH* produziu, entre janeiro e abril de 2018, sessenta e oito (68) desnotícias, sendo que apenas 3% delas tratavam sobre o mesmo assunto, apontando para uma diferença evidente, referente não apenas à quantidade, mas também à temática. Esses dados, quando somados ao que já se sabe sobre a materialidade dos veículos e também aos postulados teóricos que versam sobre a questão do gênero, da qual trataremos agora, corroboram ainda mais com a hipótese de que os valores veiculados por cada um deles são diferentes.

Como se viu, as configurações genéricas da prática desnoticiosa foram abordadas a partir dos postulados de Jacques Fontanille (1999), que concebeu os critérios de tipo textual e tipo discursivo para estabilizar um gênero sob a congruência. No primeiro critério, a coesão das desnotícias de ambos os veículos é a mesma: os textos são de breve extensão e sua unidade de leitura é equivalente à unidade de edição. Isso significa que os enunciadores desnoticiosos concebem as desnotícias como uma narrativa curta em que todos os acontecimentos já estão dados, configurando assim um tipo textual concentrado, pois é breve e fechado. Já o segundo critério, que trata das axiologias e das formas de avaliação dos discursos, os veículos diferem entre si. Apesar de serem ambos da ordem da derrisão, o que teoricamente resultaria na circulação de valores discretos pela baixa intensidade de adesão aos valores e pela restrita extensão e quantidade de manifestações, quando se leva em conta a o sentido global do site e do blog a partir dos dados obtidos acerca da materialidade e da produção de cada um, as axiologias se modificam.

Sabe-se que as duas temáticas predominantes observadas nas composições desnoticiosas do site e do blog concernem assuntos típicos do cotidiano e assuntos referente à esfera sociopolítica. O site *Sensacionalista*, ao escrever abundantemente sobre essas duas temáticas, abrange uma extensa quantidade de manifestações; porém, a intensidade de adesão dos enunciatários é fraca, configurando a circulação de valores difusos. Já o blog *TPH*, valoriza quase que de modo exclusivo uma temática específica, a sociopolítica, abrangendo uma quantidade restrita de manifestações cuja adesão dos enunciatário é intensa, posto que são muito bem marcadas. Assim, o blog faz circular valores exclusivos, corroborando com a hipótese já traçada de que site e blog procuram emular um portal de notícias e uma revista especializada, respectivamente.

O site *Sensacionalista*, assim como o *G1* e o *R7*, prioriza o alto número de produções bem como a abrangência temática, contemplando um enunciatário interessado tanto em política quanto em assuntos cotidianos. Já o blog *TPH* assemelha-se mais a uma revista especializada, como a *Carta Capital* ou a *VEJA*, por conta da seleção dos assuntos que são abordados e pelo trabalho mais cauteloso no momento de composição do texto. O enunciador contempla um enunciatário também especializado, interessado majoritariamente em consumir textos que falem sobre política, economia e assuntos relacionados à esfera pública do país. Esses dados corroboram com as análises realizadas dos textos selecionados que apontam uma maior complexidade de composição por parte do blog *TPH*, que exige de seu enunciatário o reconhecimento de horizontes referenciais muito distintos daqueles do site *Sensacionalista*.

Assim, pode-se encarar a questão da intertextualidade e da interdiscursividade a partir do nível de pertinência das práticas, como postulou Fontanille em seu percurso gerativo da expressão (2008, p. 36). Sabendo que a prática interpretativa consiste numa transformação intersemiótica cujos denominadores são o enunciado interpretativo (fruto de uma prática discursiva específica – aqui, a desnoticiosa) e o horizonte referencial, que funciona como base à interpretação do enunciado, pode-se dizer que a preferência temática do blog *TPH* por tópicos políticos especializados e a abrangência temática do site *Sensacionalista* projetam tipos diferentes de enunciatários às suas desnotícias. Ao eleger uma temática específica para suas produções, o blog *TPH* pode explorá-la de modo mais aprofundado, trazendo à tona atores e percursos narrativos não tão óbvios e que exigem um pouco mais de seu enunciatário. Já o site *Sensacionalista*, que opta por transitar entre desnotícias acerca do cotidiano e desnotícias acerca de assuntos sociopolíticos, produz seus textos majoritariamente a partir de acontecimentos extensivamente tratados pela mídia tradicional, o que acaba exigindo menos conhecimentos especializados por parte de seu enunciatário. Tais conclusões provam-se também na análise dos textos a partir do nível dos textos-enunciados, que revelam as minúcias das composições desnoticiosas de ambos veículos e que vão ao encontro da hipótese de que os enunciatários projetados são diferentes.

O que pode se depreender a partir da análise dos textos é que a organização da sintaxe discursiva nas seis desnotícias analisadas é muito similar. Por procurar emular unidades noticiosas comuns, os enunciadores dos veículos utilizam majoritariamente as debreagens actoriais, espaciais e temporais para compor os textos desnoticiosos, responsáveis por conferir os já exaustivamente abordados efeitos de objetividade, atualidade e distanciamento. Assim, parte do *fazer-criar-verdadeiro* do site e blog desnoticiosos obedece os preceitos de um ato de linguagem de *habilitação*, que procura, a partir das modalizações do *saber* e do *poder*, informar. No entanto, o que faz uma desnotícia ser reconhecida como tal, como se viu, são as subversões enunciativas que ocorrem a nível narrativo e discursivo. É, portanto, no âmbito da semântica discursiva e nos percursos narrativos que o *fazer-criar-verdadeiro* se desvirtua, revelando a *falsidade* e a *mentira* dos textos desnoticiosos, desencadeando o humor pretendido pelos enunciadores e estabelecendo cláusulas do contrato veridictório próprios da prática desnoticiosa.

Observa-se que a maior parte das seis manchetes desnoticiosas submetidas à análise conservam as instâncias de pessoa, tempo e espaço, posto que os actantes que ali figuram são conhecidos pelo enunciatário. Destoa, porém, o percurso narrativo em que esses conhecidos actantes estão inseridos. Não é incomum ler manchetes de unidades noticiosas iniciadas por

“Polícia Federal faz busca em...”, “Petistas declaram...”, “Advogados de Lula afirmam...”, “Ibama declara extinta...”, dentre outras; no entanto, nenhum jornal prestigioso veicula notícias que contenham a emergência de uma forma como a “perseguição” a grupos políticos em sua manchete, como em “PF tem mandado com lacuna para próximo candidato do PT”, nem notícias que tratem a corrupção como um integrante da fauna brasileira, como em “Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil”. Em “Merval Pereira vai fechar o Maracanã para julgamento de Lula” tem-se uma subversão a nível discursivo, posto que o ato de “fechar o Maracanã” para a realização de algum evento grandioso não é o tipo de percurso narrativo estranho aos olhos do enunciatário, mas sim quando realizado por um actante como “Merval Pereira”, ainda mais para um acontecimento como o julgamento de um político. Assim, tanto as atividades improváveis desempenhadas por actantes conhecidos quanto actantes improváveis desempenhando percursos narrativos plausíveis são responsáveis por desencadear o humor nas manchetes desnoticiosas, configurando assim as novas cláusulas do contrato veridictório estabelecido entre enunciador e enunciatário. Ao reconhecer as subversões, o enunciatário sanciona o contrato, estando, assim, ciente da *falsidade* ou da *mentira* que os enunciados veiculam.

O site *Sensacionalista* opera os elementos da semântica discursiva, isto é, os temas e as figuras, de modo diferente do blog *TPH*, o que culmina em diferentes formas de criação de efeitos de (ir)realidade. Como apontado nas análises, os enunciadores do site revestem os actantes envolvidos nos percursos narrativos com investimento semântico reduzido, suficiente apenas para torná-los atores. Assim, na primeira desnotícia, observa-se que o sujeito em conjunção com uma campanha eleitoral pensada para daqui doze anos converte-se em ator ao ser atribuído o papel temático de “petista”, sem maiores revestimentos semânticos. Na segunda e terceira desnotícias, o mesmo ocorre já que os actantes adquirem seus papéis temáticos a partir de investimento semântico esparso, que os definem como “advogados de Aécio Neves” a partir de um saber-fazer, “pesquisador” e “especialista” a partir de percursos narrativos de busca do saber, “direção do PT” e “delegado da PF”. Assim, pode-se dizer que os percursos temáticos não são excessivamente recobertos e que os efeitos de irrealidade decorrem de outras estratégias que não a ilusão referencial, com a exceção da última desnotícia. Nesta, o percurso temático do fim da corrupção conta com um número maior de figuras que concretizam traços abstratos, como o “ladrão de galinhas” que “parou em meio ao ato”, “largou o galináceo” e rumou à “igreja” em pleno percurso narrativo de busca por redenção.

Já o blog *TPH* opera de modo contrário ao figurativizar de modo muito intenso seus percursos temáticos. Na primeira desnotícia, por exemplo, pode-se observar não só um grande

número de adjetivos que qualificam os actantes, mas também a utilização de um campo semântico não relacionado diretamente à temática da corrupção, explorado cuidadosamente, como se viu, para particularizar os percursos narrativos e o tema como um todo. A partir desse cuidado com as escolhas lexicais, os enunciadores instalam ambiguidades e enriquecem os textos, revelando também traços que podem definir seu *éthos*. Na segunda desnotícia analisada, o blog *TPH* satiriza as figuras evocadas a partir de revestimento semântico intenso, criando antropônimos e topônimos a partir de sobreposições e aliterações, caracterizando actantes a partir de adjetivos distintos, como “mercurial” e “estriônico”, e convocando um campo semântico também não diretamente relacionado ao tema do “julgamento” para explorar suas figuras, enriquecendo e figurativizando todo o texto. Bem como os enunciadores do site *Sensacionalista*, as inteligências enunciativas por trás das composições do blog também podem ter seu *éthos* delineado, porém o que se observa é que estes tomam maior cuidado para não deixarem seu posicionamento tão explícito como ocorre em algumas desnotícias do *Sensacionalista*. Assim, os enunciadores deixam-se vislumbrar a partir de discretas marcas deixadas pela enunciação, priorizando a figurativização e iconização dos textos que compõem.

No que diz respeito aos horizontes referenciais exigidos por parte do enunciador, observou-se que o site *Sensacionalista* opera com bases de interpretação mais simples que o blog *TPH*. Como se viu nas análises, as chaves de leitura mais importantes encontravam-se em antropônimos exaustivamente tratados pela mídia tradicional, bem como seus percursos narrativos, como “Lula”, “Michel Temer”, “Aécio”, “Jaques Wagner”, dentre outros. Já o blog *TPH* lança mão de antropônimos não tão óbvios, como “Merval Pereira”, “Elsinho Mouco”, “Deltan Dallagnol” e “Gerson Camarotti”, que exigem de seu enunciatário certo grau de especialização no assunto para que a transformação intersemiótica entre enunciado interpretativo e horizonte referencial aconteça com sucesso. Assim, prova-se a partir do nível de pertinência dos textos-enunciados que os enunciatários projetados pelos enunciadores são, de fato, diferentes, como já havia sido apontado nas considerações feitas acerca do nível de pertinência das práticas.

A respeito da práxis enunciativa de cada um dos veículos, pode-se observar que em três das seis desnotícias analisadas a forma discursiva do “epicentro da corrupção”, personificado na figura de Lula, emergiu e foi realizado nos textos. Isto é, segundo os pressupostos teóricos do devir dos objetos e dos modos de existência, essa grandeza tem sido amplificada pelos enunciadores tanto do site quanto do blog, o que indica que se trata de uma forma viva e inovadora, fixada pelo uso. A maneira como cada um dos veículos realiza essa forma discursiva, porém, é diferente. Enquanto o blog *TPH* a reveste semanticamente de figuras como “extinção”,

“sapo barbudo” e “perigosíssima espécie”, o site *Sensacionalista* utiliza a mesma figura do “roubo de galinhas” em duas ocasiões diferentes para indicar que até o menor dos delitos deixou de ser praticado após a prisão do ex-presidente Lula.

Além disso, as formas discursivas da “imunidade” e da “perseguição” também emergem e se realizam em três dos seis textos, complementando uma a outra. Quando os textos faziam referência a antropônimos e figuras relacionadas ao partido do PSDB e PMDB, como “Aécio Neves”, “tucanos”, “aves de rapina” e “víboras”, emergia a “imunidade” em que tais atores estavam envolvidos quanto às denúncias de corrupção; já quando os textos faziam referência a antropônimos como Lula, Dilma e “próximo candidato do PT”, emergia a “perseguição” de natureza política que tais atores estavam expostos. “Aécio Neves”, inclusive, recebe o papel temático de “plano B do PT” na narrativa de busca por justiça da “direção do PT”. Tais escolhas apontam diretamente para a tomada de posição dos enunciadores quanto aos assuntos, claramente criticando a postura de órgãos públicos responsáveis por investigações criminosas.

Apesar disso, os enunciadores não se colocam como “defensores” dos “injustiçados”. O site *Sensacionalista*, mais do que o blog *TPH*, deixa claro seu ponto de vista quanto aos “petistas” e aos políticos do partido envolvidos em casos de corrupção. Como se viu na primeira e na segunda desnotícias analisadas do site, as inteligências enunciativas satirizam a “perseverança”, o “otimismo” e o “fanatismo” de apoiadores do PT, além de, numa clara manifestação, expressarem o desejo de ver “o PT tomar vergonha na cara”, como visto na desnotícia sobre Jaques Wagner.

Assim, na confluência de todos esses elementos, que passam pelas propriedades materiais dos veículos, pelos postulados acerca do gênero, pelos horizontes referenciais exigidos pelos enunciadores na atividade interdiscursiva, na análise dos textos-enunciados e também nas observações acerca da práxis enunciativa de cada um dos veículos, pode-se definir as semelhanças e dessemelhanças entre blog e site.

Conclui-se que ambos praticam o mesmo gênero discursivo, posto que exploram o mesmo tipo textual concentrado e o mesmo ato de linguagem persuasivo, porém, diferem quanto aos valores que circulam. Enquanto o site é mais assíduo e trata de assuntos muito mais amplos – é importante lembrar que 45% da produção desnoticiosa do *Sensacionalista* não trata sobre assuntos sociopolíticos –, o blog veicula textos quase que estritamente sobre o mesmo tema, publicando ainda um número muito pequeno de desnotícias. Além disso, a materialidade que os compõem também circula valores que diferem entre si e vão ao encontro da orientação geral de cada um deles. O site, ao promover a abundância de (des)informações a partir de elementos gráficos típicos da era digital, aproxima-se da prática de grandes portais de notícia

que lançam mão dos mesmos elementos e que procuram publicar textos informativos tão rapidamente quanto eles acontecem. Já o blog, ao selecionar os assuntos que serão tratados e registrar suas composições a partir de elementos que evocam valores mais tradicionais, aproxima-se da prática de um periódico especializado como a *Carta Capital*, a *VEJA* ou até mesmo sua própria matriz, a *Revista Piauí*.

Tais semelhanças se confirmam quando são analisadas as estratégias de composição das desnotícias. No site, percebe-se que os temas são tratados de modo menos complexo do que no blog, algo que se é esperado de um veículo que prioriza a abrangência e a grande quantidade de textos veiculados. O que surpreende, no entanto, é a tomada de posição mais marcada dos enunciadores do site, já que se esperava que isso ocorresse no blog por conta de sua direta filiação com a *Revista Piauí* e sua semelhança com a prática de revistas especializadas. Conclui-se que é exatamente a independência do site *Sensacionalista* que confere a ele maior liberdade de manifestação, diferentemente do que acontece com o blog que, apesar de advir de uma revista cuja orientação ideológica é evidente, não procura emular esse comportamento tão marcadamente.

Delineia-se, por fim, o conjunto de recorrências que definem o *éthos* de cada um dos veículos escolhidos para análise. Enquanto o site compõe seus textos de modo mais informal e sucinto, condensando as desinformações que gostaria de veicular em textos mais curtos e menos complexos, o blog adota um tom mais cerimonioso e pormenorizado, explorando os campos semânticos e percursos narrativos que escolhe, além de exigir de seu enunciatário o resgate de outras cenas e horizontes referenciais mais específicos. Nesse quesito, site e blog distanciam-se de modo muito sensível, já que os textos compostos pelo site evocam interdiscursos mais acessíveis, como acontecimentos exaustivamente abordados pela mídia e antropônimos conhecidos. Já o blog explora antropônimos específicos de um dado nicho da política brasileira, bem como horizontes referenciais menos disseminados. Pode-se dizer, portanto, que o enunciatário contemplado por cada um dos veículos é diferente, já que, para se ler e compreender integralmente o humor pretendido pelo blog *TPH*, é preciso ter um conhecimento mais especializado acerca da esfera sociopolítica brasileira, enquanto o mesmo não é necessário para a leitura do site *Sensacionalista*, cujo conteúdo é mais descomplicado ao cidadão médio. Assim, corrobora-se ainda a hipótese de que os valores veiculados pelo site e pelo blog são diferentes, atestando e asserindo a circulação de valores difusos pelo site e exclusivos pelo blog.

Desse modo, evidencia-se o diferente modo de desnoticiar de cada um dos veículos, objetivo proposto ao início deste trabalho e abordado de maneiras complementares. Apesar de oriundos do mesmo gênero, direcionam suas composições em direções diferentes, projetando

enunciatórios diferentes e tratando dos mesmos assuntos de formas distintas. Percebe-se assim que o humor e absurdo podem ser tratados de modo mais ou menos específico, abrangendo mais ou menos leitores ideais.

Assim, são consideradas profícuas as análises realizadas e se reconhece o valor de atestar como se dão tais novas práticas discursivas disseminadas em meio virtual, especialmente por conta da configuração social, política e histórica em que este trabalho se insere. Na era da abundância de informações, leitores encontram dificuldades em distinguir a *verdade* da *mentira* e, como afirma Greimas (2014, p. 124-125) em nossa epígrafe, “o saber adquirido sobre as armadilhas do saber se mostra um antídoto absolutamente ineficaz”, porém, há de se continuar tentando desvendar as estratégias concebidas para confundir, manipular e influenciar, principalmente aos estudiosos das teorias da linguagem. É nesse contexto que o presente trabalho procura esclarecer as formas de trabalhar o discurso para fins humorísticos, porém reconhece que existam objetivos mais perversos do que o simples fazer rir.

BIBLIOGRAFIA

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandin. Veridicção: um problema de verdade. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 32, p. 47-52, 1988. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3797>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2002.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BEYAERT-GESLIN, Anne. *L'image préoccupée*. Paris: Hermès-Lavoisier, 2009.

_____. Autenticidade e sinceridade na fotografia de reportagem. *Galáxia*, São Paulo, n. 19, p. 191-212, jul. 2010.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974. t. 2.

_____. *Problemas de lingüística geral*. Tradução Maria da Glória Novak. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. t. 1.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CARVALHO, Flaviane. A semiótica social das cores e das formas tipográficas: conceitos, categorias e aplicações. *Discursos contemporâneos em estudo*, Brasília, v. 2, p. 47-56, 2013. Disponível em: <https://www.cepadic.com/pdf/dcee2.pdf#page=47>. Acesso em: 22 dez. 18.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo. *Itinerários*, Araraquara, n. especial, p. 77-89, 2003. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2673>. Acesso em: 12 jan. 2016.

_____. *As astúcias da enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006a. Cap. 7. p. 161-193.

_____. Enunciação e semiótica. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia (Orgs.). Émile Benveniste: interfaces enunciação e discurso. *Letras*. n. 33, jul./dez. 2006b, PPGL Editores, UFSM. p. 51-67. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924>. Acesso em: 26 set. 2018.

_____. Práxis enunciativa. *Coleção Mestrado em Linguística: Nas trilhas do texto*, Franca, v. 5, p. 53-73, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/329/259>. Acesso em: 16 set. 2018.

_____. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-162.

FONTANILLE, Jacques. *Le savoir partagé: sémiotique et théorie de la connaissance chez Marcel Proust*. Paris/Amsterdam/Filadélfia: Editions Hadès-Benjamins, 1987.

_____. *Sémiotique et littérature*. Essais de méthode. Paris: PUF, 1999.

_____. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.

_____. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2015.

FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Amsterdam: Hadés-Benjamins, 1985.

GOMES, Regina Souza. A modalização em reportagens jornalísticas. *Diadorim: Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 207-221, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3883>. Acesso em: 27 set. 2018.

_____. Uma abordagem semiótica da modalização na mídia impressa. *Estudos Linguísticos / Linguistics Studies*, Lisboa, v. 5, p.195-212, 2010

_____. Aspectualização e modalização no jornal: expectativa e acontecimento. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 2, São Paulo, Novembro de 2012, p. 11–20. Acesso em 27 set. 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: Pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1966.

_____. “L’Énonciation: une posture épistémologique”. In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, nº 1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974. p. 09-25.

_____; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

_____. *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos*. Florianópolis: Ed. da Ufsc, 1993.

_____. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Pontes, 1992.

_____. *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido*. *Galáxia*, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: Aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

MENDES, Conrado Moreira. *Semiótica e mídia: Uma abordagem tensiva do fait divers*. 2013. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Orgs.). *Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008, p. 93-113.

_____; SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A noção de gênero em semiótica. *In*: PORTELA, Jean Cristtus *et al* (Org.). *Semiótica: identidade e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 69-95. Disponível em: http://www.academia.edu/24648940/A_noção_de_gênero_em_semiótica. Acesso em: 28 ago. 2017.

PRADO, Maria Goreti Silva. *A enunciação na semiótica discursiva: Um estudo historiográfico*. 2018. 162 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2018.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. *Cartas marcadas: Prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro*. 2009. 293 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2009.

ANEXOS

Anexo A

A1.

Fale conosco / Anuncie Mídia Kit f i t v

Sensacionalista

isento de verdade

HOME VÍDEOS PAÍS ESPORTE ENTRETENIMENTO MUNDO DIGITAL LISTAS COMPORTAMENTO CAMISETAS 

País

Pena de Lula pode aumentar para 12 anos e petistas já começam campanha #Lula2030

 Compartilhar no Facebook  Tweet no Twitter  



Com dois votos a favor da manutenção da condenação e faltando apenas o voto do desembargador Victor Laus, o ex-presidente Lula deve ser condenado e sua pena aumentada para 12 anos e um mês.

A provável condenação fez com que petistas já lançassem, na tarde de hoje, a campanha #Lula2030.

“Gostaríamos inclusive de agradecer a sentença que possibilitou que o fim da pena fosse exatamente em ano eleitoral” disse Leonardo Mendonça.

A2.



Lula contrata advogado de Aécio e vai disputar eleições

Petista estaria impedido após condenação em segunda instância mas achou a solução para concorrer

Por [Sensacionalista](#)
 © 2 fev 2018, 12h35 - Publicado em 2 fev 2018, 12h20



O PT mudou a estratégia de defesa e contratou os advogados de Aécio Neves (Nelson Almeida/AFP)

Após a condenação a 12 anos de prisão em segunda instância, o PT mudou a estratégia de defesa e contratou os advogados de Aécio Neves.

Com isso, Lula está virtualmente garantido na urna em outubro, disseram especialistas ao Sensacionalista.



Segundo uma pesquisa bancada por FIESP e Bovespa, desde que Lula foi condenado a corrupção foi extinta do país. "Não houve sequer um roubo de galinha desde que o PT desapareceu da vida pública", disse o responsável pelo estudo.

Segundo um outro estudo, a prisão de Aécio Neves é o novo Pokémon Go: todo mundo falou muito a respeito mas agora ninguém se lembra mais.

Newsletter

Conteúdo exclusivo para você

Nome

E-mail

Aceito receber ocasionalmente ofertas especiais e de outros produtos e serviços do Grupo Abril.
[Política de Privacidade](#)

Quero Receber



EDIÇÃO DA SEMANA
 2612 - 12/12/2018
[Acesse o índice](#)

Assine

Leia grátis por 30 dias no

Política
Intrigas, acusações e mágoas

Política
A sorte está lançada

Política
O velho lance

Mundo
Macron piscou primeiro

Economia
Longe da perfeição

Mais vistas

- 1 Nova paralisação de caminhoneiros tem baixa adesão
- 2 Jornalista Chico Lang lamenta morte do filho após queda de prédio
- 3 Sete assessores de Flávio Bolsonaro fizeram depósitos para ex-motorista
- 4 Discurso grotesco de Bolsonaro extrapola todos os limites
- 5 Prefeito de Niterói é preso em operação contra desvios nos transportes
- 6 Receita abre consulta ao 7º lote de restituições de IR de 2018
- 7 Produtor explica mudança de sexo de personagem de 'Cavaleiros do Zodíaco'
- 8 Todo cuidado é pouco
- 9 Para Moro, Bolsonaro já esclareceu caso de ex-assessor do filho
- 10 Fernanda Montenegro defende classe artística: 'não somos ladrões'

A3.

veja
Jair Bolsonaro IRPF Prêmio Veja-se Revista Newsletter Palavras cruzadas Gastronomia
Assine

ELEIÇÕES

Sensacionalista

isento de verdade

SIGA

Revista VEJA

PF tem mandado com lacuna para próximo candidato do PT

A direção do partido diz que planeja circular o nome de Aécio Neves como novo plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado

Por [Sensacionalista](#)
 © 2 mar 2018, 06h00



O ex-governador da Bahia Jaques Wagner (Fernando Cavalcanti,)

Após revistar a casa de Jaques Wagner e levar papéis e computadores, a PF conseguiu na Justiça um mandado de busca com o espaço para o nome do próximo plano B do PT em branco. “Não queremos que achem que é perseguição”, disse um delegado da PF. “Por isso, quando um novo candidato surgir, mostramos que o mandado para entrar em sua casa foi lavrado muito antes. Só o nome que é colocado no dia.”

A direção do PT diz que planeja circular o nome de Aécio Neves como novo plano B de Lula só pelo prazer de vê-lo ser investigado. Na casa de Wagner, a PF encontrou relógios de luxo e suspeita que sejam presentes de empreiteiras. Por coincidência, todos os relógios estavam sincronizados e apontavam a mesma hora: hora de o PT tomar vergonha na cara.

Publicado em VEJA de 7 de março de 2018, [edição nº 2572](#)

Newsletter

Conteúdo exclusivo para você

Nome

E-mail

Aceito receber ocasionalmente ofertas especiais e de outros produtos e serviços do Grupo Abril.

[Política de Privacidade](#)

Quero Receber



O DIA EM QUE O GOVERNO RUÍU

Assine

Leia grátis por 30 dias no [GoRead](#)

Política

Intrigas, acusações e mágoas

Política

A sorte está lançada

Política

O velho lance

Mundo

Macron piscou primeiro

Economia

Longe da perfeição

Mais vistas

- 1 Nova paralisação de caminhoneiros tem baixa adesão
- 2 Jornalista Chico Lang lamenta morte do filho após queda de prédio
- 3 Sete assessores de Flávio Bolsonaro fizeram depósitos para ex-motorista
- 4 Discurso grotesco de Bolsonaro extrapola todos os limites
- 5 Prefeito de Niterói é preso em operação contra desvios nos transportes

A4.

Fale conosco / Anuncie Mídia Kit

f i t d

Sensacionalista

isento de verdade

HOME VÍDEOS PAÍS ESPORTE ENTRETENIMENTO MUNDO DIGITAL LISTAS COMPORTAMENTO CAMISETAS Q

> PROMOÇÃO <

NexGard
Contra pulgas & carrapatos

COMPRE >
3 tabletes

GANHE
1 EXPERIÊNCIA PARA VOCÊ
OU PARA O SEU CÃO.

SAIBA MAIS

CONSULTE O BOOM-BRANDO DE
WWW.PROMOCAONEXGARD.COM.BR

País

Após 518 anos, Brasil finalmente se livra da corrupção para sempre

f Compartilhar no Facebook

t Tweet no Twitter

G+

p



Novo

KaBuM! -
KaBuM.com.br

O STF ainda não terminou de votar se aceita ou não o pedido de habeas corpus feito pela defesa do ex-presidente Lula, mas o placar demonstra que ele será rejeitado.

Com isso, o país se livra para sempre da corrupção endêmica que marcou sua vida política desde a chegada dos portugueses em 1500.

Após a prisão de Lula, um ladrão de galinhas parou em meio ao ato, levou a mão à cabeça e

largou o galináceo no chão. "Senti uma coisa na hora que a Rosa Weber votou e fui direto para a igreja", disse.

Michel Temer recusou uma negociata oferecida a ele e Moreira Franco chamou a ambulância. "Não precisá-la-ei", disse. "A corrupção acabou, você não ficou sabendo?"

No novo Brasil sem corrupção, o Congresso não é o mais denunciado por crimes na história do país, o presidente em exercício não comprou votos com emendas para se salvar por denúncias escabrosas registradas em áudio por duas vezes, o candidato do maior partido de direita não teve seu nome associado a uma máfia de desvio de verbas do metrô e de merenda de crianças e o comandante das Forças Armadas não intimida o Supremo.

Anexo B

B1.

piauí INÍCIO ASSINE
👤 🔍 ☰

The piauí Herald

Ibama declara que corrupção está extinta no Brasil

26jan2018_16h16

f 🐦 ✉

RESERVA NATURAL JOSÉ SARNEY – “A corrupção sai dos livros de contabilidade para entrar para os livros de história”, disse Elsiinho AttenMouco, marqueteiro e biólogo, em evento em que o Ibama anunciou a extinção da corrupção no Brasil. Vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol, AttenMouco apresentou powerpoints mostrando que, com o resultado do julgamento de Lula, casos de corrupção não existem mais no país e afirmou: “Agora que nós cuidamos dessa perigosíssima espécie, o sapo barbudo, nós podemos pensar em ir atrás do problema do mosquito febre amarela”.

Indagado por repórteres sobre casos de corrupção envolvendo o governo Temer e integrantes do PSDB, AttenMouco foi veemente: “Essa é a chamada ‘EcôCorrupção’. Ela é encontrada em cativeiro, mas é sustentável, pois não abala o bioma da classe média”.

No mesmo evento, o órgão também anunciou o aumento das verbas para o FPTVAR, o Fundo de Proteção a Tucanos e Velhas Aves de Rapina, e a contratação, sem licitação, de uma empresa especializada em alimentação de víboras ligada à cúpula do PMDB.

B2.

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS LOJA VIRTUOL UOL BUSCA BATE-PAPO EMAIL

FOLHA DE S. PAULO Opinião Política Mundo Economia Cotidiano Esporte Cultura F5 TV Folha Sobre Tudo Assine a Folha

piauí INÍCIO ASSINE

The piauí Herald

Merval Pereira vai fechar o Maracanã no julgamento de Lula

03abr2018_16h23

f t e



“Hoje é dia de habeas corpus, bebê”, declarou o ministro Gilmar Mendes

LULLAPALOOZA – Freddie Mercuryval Pereira, o líder da banda Queen, confirmou que vai fechar mesmo o estádio do Maracanã, na tarde desta quarta-feira, para transmitir ao vivo o julgamento do ex-presidente Lula no STF. “É o maior festival de heavy metal jurídico já organizado nesse país”, celebrou o mercurial Mercuryval, que promete tocar os grandes sucessos que o consagraram, como “Lula of My Life” e “Radio Lu La”. “E vai ter também aquele single da conversa entre o Lula e a Dilma lançado pelo Axl Moro!”

Mercuryval contou que o show deve começar pontualmente às duas da tarde, com a abertura dos New Kims on the Block, a boy band estrônicã do MBL. Logo depois ele sobe ao palco para fazer um dueto com o rockstar anglo-curitibaano Deltan John. Em seguida, Mercuryval cede os vocais para a transmissão, ao vivo, do voto da ministra Rosa Weber, a Rita Lee do Supremo.

Os ingressos para o festival estão à venda em todos os grupos de família do WhatsApp. Ainda há lugares disponíveis no Camaroti, o camarote do Camarotti.